



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

GIOVANNA GARCIA TICIANELLI

UMA MULHER NO ESPORTE:
Diálogos e rupturas de Maria Esther Bueno

Campinas
2019

GIOVANNA GARCIA TICIANELLI

UMA MULHER NO ESPORTE:
Diálogos e rupturas de Maria Esther Bueno

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação na área de concentração em Educação.

Supervisora/Orientadora: PROF^a DRA HELENA ALTMANN

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA GIOVANNA GARCIA TICIANELLI, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. HELENA ALTMANN.

Campinas
2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

T436m Ticianelli, Giovanna Garcia, 1993-
Uma mulher no esporte : diálogos e rupturas de Maria Esther Bueno /
Giovanna Garcia Ticianelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Helena Altmann.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Bueno, Maria Esther Bueno, 1939-2018. 2. Mulheres atletas. 3. Gênero.
4. Tênis (Jogo). I. Altmann, Helena, 1973-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A woman in sport : dialogues and ruptures of Maria Esther Bueno

Palavras-chave em inglês:

Bueno, Maria Esther Bueno, 1939-2018

Women athletes

Gender

Tennis (Match)

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Helena Altmann [Orientador]

Carmen Lúcia Soares

Viviane Teixeira Silveira

Data de defesa: 29-04-2019

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9576-4086>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3304989248835824>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**UMA MULHER NO ESPORTE: diálogos e rupturas de
Maria Esther Bueno**

Autor : Giovanna Garcia Ticianelli

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^ª Dra Helena Altmann
Prof^ª Dra Carmen Lucia Soares
Prof^ª Dra Viviane Teixeira Silveira

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2019

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que lutam para ser sujeito de seus desejos. Para que sejamos resistência e continuemos conquistando nosso espaço.

AGRADECIMENTOS

A ideia dessa pesquisa começou em um momento reflexivo no fim da graduação! No meu último semestre estava participando da disciplina de História do Esporte com a Prof^a Carminha e precisávamos elaborar um projeto dentro da temática. Revirei meus pensamentos, revivi minha trajetória e me recordei do tênis, um esporte que foi presente na minha adolescência e que fez parte das minhas experiências esportivas. A partir dele, lembrei de Maria Esther Bueno, uma figura brasileira importante para a modalidade e um dos meus ídolos de vida. Com essas lembranças resolvi procurar o que já havia sido pesquisado sobre ela e me surpreendi com a falta de trabalhos, foi então que propus esse projeto para a disciplina.

Minhas pesquisas já eram embasadas pelos estudos de gênero e isso influenciou a lembrança de uma mulher, o que corroborou com o entusiasmo que tive para iniciar o mestrado com essa temática.

Desde já então, gostaria de agradecer a Prof^a Dra. Carmen Lucia Soares, por ser alguém fundamental na minha trajetória desde 2012, no primeiro ano de graduação, quando nos conhecemos. Sua história de vida, suas pesquisas, seu rigor acadêmico, me inspiram e me movem nesse percurso formador. Obrigada por ser a professora e pesquisadora incrível que é e por estar presente na minha história.

Gostaria de agradecer a Prof^a Dra. Helena Altmann, orientadora dessa pesquisa, por ter aceitado a proposta desse projeto e pela nossa parceria desde 2012 quando escrevemos nosso primeiro projeto de iniciação científica juntas. Nossa trajetória foi marcada por trabalhos bem avaliados, por sua presença constante na elaboração, correção e melhoria da escrita. Sua orientação foi essencial para a execução e sucesso desse trabalho.

Logo que ingressei no programa consegui uma bolsa da Capes, agradeço a essa instituição por ter financiado os primeiros meses dessa pesquisa.

No primeiro ano trabalhei dando aulas de natação na Academia Tribos do Corpo. Agradeço imensamente a Helena, pela sua paciência em me ensinar questões burocráticas, por ter sido flexível e possibilitar que eu trabalhasse e realizasse a pesquisa. Agradeço à Carol, por ter me ensinado a dar aulas para as crianças e também pela flexibilidade para me ajudar a conciliar os dois compromissos. Agradeço a Bianca, a Gabi, a Kris e ao Mauro pela parceria, por ter tornado essa experiência divertida e prazerosa.

Foi nesse primeiro ano que conheci a Prof^a Dra. Viviane Teixeira Silveira e estabelecemos um contato profissional e pessoal. Agradeço pelo aceite em participar da banca desde a qualificação, pelas contribuições ao trabalho, pelas broncas nas minhas crises de desespero! Obrigada por me apresentar tantas coisas boas, autoras feministas, literaturas, dicas francesas, por dialogarmos angústias e felicidades.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, durante os primeiros meses.

Agradeço ao financiamento obtido através do processo nº 2017/05146-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela possibilidade de participação em congressos nacionais e internacionais e exclusividade à pesquisa.

Foi um momento de continuidades de amizades. Agradeço a Gabi, a Luana e a Marina, pela amizade desde a graduação, pelas conversas, risadas, experiências, bares! Vocês são um pilar essencial na minha trajetória e tem um lugar especial nesse trabalho.

Agradeço ao meu amigo Deko, por tirar sarro nos meus momentos de desespero e transformar a angústia em risada. Por estar sempre ao meu lado quando eu preciso, pela parceria dos treinos à cachaça!

Quero deixar um espaço especial de agradecimento a minha mãe e ao meu pai, eles que sempre me incentivaram a fazer o que eu queria. Estiveram ao meu lado nas minhas escolhas, me apoiando, me dando o amparo necessário para que eu me realizasse e fosse feliz. Minha mãe por ser meu exemplo de mulher, por ser a pessoas mais generosa que conheço, por ter abdicado tanto das suas vontades por mim, pela Ma e pelo Ga. Ao meu pai por ter me ensinado princípios fundamentais para encararmos a vida, por me colocar na realidade e sempre me fazer pensar nas minhas escolhas.

A minha irmã Marianna, pela sensibilidade, companheirismo, choros e risadas. Por me trazer de volta à realidade quando me perco nas aventuras da mente.

Ao meu irmão Gabriel pela alegria em viver, por estar sempre disposto a ajudar, pelo carinho e atenção no nosso dia-a-dia.

A Rebeca agradeço por ter me ensinado a pensar, a sentir, a me constituir como alguém e a amar. Obrigada pelo companheirismo, pela sinceridade e pela lealdade.

RESUMO

Maria Esther Bueno foi uma importante tenista brasileira e internacional, venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis do mundo. A tenista inseriu-se no esporte em uma época em que a participação das mulheres já era permitida, mas menos frequente e diversificada se comparada ao período atual. O objetivo dessa pesquisa foi compreender os processos que possibilitaram à Maria Esther Bueno tornar-se uma grande atleta em uma época de baixa inserção das mulheres no esporte competitivo no Brasil. Foram analisadas as incidências da tenista em matérias dos jornais “O Estado de São Paulo” e “O Globo”. O primeiro foi patrocinador da tenista, inovando na escolha da atleta, por ser um período em que as mulheres ainda estavam se inserindo no ambiente competitivo esportivo no Brasil e essencial para que ela pudesse dedicar-se exclusivamente ao tênis e realizar suas viagens internacionais para os maiores campeonatos do período. Além do patrocínio, a carreira da tenista foi marcada pelo seu jogo ofensivo inovador, que a fez a melhor jogadora do mundo e vencedora dos maiores torneios de tênis, e pelas roupas costuradas exclusivamente para ela, favorecendo seus movimentos e gestos esportivos. Estes ora considerados viris e eficientes, ora delicados. Assim como suas roupas, ora relacionadas ao universo feminino com cores e cortes, ora com o movimento e a eficiência. Essa dualidade na representação de Maria Esther Bueno foi recorrente, representando um gênero esportivo, isso é, uma relação entre aspectos femininos e masculinos ao constituir os elementos da carreira da tenista. Esse gênero esportivo e essa maneira de retratar mulheres atletas foi relevante para a transição entre uma prática não institucionalizada para uma esportiva competitiva no tênis. Pesquisar a carreira de Maria Esther Bueno nos mostrou os elementos que ela propagou através das suas conquistas, com a inovação do seu jogo potente e das suas roupas especializadas e nos trouxe a reflexão entre os elementos conservadores e inovadores ao representar uma mulher em um ambiente competitivo.

ABSTRACT

Maria Esther Bueno was an important Brazilian and international tennis player, she won the biggest and most recognized tennis tournaments in the world. The tennis player was inserted in the sport in a time in which the participation of the women was already allowed, but less frequent and diversified when compared to the current period. The objective of this research was to understand the processes that enabled Maria Esther Bueno to become a great athlete in an era of low insertion of women in the competitive sport in Brazil. We analyzed the incidences of the tennis player in matters of the newspapers "O Estado de São Paulo" and "O Globo". The first was sponsor of the tennis player, innovating in the choice of the athlete, because it was a period in which women were still entering the competitive sporting environment in Brazil and essential so that she could devote herself exclusively to tennis and to make their international trips to the major championships of the period. In addition to the sponsorship, the tennis career was marked by her innovative offensive game, which made her the best player in the world and winner of the biggest tennis tournaments, and the clothes tailored exclusively for her, favoring her movements and sports gestures. These are now considered virile and efficient, sometimes delicate. Just like her clothes, now related to the female universe with colors and cuts, now with movement and efficiency. This duality in the representation of Maria Esther Bueno was recurrent, representing a sporting genre, that is, a relation between feminine and masculine aspects when constituting the elements of the tennis career. This sporting genre and this way of portraying female athletes was relevant to the transition from a non-institutionalized practice to a sportive competitive sneaker. Researching the career of Maria Esther Bueno has shown us the elements she has propagated through her achievements, the innovation of her potent game and her specialized clothes and brought us the reflection among the conservative and innovative elements when representing a woman in a competitive environment.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1 Metodologia	19
2. Trajetória da carreira de Maria Esther Bueno	24
2.1 Presença e destaque nos campeonatos nacionais	24
2.2 Transição dos campeonatos nacionais para os internacionais	27
2.3 Êxito mundial.....	32
2.4 Fim da carreira	40
3. A institucionalização do tênis no Brasil.....	43
3.1 O contexto do tênis mundial	47
3.2 A presença das mulheres no contexto brasileiro do tênis	55
4. Patrocínio e eficiência esportiva: elementos de Maria Esther Bueno	72
4.1 “Saques e voleios de Estherzinha levaram-na às manchetes”	72
4.2 Eficiência esportiva, treinamento corporal	77
5. Considerações finais.....	92
Referências bibliográficas	96

1. Introdução

Maria Esther Bueno (11/10/39 – 08/06/18) foi uma importante tenista reconhecida nacional e internacionalmente. Venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis do mundo, entre eles: Wimbledon, U.S. Open, Open da Austrália e Open da França. Na época em que jogou, entre 1950 e 1970, era comum atletas participarem dos campeonatos nas modalidades simples, duplas e duplas mistas. Somando todos os títulos nessas modalidades, Maria Esther totalizou 19 vitórias nesses campeonatos, sendo que em 1960, de forma inédita no cenário mundial, ela foi campeã de todos os *Grand Slams*¹.

A tenista, que nasceu em São Paulo no dia 11 de outubro de 1939, se aproximou do tênis por influência da sua família: todos jogavam. A casa em que vivia situava-se próxima ao Clube Regatas do Tietê e era aí que Maria Esther Bueno praticava o jogo, principalmente com o seu irmão Pedro².

Foi com Pedro que Maria Esther treinou para os seus campeonatos e adquiriu um saque potente que assustava suas adversárias. Juntamente com o seu saque, a tenista era conhecida por possuir um jogo ofensivo, diferentemente do que era propagado nas escolas mais tradicionais de tênis para as mulheres, em que o jogo defensivo predominava (CARTA e MARCHER, 2004).

Apesar de Maria Esther Bueno ter sido a maior tenista brasileira de todos os tempos, com reconhecimento também em âmbito internacional, no campo científico, sua trajetória e conquistas para a mulher no esporte não têm sido objeto de atenção. Não foram encontradas pesquisas científicas que se debruçassem sobre sua trajetória e carreira. No Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) e na base de dados Scopus nenhum documento foi encontrado com a palavra “Maria Esther Bueno³”.

A inserção das mulheres no esporte é resultado de conquistas, muitas delas protagonizadas por atletas dentro do esporte de alto rendimento. Diferentemente de Maria Esther Bueno, a trajetória de outras mulheres atletas brasileiras tem sido objeto de atenção de pesquisas e produções bibliográficas. Nascimento (2012) retrata seis histórias de vida de

¹ Essas informações foram retiradas de uma entrevista localizada no link: <http://globosatplay.globo.com/globonews/v/4875789/>. Visualizado em 10/05/16.

² Informações contidas no site: www.mariabueno.org. Visualizado em 10/05/16.

³ Pesquisas realizadas em setembro de 2018.

jogadoras participantes dos Jogos Olímpicos de Atlanta (Jacqueline, Sandra, Ida, Ana Moser, Hortência e Paula). Romariz, Devede e Votre (2007) constroem argumentos dialogando com o livro *Atleta, substantivo feminino: vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos* em que 20 atletas olímpicas são apresentadas. Trindade e Lerina (2013) explicitam o contexto das maratonas nos Jogos Olímpicos e as mulheres brasileiras participantes.

Essas e outras pesquisas são direcionadas às atletas olímpicas. Essa é uma das hipóteses para o fato de que a carreira de Maria Esther Bueno tenha sido invisibilizada no ambiente acadêmico, uma vez que os Jogos Olímpicos servem como recorte para muitas pesquisas e o tênis inseriu-se nos Jogos apenas em 1988, em Seul.⁴

Maria Lenk, nadadora brasileira, retratou sua própria história em uma autobiografia intitulada *Braçadas e abraços*, que se transformou em objeto de análise para trabalhos acadêmicos, como em Farias (2009). Além de atletas, também há biografias de outras personagens, como a escritora conhecida como Pagu que possui um núcleo de estudos de gênero com o seu nome no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Campos, 2014).

Farias (2011) realizou um trabalho semelhante ao projeto aqui proposto ao entrevistar Eliane Pereira de Souza e Aída dos Santos, duas mulheres brasileiras que foram atletas de natação e atletismo respectivamente, entre os anos 1960 e 1970. Seu objetivo foi:

Através dessas memórias de gênero reconstruir as experiências dessas atletas brasileiras que, entre silêncios, tensões, rupturas e conformidades, protagonizaram importantes conquistas pela emancipação e pela afirmação das suas múltiplas identidades numa conjuntura marcada por uma ditadura militar (FARIAS, 2011, p. 915).

Através das relações construídas entre gênero, classe e raça essas trajetórias foram explicitadas e os fatores que constituíram a história dessas mulheres como atletas brasileiras nesse período foram demonstrados. Assim como faremos a partir da carreira de Maria Esther Bueno e da perspectiva de gênero.

Há estudos que visibilizam trajetórias de atletas em diferentes períodos e esportes, mas no tênis não foram encontradas pesquisas no Scielo. Cruz (2011) em sua pesquisa demonstrou a participação das pioneiras do surfe no Rio de Janeiro na década de 1960. Alguns aspectos

⁴ O site <http://memoriadoesporte.org.br> segue a lógica de propagar atletas olímpicas, sendo também um meio em que não há informações sobre a carreira da tenista.

foram semelhantes ao que encontramos de Maria Esther Bueno, como: a transformação na maneira de praticar o esporte, as mulheres surfistas já não mais apenas pegavam onda, queriam realizar manobras, assim como a tenista que possuía um jogo ofensivo; elas eram descendentes de estrangeiros, o que muda a percepção e permissão para a prática esportiva e não eram submetidas a um treinamento específico, não havia um treinamento sistematizado. São aspectos que aproximam os dois esportes e demonstram características do período.

Cortela et al. (2016), realizou uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de “descrever o atual panorama da produção científica brasileira no âmbito do tênis” (Cortela et al., 2016, p. 144). Foram analisados 102 artigos no período de janeiro de 2000 a maio de 2015. Obteve como resultado que as categorias que possuíam maior número de artigos foram “Psicologia do esporte”, “Técnica e tática” e “Treinamento esportivo”. A categoria que nos interessa “Estudos históricos e socioculturais” possui sete artigos. Em um desses estudos Maria Esther Bueno foi citada, apenas como exemplo de mulher brasileira que se destacou em nível internacional.

Aspecto importante para esta pesquisa é que Maria Esther Bueno foi uma mulher que conseguiu inserir-se no esporte em uma época em que a participação das mulheres já era permitida, mas enfrentava dificuldades.

Estudar a carreira da Maria Esther Bueno nos possibilitou compreender os processos sociais que estavam envolvidos durante as décadas em que ela jogou, propiciando que uma mulher conseguisse inserir-se no ambiente esportivo competitivo.

Nesse período, o tênis era uma modalidade indicada para as mulheres, como um momento de lazer e não com fins competitivos. Este também era um momento de grande expansão do futebol como esporte nacional e de sua supremacia em relação a outras modalidades (ANTUNES, 2004). Analisar como ela atingiu o nível competitivo trará contribuições, demonstrando que havia mulheres que rompiam com paradigmas do esporte e inseriam-se nesse ambiente, bem como compreendendo como o fizeram.

As análises foram desenvolvidas dentro do campo dos estudos de gênero, buscando indicar o caminho que uma mulher traçou para praticar um esporte, para participar de campeonatos e obter êxito nessas competições. Buscamos demonstrar como essa mulher rompeu com padrões estabelecidos na época e obteve êxito em um ambiente ainda pouco habitado por elas no Brasil.

A ampliação da participação de mulheres no âmbito esportivo se deu no começo do século XX. O país passava pelo contexto da industrialização e urbanização, o que permitiu a prática esportiva pelo incentivo à educação do corpo, expresso na construção de novas praças, parques e lugares destinados aos momentos de lazer e divertimento, com o objetivo de fortalecer os corpos para o desenvolvimento e fortalecimento da nação (GOELLNER, 2006).

A partir do processo de modernização do Brasil, a presença das mulheres no esporte foi crescendo. O hipismo e o tênis foram esportes permitidos por não prejudicarem a feminilidade das praticantes e por reforçar o seu caráter oligárquico. Essas modalidades foram vivenciadas nas primeiras décadas do século XX no Brasil por mulheres ricas, pertencentes à elite das grandes metrópoles, como São Paulo (SCHUPUN, 1997). Essa elitização pode ser uma das hipóteses dificultadoras para que Maria Esther Bueno conseguisse sustentar-se como atleta e competir em diversos países, pois a modalidade não era popular no país e não era incentivada pelo governo. O esporte era tido como amador e não possuía remuneração em dinheiro, como prêmio pela vitória nos torneios.

A partir da metade do século XX, a participação das mulheres nos esportes (voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo) já havia crescido. Organizações, em 1949, de campeonatos no Brasil favoreceram esse crescimento, tais como os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, Jogos da Primavera e os Jogos Abertos Femininos. Além do crescimento da participação nos esportes, as atletas brasileiras conseguiram destaque e oportunidades para competir em mais campeonatos nacionais e internacionais (FARIAS, 2012).

A elitização sustentava o princípio do amadorismo em lugar do profissionalismo, incentivando que praticasse esporte apenas quem possuísse tempo livre para fazê-lo e sem objetivos financeiros. No Brasil, o profissionalismo do tênis se deu muito tardiamente em relação à Europa, fazendo com que Maria Esther Bueno tivesse uma grande repercussão internacional e pouca nacional, passando até mesmo por dificuldades na sua carreira por causa dessa falta de incentivo brasileiro.

Mesmo com esse avanço, pode-se perceber a diferença na atribuição dos espaços sociais ocupados por homens e mulheres no ambiente esportivo. Aos homens, cabiam as competições e vitórias, já às mulheres, a prática informal, sem a presença do rendimento e da conquista.

Os estudos e conceitos de gênero foram necessários para auxiliar a reflexão sobre a inserção da tenista Maria Esther Bueno na sociedade em que viveu. Questionamos como e quais fatores ocorreram para que essa inserção tenha sido possível, uma vez que a tenista produziu uma ruptura no padrão já estabelecido de mulher, praticando uma modalidade esportiva com fins competitivos. Para isso, se apropriou de uma forma mais eficiente de jogar, tornando seu corpo mais ágil, forte e veloz, incorporando gestos e habilidades até então tidos como viris, mas eficientes dentro da dinâmica do jogo e da competição.

Segundo Piscitelli (2009, p.119) o termo gênero:

remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças[...] as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.

Esse conceito direciona-se a problematizações de questões naturalizadas, demonstrando o caráter crítico do campo de gênero feminista, assim como defende Matos (2008, p. 349):

O aporte e contribuição do campo de gênero feminista é declarar a infinita capacidade humana[...] de interpelar, de re-colocar e re-significar permanentemente os conteúdos e as formas daquilo que se apresenta como contingente universal[...] na constante problematização das hierarquias e das subordinações.

É possível utilizar o conceito de gênero como uma categoria de análise para compreender a presença das mulheres nos esportes e as relações de poder ali presentes. Scott (1995) conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, uma forma primária de dar significados às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Isso é, o gênero perpassa e constitui as relações sociais, está presente e consolida as relações de poder. Dois elementos presentes nessa conceitualização são os símbolos e os conceitos normativos formados a partir desses símbolos (SCOTT, 1995). Esses elementos estão presentes nas interações existentes nos esportes, principalmente entre homens e mulheres e no fortalecimento delas nesse ambiente.

O esporte foi criado para os homens, os símbolos que o envolviam eram diretamente relacionados ao universo masculino. De acordo com Vigarello (p. 269, 2013): “É impossível ignorar uma referência frequentemente implícita, mas presente nas primeiras práticas esportivas: aquela baseada na força, na coragem e na dominação”.

Essa interpretação gerou uma normatividade entre os esportes e os homens, dificultando a entrada das mulheres nesse ambiente, padronizando esportes como masculinos e outras atividades como femininas de acordo com as exigências de cada uma. As masculinas relacionam-se aos símbolos esportivos, enquanto as femininas à docilidade, ao ritmo, expressão, entre outros.

Essa distinção presente nas diversas atividades e nos esportes pode ser caracterizada pelas diferenças presentes nas sociedades no sentido do que é ser homem ou mulher. Segundo Nicholson (2000, p. 22):

diferenças sutis na forma como o próprio corpo é pensado podem ter algumas implicações fundamentais para o sentido do que é ser homem ou mulher e representar, conseqüentemente, diferenças importantes no grau e no modo como o sexismo opera. Em resumo, essas sutis diferenças nos modos como o corpo é lido podem estar relacionadas a diferenças no sentido do que é ser homem ou mulher - diferenças que “vão até o fundo”.

Ao longo do tempo, o esporte passou por diversas mudanças, como o refinamento das regras das modalidades e a diminuição da violência nas práticas, estas justificadas segundo Dunning (2014) pelos processos civilizatórios. Os conceitos direcionados aos esportes e aos participantes mudaram. Vigarello (2013) expõe as mudanças ocorridas com os corpos, demonstrando a passagem dos corpos másculos, fortes, como estátuas, para corpos especializados para cada modalidade. Essa mudança também é justificada, segundo o autor, pela inserção das mulheres nesse ambiente.

O esporte consolidou-se como uma prática em que diversos binarismos estão presentes estabelecendo as diferentes relações entre os gêneros. Os pares feminino/masculino, sexo/gênero, homem/mulher, precisam ser criticados, repensados e resignificados no ambiente esportivo.

Sexo e gênero foram conceituados de maneira separada por alguns pesquisadores. Em um momento em que os estudos feministas precisaram se consolidar foi uma maneira de avançar nas proposições teóricas, porém para que não se crie um dualismo que reforça o

determinismo biológico em oposição às relações sociais e culturais é preciso ir além dessa separação.

O binarismo entre sexo/gênero está presente no ambiente esportivo. Um exemplo são os testes de feminilidade aos quais as atletas são submetidas para comprovar se são biologicamente mulheres e podem participar dos Jogos Olímpicos.

Desde as feministas da década de 1970, essa afirmação do “ser mulher” por meio de um teste biológico é contestada, por considerarem os fatores sociais e culturais possíveis de modificação dos dados tidos como naturais. Estes ainda são utilizados como justificativa ao rendimento das mulheres ser inferior ao dos homens.

As mulheres começam a praticar esportes depois dos homens e durante a infância e a juventude são menos estimuladas à prática (ALTMANN et al, 2011), isso faz com que seja necessário considerar os dados sociais e culturais para analisar a diferença de rendimento entre homens e mulheres. Proposta essa que pode ser debatida com os defensores de que as mulheres possuem fibras musculares, células, gordura corporal diferentes dos homens e por isso um rendimento mais baixo.

Essa discussão demonstra o binarismo entre sexo e gênero e as diferentes visões que se pode construir do “ser mulher” a partir disso. Fausto-Sterling (2001/02) problematiza essas diferentes visões e aponta que enquanto os estudiosos da área da biologia estão interessados nas respostas fisiológicas encontradas, as teóricas feministas:

concebem o corpo não como uma essência, mas como um suporte vazio no qual o discurso e a *performance* constroem um ser completamente aculturado. As teóricas feministas escrevem de modo persuasivo e, muitas vezes, imaginativo sobre os processos através dos quais a cultura molda e efetivamente cria o corpo (FAUSTO-STERLING, 2001/02, p. 22 e 23).

Esse modo dicotômico “estrita as possibilidades da vida ao mesmo tempo em que perpetua a desigualdade de gênero” (FAUSTO-STERLING, 2001/02, p. 27), além de demonstrar as relações de poder existentes e construídas. Isso enfatiza a necessidade de mudança na concepção de corpo, para aumentar o leque de possibilidades até mesmo nos esportes, permitindo que diferentes corpos sejam efetivados nas práticas esportivas.

Butler (2014) também critica a estrutura do pensamento binário presente nas normalizações. Além da questão dos binarismos: homem/ mulher e masculino/ feminino, o

conceito de gênero que Butler (2014) apresenta une elementos sociais e biológicos, caracterizando o gênero como um “...aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume” (BUTLER, 2014, p. 253).

Mesmo com as noções de masculino e feminino presentes no conceito como produzidas e naturalizadas, a desconstrução e a desnaturalização também estão inclusas. Isso é enfatizado quando Butler (2014) expõe a necessidade do conceito de gênero não ser restringido: “Assim, um discurso restritivo sobre gênero que insiste no binarismo homem e mulher como a maneira exclusiva de entender o campo do gênero atua no sentido de efetuar uma operação reguladora de poder que naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar sua disrupção” (BUTLER, 2014, p. 254).

A partir disso, os elementos constituintes dessa pesquisa foram analisados de maneira que as relações de poder sejam desconstruídas e desnaturalizadas, pois nosso objetivo é demonstrar as rupturas exercidas pela tenista para que conseguisse inserir-se no esporte competitivo. Além de, analisarmos o posicionamento da jogadora em relação a essas relações de poder através da experiência com o esporte.

As regulações do corpo, como o corpo foi construído, controlado e especializado entre 1950 e 1970, e as diferenças na estrutura das práticas esportivas também nesse período, são elementos influenciadores para a consolidação de uma mulher no esporte e serão abordados na pesquisa. Esses elementos serão envoltos pelos estudos de gênero.

A baixa produção de conhecimento sobre essa modalidade esportiva no campo das ciências humanas e a ausência de pesquisas com enfoque de gênero ou sobre esta tenista, evidenciam a importância e originalidade da pesquisa. Segundo Goellner (2007, p. 2), pesquisar sobre as mulheres é um movimento político e independente das escolhas metodológicas esses estudos:

...possibilitam tornarem-se visíveis trajetórias particulares que, de uma maneira ou outra, construíram e constroem a história do esporte nacional. Permitem conhecer diferentes mulheres cujos corpos e memórias chegam até nosso presente através de rastros do passado, vestígios recolhidos de um outro tempo e ressignificados à luz da interpretação do presente.

A partir disso, o trabalho será dividido em três capítulos, após a introdução. O segundo capítulo descreve a trajetória e a carreira da tenista, a partir das quatro seguintes fases elaboradas:

- 2.1 Presença e destaque nos campeonatos nacionais
- 2.2 Transição dos campeonatos nacionais para os internacionais
- 2.3 Êxito mundial
- 2.4 Fim da carreira

O terceiro é a descrição geral da modalidade tênis no Brasil no período, para entendermos seu percurso dentro da estrutura do esporte entre os anos que jogou. Foi possível evidenciar a presença de outras mulheres tenistas e a sua maneira de jogar.

No quarto, apresentamos os elementos chave para que ela se consolidasse como a melhor tenista do mundo, evidenciados pelo patrocínio oferecido pelo jornal “O Estado de São Paulo” e pela sua eficiência esportiva obtida pelo treinamento corporal.

1.1 Metodologia

Os capítulos foram escritos a partir dos elementos que pudemos extrair dos jornais “O Estado de São Paulo” e “O Globo” para constituir a carreira da tenista e entendermos como ela foi construída.

Os jornais foram coletados dos acervos digitais através do nome completo da tenista, Maria Esther Bueno. Salvamos todos os exemplares encontrados, os separamos entre “O Estado de São Paulo” e “O Globo” e em pastas por ano.

Utilizar jornais como fonte de pesquisa foi legitimado a partir de 1970, segundo Luca (2008), pois esses periódicos eram vistos como um meio de comunicação com “imagens parciais, distorcidas e subjetivas” anteriormente (LUCA, 2008, p. 112). Porém, principalmente pela renovação das fontes utilizadas pela história na década de 1970, passou-se a utilizá-lo.

Olhar para essa fonte nos permite perceber os acontecimentos através de um meio de comunicação, que não está desvinculado de interesses políticos, econômicos e sociais, como afirma Luca (2008, p. 118):

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção da vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.

Mesmo com essas influências que vão além da propagação de notícias, na segunda metade do século XX as abordagens adotadas pelos jornais sofreram uma modificação,

passando de doutrinadoras a transmissoras de informações. Esta ganhou notoriedade em relação àquela, como reforça Luca (2008, p. 138):

Consagrava-se a ideia de que o jornal cumpre a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a “verdade dos fatos”. Mudança sem volta, em que pese o percurso atribulado do jornal-empresa e os limites do seu grau efetivo de mercantilização diante de entraves de caráter político, socioeconômico e cultural.

Porém, mesmo com essa mudança, as fontes devem ser analisadas criticamente, como afirma Lapuente (2016) em relação ao escrito por Jacques Le Goff (2003): “nenhum documento é inocente, e todos devem ser analisados criticamente, lhe desestruturando e desmontando para não se deixar levar pelo chamado “discurso da fonte”, sendo importante adotar determinadas cautelas para evitar que isso ocorra” (LAPUENTE, 2016, p. 13).

Até porque, segundo Lapuente (2016, p. 18):

O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergente, ora conflitante, buscando evidenciar – e cativar – o seu público-leitor. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, pois há, nos bastidores de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público alvo etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfarçado (por isso também o cuidado com análises que focam exclusivamente nos editoriais para conhecer o posicionamento do periódico).

A partir desses cuidados metodológicos, utilizamos dois jornais de grande circulação para destacar o que neles era publicado em relação à carreira da tenista. Sendo um jornal localizado no estado de São Paulo e patrocinador da jogadora e o outro localizado no Rio de Janeiro. As informações retiradas desses meios de comunicação foram lidas a partir de um olhar crítico, levando em consideração os interesses para além da pura transmissão de informações.

Encontramos 986 incidências da tenista no jornal “O Estado de São Paulo”, esse grande número já nos sinalizava que o jornal por ser patrocinador dela investia na divulgação da sua carreira. Também foi considerado um número grande, pois no jornal “O Globo” foram localizadas 27 incidências. Houve uma grande discrepância na quantidade de exemplares.

Em um primeiro contato lemos todos os jornais salvos e fizemos um fichamento com as principais informações de cada exemplar de maneira cronológica. Isso possibilitou um entendimento geral da carreira da tenista e nos auxiliou a escrever o primeiro capítulo.

A partir desse fichamento cronológico estipulamos temas com assuntos recorrentes, como por exemplo: as instituições que organizavam os campeonatos, outras mulheres que

eram adversárias de Maria Esther no Brasil no início da sua carreira, os campeonatos nacionais e os internacionais, o destaque que o patrocínio do jornal “O Estado de São Paulo” possuía nas notícias, as imagens, os elementos técnicos e táticos que eram ressaltados ao divulgar as partidas, entre outros.

Esses temas foram agrupados para formar o segundo e o terceiro capítulo. Foi através deles que conseguimos perceber os principais fatores pertencentes à carreira da atleta.

Agrupamos no segundo capítulo uma discussão sobre as instituições, para uma contextualização geral da organização da modalidade no Brasil e no mundo; a relação entre as categorias amadoras e profissionais; e as mulheres que estavam presentes nessa instituição esportiva de forma ativa, participando dos campeonatos e sendo representadas nas notícias dos jornais.

Por fim, os dois temas que foram mais evidentes e representativos do material empírico coletado sobre a carreira da tenista foram agrupados no capítulo 4: o patrocínio do jornal e a eficiência do jogo de Maria Esther Bueno.

O acervo do Clube Regatas do Tietê havia sido escolhido, pois este foi o clube em que Maria Esther Bueno começou a jogar tênis. Porém, o clube foi desativado e o espaço agora é o Centro Esportivo Tietê. Foi realizada uma visita neste local e constatamos que ele não possui mais o material histórico do clube.

A partir dessa visita, identificamos o Museu do Tietê, localizado no Parque Ecológico do Tietê, como um local possível de encontrarmos algum material. Há uma exposição direcionada ao Rio Tietê, mas as práticas esportivas realizadas no Clube Regatas do Tietê durante o período delimitado para esta pesquisa não faz parte dessa exposição e eles não possuem material além do que está exposto.

Tentamos estabelecer contato com a tenista para realizar uma entrevista e complementar os dados obtidos pelos jornais, razão pela qual o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Unicamp e aprovado (CAAE: 71050117.2.0000.5404).

Após conseguir o número de telefone, entramos em contato com a tenista, porém ela não quis dar entrevista e mostrou-se indisposta a ter conhecimento sobre trabalho que estava sendo realizado por outro meio, como por e-mail. Por isso, a entrevista foi inviabilizada e elaboramos nossas análises a partir dos dois jornais escolhidos.

Os estudos de gênero foram utilizados para analisar as questões relacionadas à inserção das mulheres nos esportes, para as rupturas feitas nesse ambiente para que elas pudessem praticá-los, para os envolvimento com as relações de poder ali presentes. De maneira geral, o referencial teórico e as pesquisas de gênero contribuíram para estabelecer associações entre os esportes e as mulheres, desenvolvendo análises a este respeito.

O contexto da época, em relação às normas destinadas às mulheres, a configuração esportiva, as características da modalidade, a questão do amadorismo e profissionalização e o envolvimento desses aspectos na construção de uma carreira esportiva de sucesso feita por uma mulher também são assuntos discutidos durante o texto.

Isso será abordado a partir da conceitualização de trajetória, formulada por Bourdieu (2006, p. 189):

como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação de um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.

Seguindo essa metodologia devemos nos precaver contra a criação de uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006) que pode ser estabelecida se os fatos forem considerados coerentes e cronológicos. Para evitar isso, os agentes sociais serão claramente situados dentro dos seus grupos sociais e narraremos diacronicamente a trajetória da tenista (MONTAGNE, 2007).

Essa pesquisa não se enquadra na perspectiva da biografia histórica, porém diálogos podem ser realizados a partir dessa perspectiva para auxiliar nossas análises. Segundo Macedo e Goellner (2013) que realizam um diálogo entre a biografia histórica e a Educação Física e o esporte, há dois modos de produzi-las. Um deles demonstra uma pessoa que está fora da norma social do seu período, a biografia dessa pessoa pode servir para ampliar as análises generalizantes que excluem as diferenças e promover uma ruptura com as regularidades e continuidades.

Ainda de acordo com Macedo e Goellner (2013, p. 163), para reforçar nosso objetivo com essa pesquisa:

Ao visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem daquilo que é identificado como oficial ou representativo de determinado contexto social, político, econômico e cultural, tal atitude poderá promover a construção de outras histórias evidenciando assim a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno destas áreas específicas.

Nesse sentido, narrar a trajetória de Maria Esther Bueno promove essa ampliação no contexto esportivo a partir de um estudo de gênero, bem como rupturas nas regularidades que determinam os estereótipos de feminilidade.

2. Trajetória da carreira de Maria Esther Bueno

Maria Esther Bueno jogou tênis e esteve presente na imprensa nacional e internacional dos 13 aos 31 anos. Nesse período ela construiu sua carreira por meio dos torneios nacionais presentes no Brasil, do patrocínio que obteve do jornal “O Estado de São Paulo” que permitiu sua inserção nos campeonatos internacionais e principalmente executou uma inovadora forma de jogar para as mulheres no período.

Sua apropriação de gestos técnicos eficientes caracterizaram sua *performance* esportiva diferenciada. Foi a partir desse jogo que ela venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis do mundo. Porém, foi também a partir dele e da falta de treinamento sistematizado no período que teve diversas lesões e encerrou sua carreira.

2.1 Presença e destaque nos campeonatos nacionais

Dos 13 aos 16 anos (1952-1955) Maria Esther Bueno foi conquistando espaço nas notícias do jornal a partir de suas vitórias nos campeonatos nacionais. Ela jogava nas categorias infantil e juvenil. Possuía adversárias que nesse momento eram consideradas melhores do que ela, como Cecy Carvalho, Ingrid Metzner e Maria Helena Amorim.

Ela e essas tenistas eram representadas no jornal, como no seguinte exemplo:

(Maria Esther Bueno) Atuando de forma eficiente, com jogo variado de bolas curtas e longas... não teve dificuldade em vencer por 6/3 e 6/2, classificando-se para a final, contra Cecy Carvalho (ESTADAO, 20 de dezembro de 1953).

A partir dessa participação e do início das suas vitórias sob essas tenistas, ela foi ganhando espaço e começou a ser considerada destaque e uma promessa para o tênis brasileiro e sul-americano. O reconhecimento pela imprensa do seu potencial como atleta pode ser visto em matéria publicada após sua participação no Campeonato Brasileiro infantil-juvenil em 1954:

(Maria Esther) ... é uma tenista muito jovem que, em futuro próximo, poderá ocupar lugar de inegável realce no tênis feminino sul-americano (ESTADAO, 13 de julho de 1954).

Os campeonatos nacionais marcaram o início das trajetórias de vitórias de Maria Esther, garantindo-lhe destaque no cenário brasileiro. O capítulo 2 irá abordar a importância que esses campeonatos tiveram para que ela se inserisse no cenário competitivo e construísse bons resultados para ser convidada a participar de torneios internacionais.

O ponto marcante para que o primeiro convite internacional ocorresse foi a vitória em um campeonato internacional realizado no Brasil em 1956.

Ases internacionais do tenis em S. Paulo

Maria Esther Bueno é campeã do tradicional certame da Sociedade Harmonia — Os jogos decisivos de ontem à tarde— Encerra-se amanhã, no Pacaembu, o XVII Campeonato Aberto Internacional de Tenis — Ulf Schmidt vs. vencedor de Sirola contra Davidson — Na partida final de duplas, jogarão Schmidt-Davidson vs. vencedor de Sirola-Pietrangeli contra Manuel e Carlos Fernandes (ESTADAO, 25 de novembro de 1956, p. 23).

Na sequência dessa manchete, sua vitória foi assim descrita:

No encontro de simples, Maria Esther Bueno enfrentou a jovem Elza Gaviraghi, há pouco aqui residente. Ao contrário do que muitos torcedores acreditavam, Maria Esther conseguiu a vitória, não dando oportunidade alguma a adversária das duas séries de peleja, vencidas por 6/0 e 6/3. Desse modo, a jovem Maria Esther Bueno inscreveu o seu nome entre as campeãs do importante certame (ESTADAO, 25 de novembro de 1956, p. 23).

1956 foi um ano decisivo na carreira de Maria Esther Bueno, pois a partir do destaque que teve nesse torneio internacional realizado no Brasil, recebeu convite para ir jogar no exterior. O que marcou o início das suas temporadas internacionais e da ascensão da carreira.

Torneio Juvenil de Tenis em Miami

**Certa a participação de Carlos
Fernandes — Maria Esther
Bueno possivelmente também
tomará parte**

(ESTADAO, 9 de

julho de 1956, p. 30).

Essa manchete foi publicada para informar o convite que Maria Esther e Carlos Fernandes (este era um tenista brasileiro com destaque nacional e internacional no período) receberam para participar de um dos torneios juvenis mais importantes do mundo, o *Orange Bowl Junior Championship* em Miami. Ele seria disputado por tenistas europeus, mexicanos, canadenses, cubanos e norte americanos.

A jovem Maria Esther Bueno terá também ótima oportunidade de aperfeiçoar os seus recursos técnicos, que, aliás, a colocam entre as melhores tenistas sul-americanas da atualidade.

A FPT tinha a intenção de patrocinar a viagem desses dois futuros ases do nosso tênis, o que, infelizmente, não lhe foi possível no momento. Contudo, estamos em que a nossa campeã, nem por isso, deixará de aproveitar tão esplêndida oportunidade para o seu aperfeiçoamento técnico.

Aos 15 anos, Maria Esther Bueno conquistou o título de campeã brasileira, tendo tomado parte com realce, em competições internacionais na Argentina, México e em países da América Central. É inegável a sua vocação para o tênis, esporte difícilíssimo em que poucos conseguem chegar a campeão. Assim, estamos certos de que não perderá essa magnífica ocasião de aperfeiçoamento de seus recursos técnicos (ESTADAO, 9 de julho de 1956, p. 30).

Esse trecho é representativo desse momento da trajetória da tenista. Foi seu primeiro convite para um grande torneio internacional. Esse convite é visto como uma oportunidade para ela aperfeiçoar seu nível técnico no exterior, uma vez que a referência dos maiores tenistas do período era norte americana. Demonstra a sua necessidade de buscar auxílios financeiros em outras instâncias, além da Federação Paulista de Tênis, pois esta poderia financiar apenas um tenista.

A presença da tenista nesses campeonatos nacionais, os jogos entre ela e outras tenistas brasileiras, a maneira de jogar representada pelas notícias, serão desenvolvidas de modo mais aprofundado no capítulo 3. O que aqui queremos deixar registrado é a importância desse torneio internacional no Brasil para que ela recebesse o seu primeiro convite para jogar nos Estados Unidos, pois é a partir desse campeonato que se inicia a transição da presença de Maria Esther Bueno para os torneios internacionais.

Nesse mesmo ano, seu irmão, Pedro Bueno, também foi ao exterior. Ele recebeu uma bolsa de estudos na Universidade de Beaumont (Texas), local que ficou dois anos estudando engenharia e jogando tênis pela escola (ESTADAO, 5 de fevereiro de 1956, p. 21). Esses intercâmbios eram estimulados aos tenistas brasileiros com o objetivo de aperfeiçoar recursos técnicos, principalmente nos Estados Unidos que era o país mais desenvolvido na modalidade naquele período.

2.2 Transição dos campeonatos nacionais para os internacionais

A transição da tenista dos campeonatos nacionais para os internacionais foi entre 1957 e 1958. Em 1957, ela fez uma pequena excursão pela América, com destaque para um campeonato juvenil importante nos Estados Unidos. Em 1958, realizou sua primeira temporada completa, jogando na América e na Europa. Esse item irá abordar essas duas viagens, para demonstrar a importância do patrocínio do jornal para concretizá-las e o início do êxito internacional da tenista.

**A tenista paulista
Maria Esther Bueno
no Exterior**

A jovem tenista paulista Maria Esther Bueno, atualmente jogando no Exterior, tem efetuado atuações de primeira ordem, aproveitando sobretudo a experiência de raquetista de melhores recursos. Ainda anteontem, em Kingston, em jogo do Torneio Internacional da Jamaica, obteve um de seus mais significativos feitos, vencendo, por 8/6 e 6/3, a jovem Mini Arnold, campeã juvenil norte-americana. Vê-se, desse modo, que a jovem raquetista de São Paulo vem acusando progressos realmente notáveis, que poderão levá-la, dentro em pouco, a uma situação de belo realce no tênis feminino mundial.

(ESTADAO, 6 de abril de 1957, p. não identificada)

O começo de 1957 foi marcado pela temporada internacional da qual participava, conforme a notícia acima. Nesse momento ela superou a expectativa de ser uma tenista de âmbito brasileiro e sul americano para se tornar uma referência mundial.

Vê-se, desse modo, que a jovem raquetista de São Paulo vem acusando progressos realmente notáveis, que poderão leva-la, dentro em pouco, a uma situação de belo realce no tênis feminino mundial (ESTADAO, 6 de abril de 1957, p. não identificada).

Sua excelente participação nos campeonatos foi destaque. Participavam desses torneios apenas tenistas convidados, o que no período, demonstrava maior seletividade e dificuldade ao torneio, segundo o jornal.

Após o seu retorno, foi possível saber que sua participação foi financiada pelo jornal “O Estado de São Paulo”:

Estiveram em visita a esta redação a exímia raquetista Maria Esther Bueno e os srs. Pedro Bueno, seu pai; José Vicente e José Conceição Esteves, diretores da Secção de Tênis do Clube Regatas Tietê.

O sr. Pedro Bueno e sua filha, uma das mais grandes esperanças do nosso tênis, vieram agradecer a colaboração deste jornal para o maior êxito da recente excursão da jovem campeã ao Exterior, onde fez figura de muito relevo. Com efeito, Maria

Esther Bueno participou de vários certames nos Estados Unidos, Jamaica e São João de Porto Rico, sempre mediante convite. Em não se tratando de competições abertas, elas reuniram, como não seria preciso frisar, concorrentes selecionados, o que mais valoriza ainda os magníficos feitos de Maria Esther (ESTADAO, 19 de abril de 1957, p. 13).

Foi a primeira vez que o suporte financeiro do jornal para com a tenista foi explicitado. As referências a esse apoio prevaleceram até o fim da sua carreira. Essa é uma das hipóteses para que o jornal tenha divulgado um grande número de matérias e notícias da tenista durante os anos que participou dos torneios. Esse investimento do jornal na carreira de Maria Esther Bueno será explorado no capítulo 4, em que trataremos mais elementos para efetuar uma análise acerca do que isso poderia representar para uma mulher inserida em um ambiente competitivo no esporte nesse período, predominantemente masculino.

Mas, já é possível inferir que, o patrocínio do jornal, foi um dos fatores essenciais para a inserção da tenista nos campeonatos internacionais. Iniciou-se em 1957 com a excursão para os Estados Unidos e consolidou-se em 1958, ano em que ela realizou uma temporada completa, jogou pela América e Europa.

Merece especial menção a notável atuação da jovem tenista de S. Paulo, Maria Esther Bueno, em certames efetuados nos Estados Unidos e na Venezuela. Sob o patrocínio deste jornal, a exímia tenista está efetuando a sua atual excursão, que compreendeu, primeiro, uma série de jogos em torneios norte-americanos. A jovem tenista fez figura de belo realce na maioria deles. Embora competindo com raquetista de classe, obteve várias vitórias e segundos lugares, colocando-se em posição de relevo ao lado de grandes valores internacionais. Agora, na Venezuela, continua a brilhar. Como se vê, as duas últimas excursões de Maria Esther Bueno acusam magníficos resultados e é muito possível que, por intermédio dela, o tênis feminino brasileiro possa, em breve, fazer bonita figura em Wimbledon (ESTADAO, 27 de março de 1958, p. 19).

Nessa primeira parte da excursão pela América, Maria Esther conquistou 17 títulos, 7 em simples e 10 em duplas, com a participação das melhores tenistas do mundo, inclusive Althea Gibson. Esses resultados fizeram com que a Federação Paulista de Tênis consignasse um voto de louvor à tenista. As seguintes palavras foram escritas em relação a ela: “Realmente Maria Esther Bueno elevou bem alto o tênis brasileiro... Os cronistas especializados dos EUA têm feito referências das mais elogiosas à tenista” (ESTADAO, 9 de abril de 1958, p. 15).

O jornal publicou alguns desses comentários dos especialistas internacionais em relação à Maria Esther Bueno. No “Daily Express” e no “Daily Telegraph” foram essas as referências: “Esta brasileira de 18 anos, procedente de São Paulo, é excelente e afirmo que será uma futura campeã de Wimbledon” (...) “O bom serviço, por si só não faz com que uma

jogadora seja completa, mas tenho a certeza de que Esther Bueno é a jogadora de rebatida mais forte já vista nos campeonatos femininos, desde os dias de Alice Marbie” (ESTADAO, 19 de maio de 1958, p. 14).

Após sua derrota em Roland Garros, outra referência internacional também foi divulgada pelo jornal brasileiro, do jornal esportivo “Equipe”:

Quantas promessas no jogo dessa jovem de 18 anos que, no começo dessa temporada de 1958, se elevou rapidamente na hierarquia feminina do tênis. Por que esse inesperado desfalecimento? Sem dúvida, porque era a primeira vez que Esther Bueno jogava em Roland Garros, a primeira vez que disputava um dos três grandes torneios do mundo, com a possibilidade de vencer. Dentro de um ano, Esther Bueno será a melhor, sem discussão, pois seu jogo é mais seguro do que o de Althea Gibson (ESTADAO, 31 de maio de 1958, p. 16).

Esses comentários representam o êxito e o reconhecimento do início da sua carreira internacional. Nesse momento ela superou a expectativa brasileira, sul-americana e começa a obter títulos que concretizam sua inserção nos torneios mundiais. O jornal, que a patrocinava, publicava informações constantes dos jogos que ela estava presente e notícias publicadas em jornais dos Estados Unidos e Europa, como os demonstrados acima.

Wimbledon era o seu maior desafio nesse ano, por ser a primeira vez que jogaria. Iniciou o campeonato em quarto lugar na classificação inicial do campeonato. Ela disputou as modalidades simples e duplas femininas, esta com a norte-americana Althea Gibson.



(ESTADAO, 29 de junho de 1958, p. 27)

Essa manchete foi noticiada destacando a vitória de Maria Esther Bueno sobre a inglesa Joan Curry em menos de 25 minutos, por 6/0 e 6/2 em uma partida de Wimbledon. Foi a mais rápida vitória daquele período, um recorde no campeonato. Tal vitória e recorde,

obtidos já na sua primeira participação no maior campeonato de tênis do mundo – garantiram-lhe também uma descrição elogiosa do seu feito:

A brasileira fez de novo uma soberba demonstração de suas grandes qualidades. A campeã paulista impressionou com seu jogo e com a facilidade de seus saques, mantendo sua adversária presa nas linhas do fundo. Esther Bueno não precisou empregar-se a fundo e os pontos a seu favor se acumulavam com uma rapidez incrível (ESTADAO, 29 de junho de 1958, p. 27).

Mesmo com a derrota nas quartas de final, sua participação foi destacada e foram acentuadas suas qualidades. Ela tornou-se uma novidade cheia de possibilidade.

Nas duplas femininas, jogando em parceria com a melhor jogadora do mundo no período (Althea Gibson), Maria Esther foi campeã de Wimbledon. O jornal noticiou essa vitória com as seguintes palavras:

Após o feito dos futebolistas nacionais, que recentemente trouxeram para o Brasil o título de campeões mundiais, volta o nosso país a projetar-se no cenário esportivo, desta vez por intermédio da tenista Maria Esther Bueno, que conseguiu em Wimbledon a notável façanha de sagrar-se campeã de duplas, em parceria com a norte-americana Althea Gibson. A raquetista, que viaja sob o patrocínio de “O Estado de S. Paulo”, depois de realizar estupendas atuações em torneios dos Estados Unidos e da Europa, obteve, agora, na Inglaterra, o maior título de sua carreira (ESTADAO, 6 de julho de 1958, p. 27).



Outro título mundial para o Brasil

(ESTADAO, 6 de julho de 1958, p. 27)

Após essa vitória, ela concedeu uma entrevista a BBC direcionada aos brasileiros, em que falou sobre diversos pontos. Ela foi elogiada por ter sido campeã de Wimbledon logo na primeira vez que jogou. Maria Esther relatou sobre a dificuldade em jogar na grama, por não haver esse tipo de piso no Brasil e precisar de três semanas pelo menos para adaptação.

Finalizou dizendo que seu objetivo passou a ser conquistar o título individual do tornei, pretendendo voltar a ele quantas vezes forem possíveis. Manifestou sua satisfação em poder dirigir-se aos brasileiros, esperando que estes estejam felizes com as suas vitórias nessa temporada (ESTADAO, 6 de julho de 1958, p. 27).

Foram dois anos emblemáticos, em 1957 pelos destaques nacionais que fizeram com que ela fosse convidada para jogar um torneio juvenil internacional importante e, em 1958, pela sua inserção no mais alto nível dos campeonatos de tênis. Não só inseriu-se, como obteve grande destaque pelo seu jogo potente. Este ponto será retomado no Capítulo 4, em que serão apresentados os comentários que evidenciavam esse estilo de jogo inovador para o período.

A partir de 1958, a presença de notícias na imprensa sobre ela aumentou, pois, além de se inserir no mais alto nível do tênis, ela permaneceu neste nível por 10 anos, tornando-se a maior jogadora de tênis que o Brasil já teve, sendo número um do mundo.

2.3 Êxito mundial

Esther Bueno é a primeira do mundo

Como vem fazendo desde 1914, o tradicional jornal britânico “Daily Telegraph” publicou, recentemente, a classificação anual dos melhores tenistas amadores do mundo. Conforme era de prever-se, não poderia deixar de encabeçar a lista feminina a grande campeã Maria Esther Bueno (...).

Diz o cronista especializado do “Daily Telegraph”: “Entre as mulheres, Maria Esther Bueno não tem rival. Ninguém no mundo pode vencê-la, principalmente quando joga como atuou em Wimbledon e em Forest Hills”.

O grande jornal inglês, com bastante razão, tece esses comentários elogiosos a respeito da consagrada raquetista paulista. Esther Bueno já não é somente considerada a vencedora de Wimbledon. Transformou-se na maior expressão do tênis universal. Realmente, quem vence os torneios de Wimbledon e de Forest Hills, que são, respectivamente, o maior e o segundo pela sua importância internacional, pode ser considerado como verdadeiro campeão do mundo (...).

Procura-se demonstrar tão-somente que nem sempre o melhor elemento das quadras de todo o mundo ocupa o primeiro lugar na classificação oficial desse prestigioso jornal londrino. Isso quer dizer que, a par das suas qualidades técnicas, golpes de sorte etc, o tenista necessita manter-se durante longo período dentro de uma linha irrepreensível. Para quem dispõe de recursos e faz parte de uma turma de bons elementos, isso algumas vezes não chega a constituir sério problema. Mas, para quem tem de viajar sozinha, tratar de passaporte, bagagem, correspondência, etc, como o faz Maria Esther Bueno, a competição nas quadras internacionais exige esforço sobrenatural. Como se não fossem poucos os problemas de nossa campeã, Maria Esther Bueno várias vezes teve que interromper suas campanhas, por lesões musculares. Durante dois anos lutou contra uma luxação no ombro direito. Sarada essa lesão, Maria Esther Bueno, há poucos dias sofreu uma torção, desta vez nas costas motivada pelo seu grande esforço ao executar o saque. Aliás, diga-se de passagem, o saque feminino mais violento do mundo (ESTADAO, 9 de outubro de 1959, p. 13).

O êxito mundial na carreira de Maria Esther Bueno foi entre seus 20 e 26 anos (1959 a 1965). Esse êxito pode ser compreendido pelas características divulgadas na matéria do jornal transcrita acima. Pelas suas vitórias em Wimbledon e Forest Hills, pelo seu estilo de jogo, com um saque potente, por superar lesões resultantes desse estilo e por além de participar dos campeonatos, organizar suas viagens sem auxílios de outros profissionais.

Entre 1961 e 1963 teve um regresso em suas vitórias, pois foi acometida por uma icterícia que a impossibilitou de jogar em 1961 e a prejudicou nos anos seguintes. Porém, em 1964 foi campeã novamente em Wimbledon, permanecendo entre as melhores até 1965.

O jornal publicava informações detalhadas das excursões internacionais que a tenista realizava. Divulgava os campeonatos que ela iria participar, suas derrotas e vitórias e as

homenagens que recebia após seus ganhos. Ela possuía espaço no jornal, como pode-se observar nas seguintes imagens, em que era representada algumas vezes com matérias de páginas inteiras após suas vitórias em Grand Slams:



(ESTADAO, 5 de julho de

1959)

Wimbledon: Esther campeã pela terceira vez

Em 6 anos, Esther obteve 6 títulos

O terceiro título

Campeões de Wimbledon

The newspaper clipping is from ESTADAO, dated July 5, 1964. The main headline reads 'Wimbledon: Esther campeã pela terceira vez' (Wimbledon: Esther champion for the third time). Below the headline, there are several columns of text and three black and white photographs. The first photo shows Esther Bueno celebrating with a trophy. The second photo shows her in a tennis outfit. The third photo shows her in a tennis outfit. To the right of the photos, there is a large table titled 'Campeões de Wimbledon' (Wimbledon Champions) which lists the winners of the Wimbledon tennis championships from 1881 to 1963. The table is organized into columns for Men's Singles, Women's Singles, Men's Doubles, and Women's Doubles. The text around the table provides additional details about the winners and the tournament.

(ESTADAO, 5 de julho de

1964)

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias(...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (LUCA, 2008, p. 140).

Assim como apontado pela autora transcrita acima, esse espaço ocupado por Maria Esther Bueno demonstrava que o jornal estava disposto a divulgar a tenista e o esporte através dela. Tentativa essa, também evidenciada pelo campeonato internacional promovido no Brasil em 1960, após Maria Esther ter vencido o campeonato de Wimbledon. Foram convidadas as jogadoras de maior reconhecimento internacional do período para disputá-lo com a brasileira.

Esse campeonato foi organizado pela Federação Paulista de Tênis e pelo Clube Regatas do Tietê. As tenistas convidadas foram Christine Truman, Angela Mortimer, Ann Hayden e Darnele Hard, de acordo com o jornal “contará com a participação das melhores tenistas amadoras do mundo, costumeiras adversárias de Esther” e marcaria o reaparecimento da brasileira após o bicampeonato em Wimbledon (ESTADAO, 4 de outubro de 1960, p. 23).

A divulgação do jornal, a promoção desse campeonato e as vitórias de Maria Esther foram fatores que poderiam contribuir com a maior visibilidade das mulheres no ambiente competitivo e com o aumento da prática do tênis no país. Thomas Koch, um tenista de 16 anos na época, após ter sido considerado um futuro campeão nos EUA relatou sobre isso em uma reportagem ao jornal:

Thomas Koch acha que o tênis brasileiro progrediu muito desde que Maria Esther Bueno conquistou o título de Wimbledon. Muitas famílias brasileiras – afirma Thomas – estão fazendo como a sua, ou seja, dedicando-se ao tênis de corpo e alma (ESTADAO, 1 de fevereiro de 1962, p. 19).

As homenagens que a tenista recebia após seus títulos também reforçam o aspecto da visibilidade dela entre os brasileiros. Essas homenagens envolviam objetos de ouro e bronze de diversas entidades (medalhas, placas, miniaturas de troféus) e telegramas de pessoas envolvidas politicamente. Em 1959, após o seu título em Wimbledon recebeu os cumprimentos do presidente da República Juscelino Kubitschek:

Tenho a satisfação de enviar-lhe meus cordiais cumprimentos pelo seu brilhante triunfo, que vem engrandecer ainda mais o prestígio do desporto nacional e que foi recebido com sincero júbilo pelo povo brasileiro. Cordialmente, Juscelino Kubitschek, presidente da República (ESTADAO, 5 de julho de 1959).

Além dele, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos também enviou um telegrama. Ele enfatizou sua vitória, comparando-a às do futebol e basquete brasileiro, pela tenista encontrar-se sozinha em suas viagens:

A vitória de Maria Esther Bueno num certo sentido sobreleva em importância os triunfos de âmbito mundial dos campeões de futebol e de bola ao cesto. Os futebolistas e os jogadores de bola ao cesto seguiram para o estrangeiro compondo delegações com assistência técnica de várias ordens e completa organização em todos os sentidos. Maria Esther Bueno, ao contrário partiu sozinha, sozinha teve de organizar todos os seus passos, seu treinamento, sua vida diária. A jovem de 19 anos que partiu de São Paulo cheia de esperanças, transformou em motivos de força o que lhe faltava em infra-estrutura organizatória. Assim valorizando uma vitória já em si de grande magnitude. Estherzinha, em síntese, completou, com seu próprio esforço, aquilo que estava fora do alcance do pequeno grupo de patrocinadores de sua viagem, entre os quais, orgulhosamente se inscreve o jornal “O Estado de S. Paulo (ESTADAO, 11 de julho de 1959, p. 12).

Um exemplar do jornal, sem data visível, foi localizado no acervo no ano de 1959 com o título “Estherzinha- A campeã do mundo” escrito por Anna Matilde, que também faz uma homenagem à tenista e relata a repercussão que ela vinha tendo após suas vitórias no Brasil.

Nesse artigo, a jornalista enfatiza a conquista de Maria Esther em Wimbledon, descreve a tenista como: “a campeã de Wimbledon, é ainda quase uma criança que parece assustada com todo o barulho que estão fazendo com ela. Uma moça modesta, a Estherzinha leva sempre onde vai um ursinho de pelúcia”. Expõe um apelido de quando era criança “minhoca”, por ter constituição frágil, mas mesmo assim escolheu o estilo “Big Game” para jogar, estilo caracterizado por um saque potente e o jogo predominantemente ofensivo.

Finalizando o artigo, a autora descreve rapidamente a temporada de 1959, demonstrando o êxito alcançado por Maria Esther durante Wimbledon ao eliminar com facilidade suas adversárias. Ela venceu Darlene Hard na final em 43 minutos, essa adversária que chegou a final de simples, duplas e duplas mistas, isso é, era uma adversária reconhecida. Com a vitória em Wimbledon, Maria Esther tornou-se a primeira jogadora da América Latina a possuir o título de campeã mundial de tênis, que há 22 anos era vencido pelos países de língua inglesa.

Esse artigo representa uma das tantas homenagens feitas a ela, com páginas e páginas do jornal dedicadas a expor sua trajetória, suas vitórias, seu físico considerado frágil e seu jogo potente. Esse especificamente foi interessante por relacionar à tenista que se sagrava a melhor jogadora do mundo com uma criança, com ursinho de pelúcia e um corpo frágil, enquanto ganhava Wimbledon em uma partida potente de apenas 43 minutos. Demonstrando que, mesmo com suas vitórias e seu jogo revolucionário, um estereótipo de gênero e de infantilização era mantido em algumas reportagens.

Os títulos presentes nas matérias que informavam suas vitórias deixavam evidente sua importância e reconhecimento, como “Esther, caminho para outros”, “Esther, um cartel com mais de cem títulos”, “Esther, bicampeã mundial”, “Repercussão nacional das vitórias de Esther” (ESTADAO, 3 de julho de 1960, p. 32).

Para além de matérias no jornal, ela também recebia homenagens da Federação Paulista de Tênis, da Confederação Brasileira de Tênis e do Clube Regatas do Tietê, este em 1961, lhe deu de forma inédita o título de sócio-benemérito. Esse título foi dado apenas a ela e aos cinco fundadores ainda vivos do clube, que também homenageou o diretor do jornal “O

Estado de São Paulo” com o título de sócio honorário da agremiação pelos seus incentivos ao esporte amador, principalmente à Maria Esther Bueno.

Além do jornal, Alcides Procópio, presidente da Federação Paulista de Tênis até 1963, foi outra personalidade que auxiliou a tenista Maria Esther Bueno em sua carreira. Em notícias publicadas quando ele pediu demissão do cargo, isso foi explicitado:

Foi graças a ele, através de muitas solicitações – já que nem o clube a quem pertencia, nem a FPT dispunham de recursos – que Maria Esther Bueno pôde viajar para a Europa, de onde dois anos depois voltaria com o maior título que uma tenista almeja: campeã de Wimbledon (ESTADAO, 26 de setembro de 1963, p. 20).

Esse comentário foi reforçado em mais uma notícia publicada sobre a sua demissão:

Dirigindo a FPT durante estes últimos anos, consegui ver realizado o sonho de todos os brasileiros, pois não descansou enquanto não colaborou decisivamente para que pudéssemos enviar à Europa Maria Esther Bueno, quem durante os anos de 1959 e 1960 foi considerada a maior tenista da época (ESTADAO, 1 de outubro de 1963, p. 22).

Isso demonstrou que além do jornal “O Estado de São Paulo”, Alcides Procópio, que dirigia a Federação Paulista de Tênis, também auxiliava a tenista, provavelmente pelas influências que possuía por ter o cargo de diretor da federação e ter ajudado na criação da Confederação Brasileira de Tênis.

O período entre 1961 e 1963 foi marcado por instabilidades e derrotas pela doença já citada anteriormente. Porém, foi um período que teve êxito jogando duplas com Darlene Hard.

Também podemos observar que nem só de elogios se fez a carreira da tenista. Na sua participação em Wimbledon, o capitão da seleção brasileira de tênis masculina, que disputava o campeonato Taça Davis (disputa em que um país joga contra o outro, com fases de grupos), Silvio Costa, comentou sobre o estado da tenista:

É demasiado lenta e, além disso, muito nervosa. Como não tem a suficiente velocidade, com frequência não se encontra em posição correta de rebater e comete demasiados erros. O pior é que Maria Esther Bueno não se convence de sua lentidão. Além disso, comentou que a tenista não chegou com a devida antecedência para se preparar para o torneio e que deveria treinar a cultura física para aumentar a velocidade (ESTADAO, 3 de julho de 1963, p. 14).

Em duplas ela continuou jogando bem e foi campeã com Darlene Hard. No jogo final segundo comentário do jornal demonstrou “que possui o melhor serviço feminino do mundo” (ESTADAO, 9 de julho de 1963, p. 21).

A partir desses comentários, é possível perceber dois elementos que serão explorados no capítulo 4, o nervosismo e os elementos técnicos da tenista, aspectos que caracterizaram sua carreira durante os anos aqui pesquisados. Ora o seu nervosismo era exaltado, ora seus elementos técnicos, como o saque e o voleio.

Outro fator demonstrado na sua parceria com Darlene Hard foi que esta, possivelmente iria se afastar do tênis, pois iria ficar noiva. Esse elemento do noivado, matrimônio e namoro esteve presente em algumas entrevistas feitas com a tenista brasileira e ela demonstrava não gostar de falar sobre esse assunto, preferia relatar sobre os elementos do seu esporte propriamente dito.

Ainda não pretendo casar-me, apesar de ter recebido várias propostas... Permaneço poucas semanas nas cidades onde vou competir e não há tempo para se fazer uma amizade mais profunda com algum simpatizante ou admirador para culminar em casamento. No entanto – disse – sei de centenas de casos de rapazes e moças que viajaram de um para outro país a fim de contraírem matrimônio com pessoas que conheceram durante as competições de tênis... No meu caso, é melhor deixarmos o assunto de lado, no momento (ESTADAO, 21 de novembro de 1963, p. 24).

Essa fala demonstrou que diferente de Darlene Hard, ela não pretendia interromper sua carreira pelo matrimônio. Assim como sua maneira de jogar transgressora e sua inserção no esporte competitivo, esse argumento é inovador para o período. Uma vez que se esperava das mulheres que elas construíssem suas vidas a partir do casamento e de filhos. Até mesmo uma das melhores tenistas do momento, Darlene Hard, estava demonstrando corresponder a essa expectativa.

Seu último título de simples em Wimbledon na carreira foi em 1964, aos 25 anos, este que após esses anos de instabilidade foi considerado pela tenista o mais importante, pois ela havia sido considerada acabada para o tênis pelos últimos resultados que tinha obtido. O jogo final ficou para a história por ter sido muito concorrido, valeu a pena aos espectadores que ficaram mais de 24 horas na fila para conseguirem um ingresso.

Após Wimbledon, Maria Esther jogou outros campeonatos para se preparar para Forest Hills. Realmente contradizendo os que disseram que seria difícil ela voltar a vencer, além de Wimbledon ela foi campeã em Forest Hills vencendo a norte-americana Caldwell Graebner na final, em 25 minutos.

Segundo o jornal “A norte-americana não podia fazer nada ante os saques violentíssimos e os terríveis “drives” enérgicos de Maria Esther Bueno, que dominou

completamente o jogo. Foi a derrota mais humilhante sofrida por uma finalista de Forest Hills desde 1916” (ESTADAO, 15 de setembro de 1964, p. 25).

Em 1965, ela venceu em duplas em Wimbledon e perdeu a final de simples para Margareth Smith. Novamente o jogo final foi considerado uma excelente atração pelos comentários no jornal. Em Forest Hills também foi derrotada na final. Após essa derrota o jornal publicou: “O malogro veio mostrar que a brasileira necessita de repouso e tratamento especializado, pois sua forma física vem declinando desde a contusão que sofreu ao disputar o título da Austrália” (ESTADAO, 14 de setembro de 1965, p. 28).

Esse ano, segundo o crítico Edward Potter do “World Tennis”, Maria Esther Bueno ficou em segundo lugar na lista das melhores tenistas do mundo, atrás de Margareth Smith, australiana que a venceu em Wimbledon e em outros campeonatos menores durante a temporada na Europa.

Em dezembro a tenista voltou ao Brasil para passar as festas de fim de ano e tratar o menisco do joelho esquerdo. Apenas após conversar com o seu médico é que ela iria declarar seu retorno às quadras. Ela acabou realizando uma cirurgia no joelho e retornaria apenas após três meses.

2.4 Fim da carreira

Entre 1966 e 1970 a carreira de Maria Esther Bueno sofreu um declínio, pelas suas recorrentes lesões que fizeram com que ela não conseguisse retornar a sua excelente forma física.

Ela comentou sobre a sua cirurgia no joelho e os 12 quilos que perdeu durante a recuperação: “Tive dificuldades durante quase um ano com meu joelho esquerdo e sabia que teria de operá-lo, se quisesse continuar no tênis... Muita gente engorda quando deixa de jogar. Comigo, aconteceu o contrário” (ESTADAO, 26 de maio de 1966, p. 24).

João Havelange e Carlos Nascimento comentaram sobre o jogo final de Wimbledon da tenista, em 1966. Para Havelange faltou condições físicas à tenista, afirmando que ela sofreu os desgastes físicos pela grande quantidade de jogos que disputou nos últimos dias e que precisava de um médico ao seu lado para orientá-la em sua preparação. Para Nascimento devido às condições que a tenista estava, a doença que a acometeu dois anos atrás e a operação no fim de 1965, ela jogou muito bem, mas lamentou a falta de apoio necessário aos

esportes individuais no Brasil, faltando por exemplo assistência médica à tenista que estava defendendo um título mundial para o país (ESTADAO, 3 de julho de 1966, p. 29).

Maria Esther também comentou sobre sua partida final:

Creio que joguei a minha pior final de Wimbledon. Não sei o que se passava comigo. Estava concentrada, mas não pude acertar uma só bola. O mais decepcionante é que as minhas fases más costumam durar uma semana e, se não me engano, joguei bem durante toda a semana. Mas mesmo depois de vencer a segunda parcial eu ainda não me sentia confiante (ESTADAO, 3 de julho de 1966, p. 29).

Seguida à cirurgia do joelho, Maria Esther sofreu uma lesão no cotovelo, que a impossibilitou de participar do Pan-Americano. O jornal publicou duas notícias que faziam referência a ela, uma demonstrando que faltou a participação dela para o Brasil ter conquistado o bicampeonato em todas as modalidades do tênis e a outra relatando que se ela tivesse participado o Brasil conseguiria mais duas medalhas.

Em novembro ela concedeu uma entrevista e esclareceu:

Quando o Comitê Olímpico Brasileiro me comunicou em maio que eu estava convocada para o Pan, respondi que tinha compromissos na Europa. Depois me esqueceram, não me comunicaram mais nada. Fiquei sabendo pelos jornais que fora afastada pelo COB de futuras delegações brasileiras, juntamente com outros atletas (ESTADAO, 10 de novembro de 1967, p. 18).

A contusão que a acometeu veio antes do Pan e ela não poderia jogar nem mesmo se quisesse, além disso, ela complementou:

Se eu tivesse vencido o campeonato mundial em Wimbledon, ficaria numa posição privilegiada no ranking e poderia ir ao Pan. Como fui desclassificada logo nas quartas de final, teria que enfrentar logo as tenistas que se encontravam acima de mim. E não foi nenhuma delas ao Pan, como é que eu poderia descontar a vantagem lá? (ESTADAO, 10 de novembro de 1967, p. 18).

Com sua fala quis deixar claro que não queria criticar ninguém e não tinha nada contra o COB, ela só queria que as pessoas soubessem outro lado da história, concluiu:

Disseram que eu não quis representar o Brasil no Pan. Mas se em todos os campeonatos de que participo não faço outra coisa senão lutar para conseguir novos títulos para o Brasil?... Luto à minha maneira, sozinha, mas é o meu país que aparece no ranking, sem ser, reconhecidamente, uma terra de tenistas (ESTADAO, 10 de novembro de 1967, p. 18).

Além do esclarecimento sobre o Pan, a tenista falou sobre a sua contusão. Desde maio ela estava sentindo dores, mas não parou de jogar para não prejudicar sua posição no ranking mundial. Mas, um dia em Wimbledon, em julho, ela jogou 105 games, durante 6 horas e sua contusão agravou impossibilitando-a de continuar jogando. Interrompeu seus jogos para

iniciar o tratamento, mas disse não pensar em parar de jogar. Essa contusão a impossibilitou de participar do torneio de Forest Hills também.

O excesso de jogos e o pouco descanso, fez com que todos os anos ela tivesse uma contusão. Isso associado às características do treinamento do período, não havia uma sistematização rigorosa, o desenvolvimento dos programas de treinos específicos a cada modalidade, associados à ciência, estavam em andamento. Assim que retornou ao Brasil procurou o Dr. João de Vicenzo, que sempre a tratava e que ela disse confiar, dependendo da decisão dele para que ela determinasse quando voltaria a jogar. Ela contou, chateada, que o que ninguém sabia era que o tratamento médico havia custado mais de 200 dólares e que ela pagou com o próprio dinheiro e poderia provar isso (ESTADAO, 10 de novembro de 1967, p. 18).

Essas lesões fizeram com que Maria Esther declinasse no cenário internacional, a partir de 1968 as incidências da tenista no jornal diminuíram significativamente, fato que restringe as discussões sobre o encerramento da sua carreira para além das lesões.

3. A institucionalização do tênis no Brasil

Esse capítulo tem como objetivo apresentar a modalidade tênis no Brasil no período, indicar quais instituições o regiam e organizavam, quais campeonatos já eram realizados no país, praticados por homens e mulheres.

Como a tenista Maria Esther Bueno jogou, além de campeonatos nacionais, torneios internacionais, estes também estarão presentes nas discussões, mostrando seu impacto na institucionalização do tênis no Brasil. Principalmente, as questões entre amadorismo e profissionalismo, pois esse período foi marcado pela presença de dois circuitos por essas questões estarem em debate.

Ao pesquisarmos, a partir do nome da tenista Maria Esther Bueno, foi possível identificar as instituições e perceber o destaque que outras jogadoras possuíam nas notícias do jornal em relação à participação nos campeonatos.

Assim, também evidenciaremos a presença dessas mulheres que estavam incluídas na constituição da carreira de Maria Esther Bueno, uma vez que eram suas adversárias no Brasil no início da sua carreira, ressaltando ainda que essa modalidade também era praticada por outras mulheres.

Naquele momento histórico, o Brasil possuía duas instituições dispostas a organizar o tênis. A Federação Paulista de Tênis (FPT) inaugurada oficialmente em 1924 e o Conselho Nacional de Desportos (CDN). A Confederação Brasileira de Tênis (CBT) foi fundada em 1955.

A FPT e a CBT tinham o objetivo de organizar a modalidade a partir das regras, regulamento e execução dos torneios, rankings e estavam diretamente relacionadas aos clubes.

Já o CDN foi criado em 1939 para arbitrar a prática esportiva de maneira geral, não só o tênis. Era um órgão estatal que podia intervir nas instituições esportivas de cunho privado para mediar e regularizar as práticas esportivas amadoras e profissionais. Tinha o objetivo de disciplinar o esporte nacional (MOREIRA, 2016).

O esporte nacional passava por mudanças. Segundo Alves e Pieranti (2007, p. 4): “O Estado passou a ter poderes de intervenção nas organizações esportivas – clubes e times -, de administração – federações e confederações – e até nas competições organizadas no país”.

Assim, até a década de 1990, o esporte competitivo no Brasil, com exceção do futebol e do automobilismo, possuía dois pilares: as competições regionais e nacionais, relacionadas diretamente aos clubes privados e a inserção no contexto internacional, a qual dependia de investimento de empresas estatais (Alves e Pierante, 2007).

Os clubes estavam presentes no período e a prática se consolidava a partir desse espaço na cidade de São Paulo. Havia uma tentativa de reforçar a institucionalização da modalidade, para a formação de futuros campeões para o país e uma das formas indicadas era por meio do maior incentivo da prática pelas crianças. Um artigo intitulado “O tênis infantil” representa essa constatação, em que o autor propõe o estímulo da prática pelas crianças da categoria infantil:

O tênis hoje em dia, é um dos esportes que, em São Paulo, prestam maiores benefícios, do ponto de vista da fisicultura, à mocidade paulista. Justificam-se, portanto, os maiores e melhores esforços no sentido de se facilitar o máximo possível a prática desse ramo de esportes pelos meninos e meninas (ESTADAO, 2 de novembro de 1952).

Propunha que a prática fosse mais desenvolvida para que aumentasse o estímulo físico das crianças e a formação de futuros campeões, uma vez que, segundo ele: “raramente conseguem progressos apreciáveis os que se tornam tenistas depois dos vinte anos. É de todo aconselhável, como se vê, que os nossos clubes procurem enviar o máximo de seus esforços em prol do tênis infantil-juvenil” (ESTADAO, 2 de novembro de 1952).

Esse artigo evidencia que a prática esportiva de meninos e meninas nos ambientes dos clubes era estimulada, sendo o tênis uma das opções. Os argumentos apresentados eram de que o esporte não só traz melhora física, mas forma campeões para o país.

O tênis era uma modalidade já praticada no Brasil há bastante tempo – Mathias e Rubio (2010) encontraram essa prática em periódicos no início do século XX, porém não a abordaram detalhadamente na pesquisa, optaram pelo atletismo, bola ao cesto e os jogos presentes em atividades sociais. Nestas, o tênis era presente como uma atividade praticada em família, não com fins competitivos, assim como a peteca.

A divulgação da prática do tênis no início do século XX também foi encontrada na pesquisa de Moraes e Silva e Fontoura (2011), que analisaram artigos publicados na Revista Brasileira de Educação Física – entre 1944 e 1950. O tênis estava presente entre as modalidades permitidas às mulheres, junto com a natação, o “badmington”, o tênis de mesa e outras atividades.

Silva *et al.* (2017) a partir de dados de 2003, evidenciaram o tênis como praticado ainda por uma população restrita que pode frequentar clubes e academias. Uma vez que não há espaços públicos para praticar essa modalidade no Brasil. Além de, demonstrar que os “atletas de destaque no tênis infanto-juvenil do país estão vinculados aos clubes localizados nas regiões sul e sudeste do Brasil...” (Silva *et al.*, 2017, p. 6). É possível perceber que a tentativa proposta pelo artigo de 1952 teve repercussão na prática do tênis atual e essa categoria foi estimulada no ambiente clubístico. Este que continuou sendo o principal ambiente de prática da modalidade.

Artigos científicos foram buscados para dialogar com essas informações, porém não foram localizadas pesquisas sobre a prática do tênis nesse período, nem a sua relação com os clubes na cidade de São Paulo.

Cortela *et al* (2016) analisou o “estado da arte” das publicações sobre o tênis em periódicos nacionais nas bases de dados SciELO, LILACS e de forma manual em sites de periódicos. As categorias com mais artigos foram *Psicologia do esporte, Técnica e tática e Treinamento esportivo*. A categoria *Estudos históricos e socioculturais* não teve quantidade significativa de artigos, uma vez que a produção científica do tênis no Brasil é baixa e menor ainda na área de conhecimento das ciências humanas.

Na pesquisa realizada nos jornais, foi possível identificar os campeonatos que eram realizados no Brasil, eles compreendiam desde campeonatos municipais, estaduais a campeonatos brasileiros e internacionais. As tenistas Cecy Carvalho, Ingrid Metzner e Maria Helena Amorim eram destaques no contexto nacional e representavam as principais adversárias de Maria Esther Bueno no início da sua carreira.

Quando as tenistas internacionais vinham jogar no Brasil, eram consideradas superiores às jogadoras nacionais, perdendo esse reconhecimento quando Maria Esther Bueno se tornou uma grande campeã. Havia torneios no Brasil, mas os mais consagrados, os chamados Grand Slams eram realizados nos Estados Unidos, Austrália, Inglaterra e França.

Isso pode ser observado pelos comentários publicados nos jornais ao comentarem sobre as tenistas internacionais. Quando Shirley Fry, uma experiente tenista com prêmios internacionais e considerada a melhor tenista do mundo nesse período, veio jogar no Brasil era esperado sua vitória pela superioridade técnica e experiência em campeonatos considerados mais importantes:

A reunião de abertura terá como principal atração o confronto entre Shirley Fry e Maria Esther Bueno. A jovem defensora do C. R. Tietê, sem que haja qualquer menosprezo à sua capacidade, pouco poderá aspirar diante de tão forte adversária. Maria Esther, contudo, poderá fazer uma boa partida, exibindo seu estilo bonito e extrema facilidade em golpear a bola. Esse confronto certamente será bastante valioso para a representante tieteana, pois irá adquirindo experiência em jogos de envergadura, o que é sumamente importante no difícil esporte de raqueta, particularmente para Maria Esther, que está em fase de evolução (ESTADAO, 18 de junho de 1953).

Foi possível perceber, através das divulgações do jornal, que o Brasil possuía campeonatos municipais, regionais e nacionais que permitiram que a tenista se inserisse no meio competitivo. As federações, confederações, o CDN e os clubes realizavam esses torneios, possibilitando a inserção das mulheres nesse ambiente. Já havia tenistas nacionais participando desses torneios e que inicialmente eram superiores a Maria Esther Bueno, causando rivalidade até ela se consolidar como a melhor tenista nacional.

A tenista brasileira expressou sua opinião sobre a situação do tênis brasileiro, criticando a forma de prática estabelecida e a necessidade de inclusão do esporte na escola para maior divulgação e possibilidade de formarem-se outras atletas no país:

“Não tenho culpa- acrescentou- de não haver aqui ninguém para jogar. O tênis está muitíssimo atrasado no Brasil. Aqui só joga quem é sócio de clube e, assim mesmo, quando tem dinheiro para comprar os materiais que não são lá muito baratos. Desse jeito nunca poderá haver condições para que se formem bons tenistas. Na Europa- continuou- o tênis é ensinado nas escolas. Até nas praças públicas o esporte pode ser praticado. Quando o brasileiro diz que o tênis é um esporte de ricos, não se trata de preconceito não; é a pura verdade. Ele só erra numa coisa: em generalizar o que diz. Só no Brasil é que é assim. Infelizmente, o brasileiro joga tênis com um copo de uísque do lado”, finalizou esclarecendo que não veio ao torneio internacional promovido em São Paulo, pois não teve tempo devido à compromissos assumidos anteriormente no exterior “Mas nem por isso- concluiu- deixarei de jogar no Brasil (ESTADAO, 15 de novembro de 1968, p. 17).

Ela já havia feito essa crítica ao país quando comentou sobre a importância da visibilidade da sua carreira para o aumento da prática, uma vez que o esporte não era praticado na escola:

Isso vai ajudar a América Latina a ver o tênis sob um outro aspecto. Muitos americanos do sul seriam bons jogadores, mas antes não se lhes dava oportunidade. Em meu país, o esporte não é praticado na escola, como aqui na Austrália. Mas, o fato de que Olmedo e eu tenhamos vencido em Wimbledon, no mesmo ano, deu muita importância ao tênis da América do Sul (ESTADAO, 9 de janeiro de 1960, p. 11).

Passados oito anos, ela novamente faz referência à falta do esporte na escola, demonstrando que apenas sua visibilidade e representatividade como campeã não eram suficientes para incentivar a prática da modalidade e formar novos atletas.

Assim, conclui-se que o país estava em um crescente desenvolvimento da modalidade através dos clubes e federações, porém o incentivo da prática na escola ainda não era concretizado.

3.1 O contexto do tênis mundial

Para organizar o tênis mundialmente havia a Federação Internacional de Tênis (FIT, ou em inglês ITF, International Tennis Federation), que foi fundada em 1911, através de 15 nações (Austrália, Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Inglaterra, Hungria, Itália, Holanda, Rússia, África do Sul, Espanha, Suíça e Suécia). Ela era composta pelas confederações desses países e ao longo dos anos outros países foram associando-se. Assim, cada país possuía sua confederação e esta se associava a maior de todas que era a ITF⁵.

Durante o período que Maria Esther jogou diversos embates foram traçados entre as federações, confederações, órgãos dirigentes do tênis de maneira geral, por todo o mundo. A principal causa desses embates foram as questões relacionadas ao amadorismo e ao profissionalismo na modalidade. Segundo Dutheil et al. (2017, p. 39):

Les positionnements et actions des dirigeants de la FFLT (Fédération Française de Lawn-Tennis), parfois anarchiques et contradictoires, méritent d'être analysés à l'aune des disputes intestines qui marquent le tennis des années 1950 à 1970. Que de chemin parcouru, d'hésitations, d'oppositions, d'entretiens en sous-main, de prises de pouvoir avant d'inaugurer en 1968 "l'ère open" du tennis et le rapprochement fragile des joueurs amateurs et professionnels⁶.

Dentro das próprias federações havia divergências em relação a total transformação do tênis de amador para profissional. Os dirigentes e atletas pressionavam de diferentes formas os órgãos responsáveis pelas regras gerais da modalidade. A partir de pressões constantes de transformar a modalidade em profissional algumas flexibilizações foram concedidas até tornar-se inviável e ocorrer a “abertura do tênis”, transformando-o em uma modalidade profissional.

⁵ Informações disponível em: <https://www.itftennis.com/about/organisation/history.aspx>. Acesso: 26/11/18 às 16h.

⁶ Os posicionamentos e ações dos dirigentes da FFLT (Federação Francesa de Tênis de Grama), às vezes desordenados e contraditórios, merecem ser analisados em função das disputas internas que marcam o tênis dos anos 1950 e 1970. Um longo caminho foi percorrido, de hesitações, oposições, entrevistas em segredo, tomadas de poder, antes de inaugurar em 1968 a “era aberta” do tênis e a frágil reaproximação dos jogadores amadores e profissionais (DUTHEIL ET AL., 2017, p. 39, tradução nossa).

O principal fator para indicar a profissionalização da modalidade era a remuneração financeira dos atletas. O circuito amador não permitia o envolvimento de dinheiro nas relações entre os atletas e as federações, organizadores de campeonatos e/ou clubes. De acordo com os defensores do amadorismo os praticantes deveriam usufruir da atividade em si, sem preocupações financeiras, para que isso não influenciasse no espetáculo produzido pelo jogo.

Os defensores da profissionalização argumentavam que para participar dos maiores campeonatos do mundo os atletas deveriam dedicar-se exclusivamente ao esporte, praticando-o durante um longo período da sua vida, aproximadamente 15 anos, e sem retornos financeiros, fazendo com que após essa dedicação os jogadores não recebessem um retorno. Sendo que, os organizadores dos campeonatos recebiam dinheiro ao venderem os ingressos das partidas. Os adeptos a profissionalização reivindicavam os direitos dos atletas em participar do ganho gerado pelos jogos que exibiam.

Duas reformas foram feitas tentando amenizar essas disputas e adaptar a modalidade ao contexto. Em 1934, houve uma permissão para que os amadores pudessem solicitar uma ajuda de custo de oito semanas por ano, para que eles praticassem a modalidade sem a preocupação do dinheiro envolvida e os princípios do amadorismo fossem mantidos.

Mesmo assim, o número de tenistas associando-se ao circuito profissional aumentava. Então, em 1951, de oito semanas de ajuda financeira os amadores poderiam solicitar 210 dias por ano.

Até que em 1968, por pressão de um campeonato mundial de tênis organizado pelo circuito profissional, a ITF decidiu permitir a participação dos tenistas profissionais, demarcando o que foi conhecido como a “abertura” do tênis.

No período em que Maria Esther jogou (1950-1970), vigorava a regra de solicitar 210 dias por ano de ajuda de custo até a abertura dos campeonatos de tênis. Entre esses anos os atletas que se enquadravam no tênis amador seguiam as regras e participavam dos campeonatos regidos pela ITF. Porém, havia um circuito paralelo que compreendia os atletas já profissionalizados e que recebiam prêmios em dinheiro nos torneios que participavam.

Esses dois circuitos dualizavam os atletas, fazendo com que ora o amador, ora o profissional fosse mais valorizado. As premiações em dinheiro atraíam os jogadores que se inseriam no esporte sem possuírem condições financeiras para permanecerem no circuito

amador. Este atraía a classe detentora de capital econômico, permitindo que esse capital fosse símbolo de distinção e de possibilidade de maiores espetáculos por não estarem associados ao dinheiro.

Se o campeonato de Wimbledon de 1958 apresenta carência de grandes “ases”, após o desaparecimento de Lew Hoad (campeão em 1956 e 1957) e Tony Trabert (1955), que passaram a profissionais, e Vic Seixas (1953), entre os homens, e da srta Louise Brough (1955) e srta Maureen Connolly (1952, 1953 e 1954), entre as moças, ele não deixava, no entanto, de apresentar interesse este ano. O nível geral será, talvez, um pouco mais baixo do que no passado, mas o fato de que nenhum jogador se impõe verdadeiramente em simples, tornará o torneio ainda mais equilibrado” (ESTADAO 24 de junho de 1958, p. 22).

O Brasil não possuía atletas profissionais de tênis, os praticantes enquadravam-se no circuito amador. Esse fato pode estar relacionado ao fato de não termos encontrado pesquisas científicas nacionais que dialogassem ou demonstrassem esses conflitos entre amadores e profissionais na base de dados SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp). Para entendermos melhor as diferenças entre o amador e o profissional nos apoiamos na literatura internacional e nas notícias encontradas na busca pela carreira de Maria Esther Bueno.

Pelo caráter elitizado da modalidade, que prezava uma prática associada a valores morais como cortesia e honestidade, ainda no início do século XX o tênis se aproximava mais de uma atividade recreacional do que de um esporte competitivo em que a vitória fosse um fator relevante. Seu caráter aristocrático não dava importância para a *performance*, isso é, as quantificações não eram importantes, nem do treinamento nem do jogo. O esperado era uma modalidade caracterizada como amadora, praticada pelo prazer da partida, para demonstrar beleza nos gestos, enfatizando a prática como um espetáculo a ser jogado e assistido pela elite, por quem tivesse disponibilidade para esse envolvimento (LAKE, 2014, p. 3).

Esse tradicionalismo aristocrático indicava a vontade dessa classe em manter a modalidade fechada às massas. O tênis era praticado, predominantemente, nos clubes privados e estes selecionavam seus associados pelo capital econômico e simbólico. As partidas realizadas entre os clubes eram jogadas pela elite detentora de capital simbólico para que representassem uma demonstração de classe. Não eram golpes fortes, bolas e pontos rápidos que eram esperados e sim gestos controlados, realizados com elegância para que os espectadores assistissem e se sentissem pertencentes a um ambiente privilegiado.

Os principais campeões dos torneios amadores começaram a migrar para o profissional já em meados de 1920. Suzanne Lenglen, por exemplo, uma das maiores tenistas dessa década, associou-se ao circuito profissional em 1926. Ela alegava não concordar com a

circulação de dinheiro exclusiva dos organizadores dos torneios amadores, não chegando aos jogadores (LAKE, 2014, p. 6).

Além dela, outros jogadores também criticavam a questão do amadorismo por não receberem nenhuma parcela do dinheiro envolvido nas partidas, principalmente por dedicarem-se à modalidade por aproximadamente 10 anos e ao encerrarem suas carreiras não terem construído um patrimônio financeiro (JEFFERYS, 2009, p. 2260).

Porém, esse discurso era fragmentado, os jogadores ainda não tinham se organizado a ponto de possuírem força política e voz coletiva no começo do século XIX, foi um processo construído ao longo dos anos até conseguirem exercer suficiente pressão na ITF para que esta permitisse a participação de jogadores profissionais nos campeonatos tradicionais do tênis, os Grand Slams (JEFFERYS, 2009, p. 2259).

A partir do fim da década de 1950 rupturas mais graves ao amadorismo começaram a acontecer. Principalmente pela inexistência de uma rígida distinção entre as classes sociais. O circuito profissional estava mais fortalecido, inclusive já possuía uma federação específica, conforme explicitado por Dutheil et al. (2017, p. 40):

Au début des années 1960, les joueurs “pro” évoluent par conséquent dans un véritable circuit parallèle, avec un calendrier précis de tournois, calqué sur le modèle du circuit fédéral. Si l’entreprise est bien dirigée par Kramer jusqu’em 1962, avec des intérêts et des aspects commerciaux évidentes, ce dernier a réuni ses joueurs em association L’International Professional Tennis Players Association (IPTPA), créée en 1960, compte seize adhérents, tous recrutés dans le rangs des amateurs⁷.

Isso fortaleceu o circuito profissional e mesmo ainda havendo diversas opiniões entre os dirigentes do tênis, principalmente a Inglaterra que constantemente era contra a profissionalização, em 1968 ela foi inevitável. Ocorreu a abertura do tênis, isso é, os atletas jogavam os mesmo campeonatos e estes possuíam premiações em dinheiro. Foram criadas duas categorias: jogadores “autorizados” e amadores, descritas por Dutheil et al. (2017, p. 48 e 49):

La distinction entre autorisés et professionnels est subtile. Les premiers, sous contrôle de leur fédération, pourront “tirer ouvertement du tennis un profit matériel

⁷ No início dos anos 1960, os jogadores “profissionais” desenvolveram um verdadeiro circuito paralelo, com um calendário preciso de torneios, copiado do modelo do circuito federal. A empresa foi bem dirigida por Kramer até 1962, com interesses e aspectos comerciais evidentes, ele reuniu seus jogadores na associação internacional dos jogadores de tênis profissionais (IPTPA), criada em 1960, com 16 membros, todos recrutados do ranking dos amadores (DUTHEIL ET AL, 2017, p. 40, tradução nossa).

excepté de l'enseignement du jeu, et sans faire du tennis leur profession. Ce seront, em somme des semi-professionnels". Les seconds, sous contrat avec des promoteurs, continueront à vivre de leurs talents et "gagner de l'argent sans aucune limite". Les semaines précédant le 30 mars, l'activité de Borotra s'était encore intensifiée auprès de la FILT. Favorable aux tournois open, il n'em condamnait pas moins la proposition anglaise consistant à supprimer toute catégorie. Finalement, ce sont bien ses propositions qui ont été retenues, récompensant un combat débuté il y a près de dix ans⁸.

A proposta de criação dessas categorias era discutida há pelo menos oito anos, demonstrando a dificuldade de rompimento da tradição na modalidade. Em 1960 isso já era noticiado pelo jornal como uma proposta:

Uma outra medida de que a Federação Internacional de Tênis cogita pôr em prática é a de criar a categoria de tenistas "autorizados". Esses jogadores poderiam atuar como profissionais e ter, ainda assim, permissão para participar de certames abertos, contra amadores. A providência, se efetivada, possibilitaria a Esther ganhar ainda mais experiência, em disputas contra jogadoras profissionais, como Althea Gibson (13/05/1960, p. 19).

Sendo também esperado que em 1961 já se concretizasse:

Segundo voz corrente nos bastidores da "Lawn Tennis Internacional Association", o presente torneio talvez seja o último jogado exclusivamente por elementos amadores. Para o próximo ano, se não falharem as tentativas, voltarão a jogar conhecidos nomes do esporte: Pancho Gonzalez, Lewis Hoad, Kenneth Rosewall, Frank Sedgman, Tony Trabert. Dessa forma, o torneio quebrando a tradição de mais de meio século, será aberto para profissionais. A decisão será tomada no dia 6 de julho, em Paris, por ocasião do Congresso da LTIA (ESTADAO, 21 de junho de 1960, p. 24).

O resultado dessa votação repercutiu no jornal, com a informação da negação da autorização para essa abertura nos torneios de Wimbledon e Forest Hills e a conclusão da tradição continuar presente na modalidade, causando uma diferença entre os amadores e profissionais. Estes considerados mais eficientes. Além de demonstrar a discussão sobre a espetacularização do esporte:

Cinco votos a menos impediram que a Federação Internacional de Tênis de Grama aprovasse a participação de profissionais nos torneios de Wimbledon e Forest Hills, entre outros. Não bastou o fato de a maioria aprovar a inovação, porque segundo os estatutos da entidade, modificações dessa ordem só poderão ser introduzidas em caso de serem favorecidas por dois terços do total de votos. O resultado impossibilitará, ainda por algum tempo, o confronto geral entre os melhores tenistas do mundo, porque a maior parte dos melhores é composta por profissionais. A reação talvez revele um exagero de senso conservador e representa e ojeriza

⁸ A distinção entre autorizados e profissionais é sutil. Os primeiros, sobre o controle de suas federações, poderão "fazer do tênis um lucro material, exceto através do ensino do jogo e sem que o tênis se tornasse uma profissão. Serão, portanto semiprofissionais". Os segundos, sobre contrato com patrocinador, continuarão a viver de seus talentos e "ganhar dinheiro sem limite nenhum". Nas semanas antes do dia 30 de março, a atividade de Borotra tinha se intensificado junto a FILT. Favorável aos torneios abertos, ele não condenava a proposta inglesa que constituía a suprimir toda categoria profissional. Finalmente, são essas propostas que foram discutidas, contribuindo com um combate que durou aproximadamente 10 anos (DUTHEIL ET AL, 2017, p. 48 e 49, tradução nossa).

indiscriminada que em várias partes do mundo os profissionais se encontram. É justo que o esporte seja adotado como método auxiliar de educação, como de fato é, e é óbvio que esse objetivo não seria adequadamente alcançado com estímulos de remuneração. Mas também será obscurantismo perseguir os profissionais e trata-los como uma classe de impuros e decaídos, prontos a desencaminhar inocentes amadores. Se os profissionais existem, é em função exclusiva do espetáculo que o esporte há muito tempo passou a ser. E será difícil dizer que o esporte seja hoje mesmo espetáculo que disciplina escolar. Certamente será as duas coisas, ou uma coisa única com dupla finalidade. E para que se estimulem os amadores não será necessário segregar os profissionais. Além de tudo, não há razão que justifique a idolatria de Pelé, por exemplo, acompanhada simultaneamente de desprezo para com profissionais de outras modalidades (ESTADAO, 07 de julho de 1960, p. 19).

Em 1962, a tentativa de inserir tenistas profissionais em Wimbledon continuava:

Ainda este ano, contrariamente a disposição da FILT (International Lawn Tennis Federation) o certame se desenvolverá em bases amadoras. Isso porque a entidade, por intermédio do Conselho Técnico, deliberou protelar, até 1963, a inscrição de tenistas profissionais, pelo período experimental de dois anos. Contudo, a decisão é transitória, pois novas discussões serão tomadas na reunião da FILT, a 11 de julho (ESTADAO, 24 de junho de 1962, p. 31).

A tenista brasileira Maria Esther Bueno era cobiçada pelo circuito profissional:

A Associação de Tenistas Profissionais anunciou que pretende fazer propostas a Maria Esther Bueno, do Brasil, e a Margareth Smith, da Austrália, Ken Rosewall, membro da entidade, explicou que as propostas ainda estão em estudos e somente após o próximo torneio de Wimbledon serão concretizadas (ESTADAO, 21 de janeiro de 1965, p. 22).

Porém, mesmo no primeiro torneio de Wimbledon aberto às duas categorias, Maria Esther Bueno participou como amadora, isso foi noticiado pelo jornal e até mesmo feito um comentário sobre os profissionais não necessariamente serem campeões:

O tênis mundial verá se abrir amanhã em Wimbledon um novo torneio internacional, o mais famoso em todo o mundo, desta vez com uma quebra da tradição, participando também tenistas amadores ao lado de profissionais consagrados, regra que não fora quebrada desde a primeira disputa do campeonato de tênis da Grã-Bretanha em 1877... Até agora, foram disputados quatro torneios abertos... Desses torneios todos, uma só lição é tirada: nem sempre os profissionais vencem, regra que vale, inclusive, para Rod Laver, surpreendido pelo amador Okker (ESTADAO, 22 de junho de 1968, p. 39).

No ano anterior à abertura oficial da modalidade, 1967, houve um torneio similar a Wimbledon exclusivo aos profissionais que teve repercussão na mídia e foi um dos fatores que pressionou a federação a juntar as categorias em um único torneio. Principalmente pela qualidade dos jogos praticados pelos profissionais:

O All-England Tennis Club anunciou ontem que as possibilidades de se instituírem certames abertos em Wimbledon são agora maiores do que nunca, graças ao êxito do torneio entre profissionais disputado no último fim de semana na quadra central, até então domínio sagrado dos amadores... Todos concordam em que foi o melhor tênis visto em Wimbledon nos últimos anos.

O major David Mills, secretário do All-England Club, afirmou: “Sem querer-me envolver em política do tênis, acho que a Federação Internacional de Tênis deve reconsiderar sua decisão a respeito de um Torneio de Wimbledon aberto a amadores e profissionais”. A FIT, nos últimos 7 anos, rejeitou 4 pedido da Inglaterra nesse sentido (ESTADAO, 31 de agosto de 1967, p. 23).

As notícias aqui selecionadas pelos jornais nos auxiliaram a perceber a dualidade que existia entre os dois circuitos, a constante resistência em manter a tradição na modalidade, uma discussão entre a eficiência esportiva dos jogadores amadores e profissionais, tentando compará-los e a oficialização da abertura dos campeonatos mais tradicionais, com Wimbledon sendo o maior representante.

A constante tentativa em não deixar a modalidade tornar-se profissional representava a vontade dos organizadores dos torneios, os dirigentes dos clubes, os diretores das federações e confederações em manter uma tradição, esta relacionada aos capitais simbólicos representados pela classe dominante do período. Segundo Bourdieu (2015), as diferentes escolhas entre as práticas esportivas também era um indicativo de pertencimento a diferentes classes:

Do mesmo modo, para compreender a distribuição da prática dos diferentes esportes entre as classes, seria necessário levar em consideração a representação que, em função dos esquemas de percepção e de apreciação que lhes são próprios, as diferentes classes têm gastos (de ordem econômica, cultural e “física”) e benefícios associados aos diferentes esportes, benefícios “físicos” imediatos ou diferidos (saúde, beleza, força – visível com o culturismo, ou invisível com o higienismo, etc), benefícios econômicos e sociais (promoção social, etc), benefícios simbólicos, imediatos ou diferidos, relacionados com o valor distribucional ou posicional de cada um dos esportes considerados (isto é, tudo o que advém a cada um deles pelo fato de sua maior ou menor raridade e de estar mais ou menos claramente associado a uma classe: assim, boxe, futebol, rúgbi ou culturismo evocam as classes populares; tênis e esqui, a burguesia; e golfe, a grande burguesia), benefícios de distinção proporcionados pelos efeitos exercidos sobre o próprio corpo (por exemplo, magreza, bronzeado da pele, musculatura mais ou menos aparente, etc) ou pelo acesso a grupos altamente seletivos, obtido pela prática de alguns deles (golfe, polo, etc) (BOURDIEU, 2015, p. 25).

Essa tradição e os capitais simbólicos que envolviam o tênis amador podem ser relacionadas à construção do gosto teorizada por Bourdieu (2015). Para esse autor, as práticas culturais, as escolhas pelas modalidades esportivas, estão associadas ao nível de instrução e à origem social (BOURDIEU, 2015, p. 9). Assim, os gostos podem ser considerados “marcadores privilegiados da classe”, que une e separa essas classes:

Como toda a espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que têm de mais essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado (BOURDIEU, 2015, p. 56).

O tênis amador era esse marcador da classe dominante. Principalmente pelo seu princípio de jogo sem associações ao dinheiro, os jogadores deveriam demonstrar que estavam ali para usufruir da partida e para mostrar um espetáculo de classe. O profissionalismo seria um risco para essa prática espontânea, o dinheiro faria com que as relações entre os jogadores não fossem mais desprovidas de interesse financeiro. Este daria outro sentido às partidas e aos campeonatos. Além de, aproximar diferentes classes sociais em um ambiente que era exclusivo da classe dominante.

Seria como vulgarizar o gosto da nobreza às outras classes, não seria mais uma modalidade que representava essa distinção social. O tênis deixaria de representar a “estética pura” da nobreza. Nas palavras de Bourdieu (2015, p. 13):

E, nada determina mais a classe e é mais distintivo, mais distinto, que a capacidade de construir, esteticamente, objetos quaisquer ou, até mesmo, “vulgares” (por serem apropriados, sobretudo, para fins estéticos, pelo vulgar) ou a aptidão para aplicar os princípios de uma estética “pura” nas escolhas mais comuns da existência comum – por exemplo, em matéria de cardápio, vestuário ou decoração da casa – por uma completa inversão da disposição popular que anexa a estética à ética... O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas.

Porém, a partir de 1950, aproximadamente, houve um aumento de praticantes dos esportes, entre eles no tênis. Na França, por exemplo, entre 1950 e 1970 os tenistas passaram de 50 mil a meio milhão. Tornando não mais uma prática de grande número, mas sim massificada. Segundo Vigarello (2011, p. 233):

O crescimento mais revelador é, sobretudo, o de uma prática das classes médias: conquista das antigas terras elitistas do tênis ou do esqui, em particular, pelos assalariados dos Trinta Gloriosos, aqueles que Yves Lequin reúne sob o nome de “camadas médias assalariadas”, estimados em 3,5 milhões em 1962 a seis milhões em 1975.

Com isso, a modalidade precisava se adaptar aos novos jogadores e à demanda deles em ganhar dinheiro para seu sustento pelo esporte.

A tenista protagonista dessa pesquisa foi acusada em uma notícia publicada pelo jornal inglês “Sunday Times” em 1967 por ter cobrado 130 libras esterlinas para participar de um torneio na região de Londres em 1965 (ESTADAO, 7 de março de 1967, p. 17). Porém, só houve uma recorrência dessa notícia no jornal, não tendo sido confirmado se a acusação era verdadeira ou não.

Ela continuava sendo considerada amadora e sua vontade também era essa. Em entrevista ao jornal “O Estado de São Paulo”, quando foi interrogada sobre profissionalismo foi assim publicado:

Estherzinha fica ainda mais séria – ela quase não sorri – quando fala do profissionalismo. Pelo menos no próximo ano, ela ainda vai jogar por esporte, precisa primeiro recuperar sua posição no ranking. Depois, vai pensar com mais calma, se passa ou não para o profissionalismo (ESTADAO, 10 de novembro de 1967, p. 18).

Já em uma das últimas notícias encontradas no jornal sobre resultados de torneios de Maria Esther Bueno, obtivemos a informação que ela estava jogando como “amadora registrada”, representando, assim como na entrevista, que ela realmente não entrou para o circuito profissional durante a sua carreira.

Tanto Maria Esther Bueno como Margareth Smith atuaram como “amadoras registradas”, o que lhes permite receber prêmios em dinheiro sem perder sua condição de amadora. Com sua vitória, Esther já assegurou pelo menos 1500 dólares, enquanto sua adversária ganhou 1000 (ESTADAO, 5 de setembro de 1968, p. 27).

Podemos concluir que o período jogado pela tenista foi conturbado em relação às escolhas entre o circuito profissional e amador. Sendo que, ela optou pelo lado tradicional do esporte, manteve-se e constituiu-se como amadora. Foi uma escolha conservadora em relação à especificidade dos torneios que jogaria, diferentemente do estilo de jogo adotado por ela. Este era caracterizado como inovador, eficiente e performático, será desenvolvido no Capítulo 4, o trago aqui para contrastar as escolhas efetuadas por Maria Esther Bueno durante a sua carreira, circuito amador com um estilo de jogo ofensivo e inovador.

3.2 A presença das mulheres no contexto brasileiro do tênis

Entre 1950 e 1970, o Brasil passou por distintos contextos políticos. Estes nos auxiliam a entender a presença das mulheres no âmbito esportivo, principalmente pela nova mentalidade que se desenvolveu antes do golpe militar de 1964.

O período que compõe essa pesquisa foi composto por quatro momentos: o governo de Getúlio Vargas, trabalhista, populista e nacionalista; o governo de Juscelino Kubitschek, desenvolvimentista, o breve mandato de João Goulart e o golpe militar em 1964, representando o retorno do alinhamento do Brasil com a política imperialista norte-americana.

Antes do golpe militar o Brasil estava passando por uma busca de modernização. O país tentava se alinhar com o “mundo livre”, a partir do processo de passagem do modelo de substituição de importações para o da política do nacional desenvolvimentismo (Lopez, Mota, 2008, p. 730).

Uma nova identidade brasileira estava sendo formada, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, rádio, cinema, música popular e a reforma do ensino escolar. O desenvolvimento acoplado à ideia de modernidade provinha dos Estados Unidos, principal potência vencedora da Segunda Guerra Mundial. Estimulando uma nova concepção de cidade, a industrialização, demandava da burguesia emergente, florescimento de centros universitários, bienais de arte e da indústria cinematográfica.

O jornal também foi um veículo reformado nesse período principalmente com a questão da mudança da linguagem, sinalizando “um país com uma cultura e valores mais urbanos, cosmopolitas e voltados para a discussão das questões nacionais” (Lopez, Mota, 2008, p. 744).

A política implantada por JK emblemática pela frase “50 anos em 5”, correspondeu a uma visível aceleração histórica e a uma mudança nos costumes e mentalidade.

Estava em curso uma revolução cultural, assim caracterizada por Lopez, Mota (2008, p. 766 e 767):

Essa foi uma época de florescência cultural intensa, de estudos abordando especificidades de nossa história, de tomada de consciência dos problemas nacionais, sociais e internacionais...

O Brasil ia mudando, com a “bossa nova”, o jazz mais moderno, o teatro se politizando, voltando-se – agora de modo mais atualizado e sofisticado – para o nacional e o popular.

Foi nesse contexto, nessa efervescência política, com modernização, democratização, estímulos culturais, que as mulheres também puderam romper alguns padrões de feminilidade estabelecidos e participar de campeonatos de tênis, por exemplo.

Uma parcela das mulheres brasileiras, principalmente as paulistanas, estava presentes nessas competições, não só como expectadoras, mas tendo destaques nas notícias dos jornais pela sua participação e demonstrando um jogo eficaz e performático.

O objetivo desse subitem será revelar essa participação, principalmente para entendermos a trajetória de Maria Esther Bueno em um contexto em que outras mulheres

também estavam presentes jogando tênis. De modo concomitante a outras esferas culturais, como cinema, o teatro e a música, o esporte participou do desenvolvimento do país, promovendo também a inserção das mulheres na vida pública. Tenistas protagonizaram esse processo dentro da elite brasileira, um segmento da população com acesso privilegiado aos bens econômicos e culturais.

Entre 1952 e 1958 aproximadamente, Maria Esther Bueno estava inserida no circuito nacional de campeonatos de tênis. Esse contexto era composto por outras mulheres, como Cecy Carvalho, Ingrid Metzner e Maria Helena Amorim, que até então eram consideradas mais qualificadas que ela.

Elas eram figuras de realce no jornal no período. A partir da pesquisa de exemplares do jornal que publicaram matérias sobre Maria Esther Bueno, foi possível identificar essas outras tenistas do momento e o destaque que elas possuíam em um jornal de grande circulação.

Isso será visibilizado para que além de demonstrarmos a presença de Maria Esther Bueno no início da sua carreira nesses campeonatos, vejamos outras tenistas que também estavam inseridas nesse ambiente competitivo no Brasil. Além de, registrarmos uma forma de jogar caracterizada pela eficiência técnica e esportiva.

Os jogos considerados embates e/ou lutas, os gestos eficientes, fortes, velozes dessas jogadoras transgridem o padrão de feminilidade proposto no período no Brasil. Visibilizar e registrá-los representa um posicionamento político para que demonstremos como as feminilidades e masculinidades podem ser produzidas e reproduzidas histórica, mutante e provisoriamente. Ao estudar a utilização da categoria gênero em pesquisas sobre a história do esporte no Brasil Goellner (2013, p. 48) escreve:

Ao desconstruírem a representação naturalizada de que homens e mulheres formam-se masculinos e femininos devido às diferenças corporais, sendo que as mesmas justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo, os estudos feministas e de gênero possibilitaram outros pontos de vista sobre o esporte. Permitiram, por exemplo, identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza e desempenho são construções históricas, as quais, em diferentes tempos e culturas, foram associadas aos homens e/ou às mulheres. Tornaram visíveis os processos generificadores constituintes do esporte, ao ressaltarem que são produzidos e reproduzidos nele masculinidades e feminilidades e que estas são sempre históricas, mutantes e provisórias.

Com isso, construímos os argumentos com o objetivo de considerar as mulheres presentes nesse ambiente competitivo como “sujeito no esporte, analisando-o como um

espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero” (GOELLNER, 2013, p. 49).

Pinsky (2014) nos mostra as representações de masculino e feminino em revistas femininas que estavam em vigor nos Anos Dourado. Estas eram importantes fontes de informação no período, principalmente para as mulheres de classe média urbana. A partir delas, Pinsky (2014, p. 10) identificou “mudanças e permanências nos costumes, nas relações familiares, nas imagens e nos papéis atribuídos a homens e mulheres”.

Os termos que a autora enfatizou para demonstrar, em partes, os resultados obtidos a partir das revistas foram “natureza dos sexos”, “boa esposa”, “moça de família”, “jovem rebelde”, “bom partido”, “marido ideal”, “da outra”, “leviana, com quem os rapazes namoram, mas não se casam”, “harmonia conjugal”, “jeitinho feminino” e “felicidade” (PINSKY, 2014, p. 10).

O esporte ou outra prática corporal, não era enfatizado na revista e tais termos não se referem a essa experiência esportiva. A inserção de mulheres no ambiente esportivo não fazia parte do repertório de representação do feminino daquele período. Ser uma mulher atleta era uma forma de transgressão às expectativas de feminilidade, afirmada ao serem representadas pelas características técnicas da modalidade e físicas.

Não era uma prática estimulada e que representava o padrão de feminilidade, porém já havia mulheres rompendo esse paradigma e inserindo-se nas competições.

Titski *et al* (2008) analisaram a representação das mulheres nadadoras entre 1932 e 1945 na *Revista Educação Physica*. Os pesquisadores perceberam que as reportagens referentes às nadadoras a princípio apenas mostravam seus corpos, estes eram utilizados como estratégia publicitária para vender mais revistas. Ao longo desses anos isso mudou para reportagens que representavam análises técnicas e táticas da natação, valorizando e destacando o desempenho das atletas brasileiras. Os corpos das nadadoras presentes na revista passaram a demonstrar o esporte propriamente dito (TITSKI *et al*, 2008, p. 8).

Bahia e Silva (2018, p. 16), ao pesquisar a presença das mulheres na Travessia a nado Mar Grande – Salvador em 1950 identificaram as pioneiras na participação dessa prova. Assim como nos jornais que iremos discorrer, no jornal *A Tarde* ocorreu uma dualidade na representação dessas atletas. Ora foram apresentadas relacionadas aos padrões de feminilidade, com:

expressões ressaltando qualidades que representam a mulher do período, ou seja, a graça, a elegância, a beleza. Nessa época, características atribuídas à mulher como feminilidade, maternidade, doçura, delicadeza, dentre outras, são definidas como os ideais para o sexo feminino.

As atletas foram representadas pela coragem, bravura, ao participarem de uma travessia em águas abertas com correnteza. A fala de uma das participantes também demonstrava essas características, representando segundo as autoras uma educação feminina diferente das características atribuídas à mulher nessa época:

Marília rememora: “é muito significativo, realização total. Foi muito sacrifício, esforço para treinar”. O conteúdo de suas narrativas sugere-nos uma outra educação feminina. Ao possibilitar algumas opções esportivas, no caso, a natação, modalidade permitida ao sexo feminino por não alterar a configuração corporal e auxiliar a função reprodutiva, abriu brechas para a ousadia de enfrentar o mar aberto, a correnteza da Baía de Todos os Santos. E isso exigia muito treino, muita força, o que fugia aos padrões indicados ao corpo e às atividades esportivas para as mulheres pela educação feminina da época (BAHIA E SILVA, 2018, p. 20).

Essas pesquisas, em período concomitante à nossa, demonstram que na década de 1950 já havia a tentativa de algumas mulheres em romper os estereótipos relacionados à feminilidade e inserirem-se no ambiente esportivo.

O movimento feminista brasileiro nesse período não estava interessado com as particularidades, por exemplo, das mulheres que estavam tentando ser atletas, o interesse era em relação às lutas políticas relacionadas ao socialismo e capitalismo, o que fez com que caracterizasse o período quase que como um apagamento da luta das mulheres. A inserção delas no esporte não é vista como uma ação feminista, mas pode ser interpretada enquanto tal pela conquista de um novo espaço de participação das mulheres. Pinto (2003, p. 10 e 11) assim descreve o movimento no período:

Uma pequena nota sobre este longo período de tempo que se estende de 1932 até as primeiras manifestações nos anos 1970. Este foi um período de refluxo do movimento feminista. O movimento liderado por Bertha Lutz ainda tentou algumas intervenções no período do governo provisório pós-1930 e na breve experiência constitucional interrompida com o golpe de 1937. Após este ano o movimento praticamente morre.

Desde a redemocratização em 1946 e, principalmente, durante a década de 1950 até o golpe militar de 1964, as lutas sociais estavam, no Brasil e no mundo, muito determinadas pela vaga socialista e pela utopia comunista, em que não havia espaço para lutas, chamadas na época de particularistas, como a que seria levada posteriormente pelas mulheres. Com isto não se está afirmando que durante este longo período as mulheres não tiveram nenhum papel no mundo público; muito pelo contrário, houve momentos importantes de participação da mulher, como o movimento no início da década de 1950 contra a alta do custo de vida. Estes movimentos, entretanto, não são feministas no sentido de lutarem pela transformação da condição da mulher na sociedade.

É nesse contexto que essas mulheres atletas estão inseridas, participando de um momento com transtornos políticos no Brasil e em que vigorava uma forma de representação da feminilidade distanciada do esporte. Mesmo assim, conseguiram se inserir nele, protagonizando o espetáculo, obtendo títulos e abrindo caminhos para que outras mulheres pudessem pertencer de maneira cada vez mais legítima a esse espaço.

O jornal divulgava os inscritos nos torneios e os jogos que aconteceriam no dia ou resultados do dia anterior. Os jogos das mulheres eram destaque em alguns campeonatos e edições do jornal. A imagem a seguir, com a legenda “Cecy Carvalho, campeã brasileira, e Ingrid Metzner farão um dos bons jogos do programa de amanhã, à noite” (ESTADAO, 5 de novembro de 1952, p. 11), evidencia esse destaque:



Nessa imagem, mesmo com a manchete principal referindo-se a um tenista homem e internacional que participaria de um campeonato no Brasil, as duas tenistas também estavam presentes e com destaque para sua imagem. Não havia imagem do tenista francês referido na manchete nessa edição do jornal.

Nesse período, as mulheres já estavam mais inseridas no esporte do que no começo do século XX no Brasil. Nos anos 1920, já havia essa tentativa, segundo Mathias e Rubio (2010). A partir de um encontro entre turmas femininas para jogar “bola ao cesto” publicado na Revista Esportiva em 1929, o jogo foi relatado com “intenso envolvimento das atletas com a modalidade e com a competição” (MATHIAS E RUBIO, 2010, p. 200), contrariando a concepção do momento em que as atividades praticadas pelas mulheres deveriam ser desprovidas da questão da competitividade.

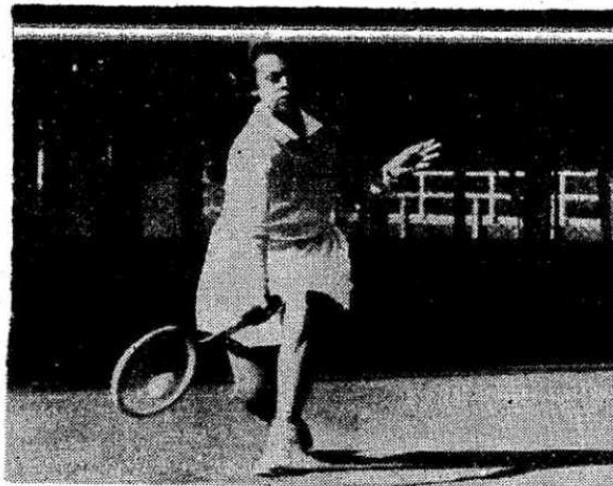
Moraes e Silva e Fontoura (2011) demonstraram, por análise dos artigos da Revista Brasileira de Educação Física, que entre 1944 e 1950, a inserção das mulheres nos esportes se deu de maneira regulada. Essa inserção indicava a modernização do país, porém possuía orientações médicas com o objetivo de “não prejudicar ou desviá-la do seu “inato” papel feminino, bem como não virilizá-la em demasia. Mantendo, assim, intacta a matriz heterossexual” (MORAES E SILVA E FONTOURA, 2011, p. 273).

Os jornais trabalhados nessa pesquisa mostram que alguns anos depois, no tênis, essa competição já existia e era permitida. Uma vez que eram divulgadas as partidas a partir dos elementos técnicos e táticos dos jogos, a rivalidade entre as tenistas e o reconhecimento das que se consagravam campeãs. Além de serem competições institucionalizadas pelas federações dos estados brasileiros, por mais que advenham de práticas concentradas nos clubes, havia uma oficialização das disputas. Como nos trechos a seguir:

O encontro decisivo feminino foi disputado entre as duas melhores raquetistas brasileiras do momento: as paulistas Ingrid Metzner e Maria Esther Bueno, a primeira campeã sul-americana e a segunda campeã paulista. Esse **embate** vinha sendo esperado com grande interesse, pois há pouco, em jogo do campeonato interclubes feminino da primeira classe, Maria Esther venceu Ingrid. Desta feita, porém, apesar de ter apresentado um bom jogo, esteve aquém da atuação então desenvolvida. Por outro lado, Ingrid atuou com **notável eficiência** e, desse modo, logrou vencer por 6/3 e 6/3, com o que conquistou, pela segunda vez o título de campeã juvenil brasileira. (ESTADAO, 12 de julho de 1955, p. 12, grifos meu).

Como se esperava, os jogos semifinais de simples redundaram em excelentes exhibições. O feminino, entre Cecy Carvalho sobre Maria Esther Bueno acusou um resultado surpreendente, uma vez que a pequena raquetista do Clube Atlético Paulistano não se achava ainda, por ocasião da disputa do Campeonato da Juventude de que participou, no melhor da sua forma. Por isso mesmo, poucos torcedores esperavam pela sua vitória no **embate** com a exímia raquetista Maria Esther, do Clube Regatas do Tietê. E foi o que sucedeu. A despeito do **desnorteante ataque** da adversária, Cecy Carvalho portou-se otimamente, quer na **devolução dos golpes**, quer no jogo de colocação ou de **ataque junto à rede**. Desenvolveu, sem exagero, uma atuação de primeira ordem, assaz realçada pelo **jogo eficiente e vistoso** da adversária. Embora com dificuldade, Cecy Carvalho venceu merecidamente, por 7/5 e 8/6 (ESTADAO, 10 de setembro de 1955, p. 10, grifos meu).

As palavras grifadas, “embate”, “notável eficiência”, “desnorteante ataque”, “devolução dos golpes”, “ataque junto à rede” e “jogo eficiente e vistoso”, demonstram a rivalidade que estava presente nesses jogos e os elementos técnicos que o envolviam, comprovando a eficiência contida na prática esportiva dessas mulheres. O jogo eficiente era valorizado para elas e utilizado como justificativa para o êxito nas partidas. Na imagem a seguir, Cecy Carvalho aparece em movimento de jogo e o comentário da legenda descreve o jogo eficiente como o componente principal para ela ter vencido Maria Esther Bueno e estar na final do campeonato.



Cecy Carvalho desenvolveu ontem jogo dos mais eficientes, vencendo Maria Esther Bueno. Enfrentará hoje, em jogo final, Ingrid Metzner

(ESTADAO, 10 de setembro de 1955, p. 10).

Uma das justificativas possíveis para o tênis feminino ter se desenvolvido nesse nível no Brasil é pela modalidade já ter sido permitida desde pelo menos 1932, segundo o editorial da Revista do Clube Esperia estudado por Farias (2012, p. 73): “A mulher, talvez mais que o homem, deve praticar metódica e cientificamente os esportes. Mas há que escolher. O atletismo, a natação, o tênis e a ginástica devem ser preferidos pelo sexo frágil”.

Isso ocorreu após o Estado Novo, em que a influência higienista e eugenista nas práticas esportivas se enfraqueceu e a preocupação do Estado com a *performance* esportiva prevaleceu, favorecendo esse ambiente competitivo até mesmo entre as mulheres. De acordo com Farias (2012, p. 90):

...se até o final dos anos 30 as mulheres se aproveitaram taticamente da função maternal para consolidarem sua presença no espaço esportivo e, conseqüentemente, aumentarem seu poder, reivindicando, inclusive, outros direitos, agora elas ampliavam sua forma de atuação nos esportes, rompendo com o modelo de conduta moderado adotado anteriormente, na busca da excitação e do recorde.

Em uma disputa entre Maria Esther Bueno e a argentina Graciela Lombardi, a excitação do trecho anterior é representada por ter sido um jogo disputado, entre jogadoras com alto nível técnico, segundo o comentário a seguir do jornal:

O encontro inicial da 2ª etapa noturna levou à quadra as jovens raquetistas Graciela Lombardi, campeã argentina e Maria Esther Bueno, classificada atualmente em **segundo lugar entre as melhores tenistas do país**. Mais uma vez Esther Bueno proporcionou aos torcedores uma **atuação de classe**. Revelou-se bem superior na primeira série, que venceu por 6/3; perdeu a segunda, por 3/6 e, na série decisiva, **dominou** nitidamente a **forte adversária**, vencendo-a por 6/1.

A campeã argentina é, sem favor, uma tenista de ótimos **recursos técnicos**, mas ontem, segundo a opinião dos que a viram atuar antes, não desenvolveu plenamente o seu jogo habitual. No entanto - acrescentaram- mesmo que o tivesse feito, dificilmente teria conseguido êxito diante da **magnífica atuação desenvolvida** por Maria Esther Bueno (ESTADAO, 8 de dezembro de 1955, p. 12, grifos meu).

Essa descrição demonstra a competitividade que agora era presente, a vontade da vitória, dos recordes. Maria Esther Bueno é classificada em “segundo lugar entre as melhores raquetistas do país”, já havia uma quantificação, um ranking, representando o desejo de vitórias para conquistar o melhor lugar da classificação. A adversária é considerada “forte”, os “recursos técnicos” as caracterizavam e a “atuação de classe” desenvolvida foi o primordial para a vitória.

A imagem incluída à descrição da partida é de atletas em movimento de jogo, e não em pose para as câmeras ou trazendo destaque de aspectos estéticos:



Maria Esther Bueno e a campeã argentina Graciela Lombardi desenvolveram ontem, no Pacaembu, interessante partida

Internacionalmente, já havia mulheres no tênis que rompiam com o paradigma da fragilidade. Vigarello (2013, p. 290) transcreveu a afirmação de Suzanne Lenglen, vencedora de Wimbledon em 1920, ao tornar-se campeã:

Como cheguei a ser campeã de tênis? O jogo das campeãs, feito de drives rápidos, raspando na rede não me dava a mesma sensação que o jogo dos homens, onde os pontos eram feitos de voleios e de smashes. Meu desejo era de aprender a jogar como eles, mas me faltava força, e meu braço não tinha o vigor necessário... Eu comecei a treinar para isso.

É com esse exemplo que Vigarello (2013) demonstra o surgimento de uma nova virilidade presente no esporte a partir dos anos 1920 internacionalmente. Segundo ele, começa a desaparecer uma distinção entre jogo feminino e masculino:

Suzanne Lenglen rompe com o “tênis feminino”. Aprende a jogar como os homens, possui eficácia idêntica, faz jogadas com efeitos semelhantes aos dos homens. Consequência inevitável: com ela não mais haveria jogo feminino ou jogo masculino, mas um jogo “semelhante” em que a força e a habilidade seriam combinadas em partes iguais... A novidade é central: qualidades que sempre corresponderam ao mais “forte” do masculino revelam-se qualidades capazes de serem compartilhadas... Um reivindicação precisa pode nascer dessas mudanças, afirmada com clareza na *Encyclopédie des sports* de 1924: o esporte feminino se referia “ao sexo que não mais deseja ser frágil” (VIGARELLO, 2013, p. 290).

No Brasil, mesmo com esses avanços, ressalvas ainda eram feitas e mais uma vez o tênis continuava sendo uma modalidade indicada às mulheres, como enfatizado pelo médico brasileiro Waldemar Areno na *Revista Educação Physica* (Farias, 2012, p. 91):

A natação, esgrima e o tênis, pois além de proporcionarem o desenvolvimento gracioso e harmônico do corpo, modelando as formas e burilando a esbeltês, tonificam o sistema nervoso e educam o ânimo, sendo que a esgrima e o tênis desenvolvem a velocidade e a coordenação dos movimentos.

O trecho do médico brasileiro representa a dualidade que estava incluída nos comentários do jornal. Havia a representação dos jogos como “embates”, “lutas”, com os elementos técnicos das jogadoras em evidência e havia o “gracioso”, a “esbeltês” das jogadoras. Nas imagens a seguir, por exemplo, as atletas não aparecem em movimento, mas em posição estática, com descrições relacionadas a aspectos tidos como femininos:



*Maria Esther Bueno, uma das
nossas fortes tenistas que irão
concorrer para o brilho
do Campeonato Nacional*

(ESTADAO, 7 de agosto de 1954, p. 12).

Na legenda dessa primeira imagem, Maria Esther Bueno é considerada uma “forte tenista” que iria contribuir para o “brilho” do campeonato.



Cecy Carvalho, a nova campeã de tênis do Estado

Essa segunda imagem foi publicada para indicar a tenista Cecy Carvalho descrita como “a graciosa representante do Paulistano”. Esse aspecto demonstra a dualidade presente na mídia esportiva que incluía as mulheres atletas de tênis.

Já no comentário a seguir, há uma comparação entre Ingrid Metzner e Maria Esther Buenos valendo-se de termos viris e relacionados à *performance* de jogo.

Ingrid Metzner continua em franca evolução. É dotada de **jogo muito firme, imprime grande velocidade à bola e seu espírito de luta é admirável**. Não é pequeno o número de entendidos que afirmam que, justamente nesse atributo, reside a vantagem de Ingrid Metzner sobre Maria Esther, já que todos são unânimes em reconhecer na defensora do Tietê mais facilidade e melhor estilo de jogo (ESTADAO, 18 de junho de 1955, p. 12, grifos meu).

Estar presente nessas competições era o que possibilitava a essas mulheres estarem representadas nos jornais. Mesmo com essa dualidade, elas passaram a ocupar um lugar na mídia e adquirir reconhecimento público. Referindo-se a esse momento histórico Farias (2012, p. 134) destaca o caráter libertador da experiência competitiva:

Numa época em que o esporte era amador, em sua maioria, e o preconceito de gênero imperava, a competição significava a possibilidade de sair do anonimato e buscar prestígio e reconhecimento público, conforme mostrava o exemplo de várias atletas olímpicas do Brasil.

Ingrid Metzner, por exemplo, possuía espaço na imprensa por ser uma atleta competitiva no tênis. Ao vencer alguns campeonatos nas três modalidades possíveis, simples, duplas e duplas mistas, era destaque no jornal:



(ESTADAO, 3 de junho de 1954, p. 10).

Encerrado o Campeonato Brasileiro Infantil e Juvenil de Tênis, no Rio

A raquetista de São Paulo, Ingrid Metzner, foi uma das grandes figuras do certame, conquistando três títulos: o de simples, o de duplas e o de duplas mistas — Excelente atuação de Maria Esther Bueno, também de São Paulo — Resultados

(ESTADAO, 13 de julho de 1954, p. 19).

Esse destaque presente nas manchetes, comentários e fotos era recorrente. Assim como expressões que enfatizavam esse aspecto, como as destacadas em negrito nos trechos a seguir:

Partida que deverá **atrair numeroso público, especialmente o feminino**, será realizada entre Lucy Maia, a jovem raquetista carioca que recentemente levantou o Campeonato do Rio, vencendo, no jogo decisivo, Helena Maria Amorim e Camen Paz. Essa raquetista carioca é dotada de **esplêndido jogo de fundo, movimentando-se com muita precisão na quadra**. Carmen Paz, campeã brasileira, continua em **esplêndida forma** e tudo fará para manter o título. Será disputada ainda mais uma **partida prometedora**, entre duas jovens campeãs. Trata-se do jogo entre Maria Esther Bueno e Helena Maria Amorim, respectivamente de São Paulo e Rio de Janeiro. Recentemente, no Rio, Helena Maria vencer Esther, por 2 a 1, em disputa do Campeonato Brasileiro Juvenil. Terá agora uma oportunidade **de desforra** a jovem tenista paulista, que se encontra em **esplêndida forma** (ESTADAO 8 de setembro de 1954, p. 12, grifos meu).

Relizar-se-á hoje o encontro de simples juvenil entre as **valorosas tenistas** Ingrid Metzner e Maria Esther Bueno, dois dos maiores valores do tênis feminino brasileiro. É difícil indicar a provável vencedora, uma vez que os recursos de ambas mais ou menos se equivalem. Devem proporcionar uma **excelente exibição** (ESTADAO, 30 de julho de 1955, p. 10, grifos meu).

Esses dois trechos demonstram a importância que as partidas femininas possuíam nos campeonatos e nas notícias divulgadas no jornal. As expressões “atrair numeroso público”, “partida prometedora” e “excelente exibição” nos indica que os jogos eram assistidos e valorizados. Isso é, além de estarem inseridas em um ambiente competitivo, essas mulheres eram visibilizadas pela participação e pelos comentários publicados no jornal.

O jornal publicava esses comentários dos jogos masculinos e femininos. De modo semelhante, os dois fragmentos a seguir reiteram a presença delas nas notícias. O primeiro mostra uma igualdade entre os jogadores e as jogadoras consideradas “grandes figuras do tênis brasileiro”. O segundo trecho, ressalta a importância das partidas entre Maria Esther Bueno e Ingrid Metzner, expressa em “atraindo igualmente as atenções gerais”. A palavra igualmente indica um destaque e possível interesse equânime do público pelos jogos femininos e masculinos.

Será iniciado amanhã, em Santos, nas quadras do Tênis Clube de Santos, o Campeonato Brasileiro Infantil-Juvenil de Tênis e o Campeonato da Juventude de 1955... **Grandes figuras do tênis brasileiro** disputarão o certame, entre elas Carlos Fernandes, Luís Koch, Pedro Bueno Netto, F. Abreu, Ingrid Metzner, Lucy Maia, Maria Esther Bueno e Maria Helena Amorim (ESTADAO, 2 de julho de 1955, p. 13, grifos meu).

No setor feminino, a disputa vem **atraindo igualmente as atenções gerais**, já que as finalistas, Ingrid Metzner e Maria Esther Bueno, são elementos destacados não somente do nosso, mas também do tênis sul-americano (ESTADAO, 31 de julho de 1955, p. 17, grifos meu).

Esses aspectos dialogam com a transformação da noção de virilidade naquele momento, como descrito por Vigarello (2013, p. 270 e 271):

Durante muito tempo considerada a qualidade maior do esporte, a virilidade perde sua proeminência quando surge a presença da mulher no esporte e quando os “valores” que dela se esperam são rigorosamente idênticos àqueles contemplados para os homens: força, coragem, determinação... Qualquer exclusividade masculina perde igualmente sua legitimidade. O esporte provoca, inevitavelmente, a reviravolta da velha excelência viril e revela, durante o século XX, uma cultura nunca antes transformada: uma divisão idêntica do espaço público entre os sexos, uma nova distribuição das tarefas, em que as dos homens e as das mulheres são confundidas, a totalidade deslocando radicalmente a imagem da virtude “máxima” atribuída tradicionalmente ao homem. A própria expressão viril se redireciona e até mesmo de “desfaz”.

Os elementos técnicos passaram a fazer parte do universo das mulheres no esporte e indicam uma característica viril para noticiar e divulgar a presença delas nesse ambiente. Esses elementos foram enfatizados nas notícias abaixo e até mesmo na imagem publicada de Cecy Carvalho, em que ela encontra-se em movimento de jogo.



Concomitante a essa imagem havia a seguinte descrição do jornal:

Prosegue hoje a disputa do Campeonato de Tênis do Estado de São Paulo. Um dos jogos **que mais interesse vem despertando** é o que vai ser realizado entre Ingrid Metzner e Maria E. Bueno. São duas raquetistas de grande futuro, que vem assinalando, nesses últimos tempos, progressos extraordinários. A despeito, porém, dos excelentes recursos da jovem Maria Esther Bueno, a vitória da sua adversária vem sendo geralmente esperada. Com efeito, Ingrid Metzner, embora ainda muito jovem, possui maior experiência e, também **melhores conhecimentos técnicos**. (ESTADAO 9 de dezembro de 1953, p. 14, grifos meu).

A expressão “melhores conhecimentos técnicos” foi utilizada para qualificar Ingrid Metzner. Demonstrando que os elementos da modalidade propriamente dita eram valorizados pelo jornal para caracterizar uma boa partida.

Possuir esses elementos técnicos é resultante de treinamento sistematizado, não como o conhecemos atualmente. Porém, transgredir ao recomendado para o momento às mulheres, representa uma prática que vai além do lazer.

Expressões relacionadas a esses elementos foram publicadas, concomitante a palavras que demonstravam competitividade entre as jogadoras nas partidas. Nos exemplos a seguir os comentários sobre os elementos técnicos e a competitividade são evidenciados.

“Maria Esther Bueno,...., poderá fazer uma boa partida, exibindo seu **estilo bonito e extrema facilidade em golpear a bola**. Esse **confronto** certamente será bastante valioso para a representante tieteana, pois irá adquirindo experiência em jogos de envergadura, o que é sumamente importante no difícil esporte de raquete, particularmente para Maria Esther Bueno, que está em fase de evolução” (ESTADAO 18 de novembro de 1953, p. 12, grifos meu).

Esse comentário foi publicado pelo jogo de abertura entre Shirley Fry e Maria Esther Bueno no XIV Campeonato Aberto do Harmônia Tênis Clube. Ele enfatizou o estilo de jogo de Maria Esther e caracterizou a partida como um “confronto”.

“Hoje, na sede da Sociedade Harmonia, haverá **bons jogos**. Maria Esther Bueno enfrentará Amelia Cury. Embora a sua vitória seja geralmente esperada, a peleja deverá redundar numa exibição das mais apreciáveis, uma vez que Amelia tem **recursos** para oferecer **forte resistência** à sua **forte adversária** (ESTADAO, 25 de agosto de 1954, p. 13, grifos meu)”.

A expressão “recursos para oferecer forte resistência à sua forte adversária” simboliza a relevância dos recursos técnicos para vencer uma partida. Mas, destaque principal é a palavra “forte” como indicativo de competitividade e de qualificador da adversária.

Nesse ambiente competitivo a mulher já era considerada forte e os elementos específicos da modalidade propriamente dita os qualificavam como tais. A descrição “bolas curtas e longas” presente no trecho a seguir é o indicativo desses elementos. Estes as transformavam em competitivas e eficientes.

Como surpresa verificou-se a vitória da jovem tenista Maria Esther Bueno sobre Ingrid Metzner. Atuando de forma **eficiente**, com jogo variado de **bolas curtas e longas**, Maria Esther Bueno não teve dificuldade em vencer por 6/3 e 6/2” (ESTADAO 20 de dezembro de 1953, p. 27, grifos meu).

Na tentativa de indicar a possível vitória de uma das jogadoras antes das partidas esses elementos também eram considerados.

No encontro de hoje, Maria Esther Bueno conta maiores possibilidades de êxito. Contudo, não se pode dizer que a vitória será certamente sua, em face dos ótimos **recursos técnicos** de Cecy Carvalho. A peleja irá proporcionar, sem a menor dúvida, uma **excelente** exibição de tênis.

O resultado dessa final foi comentado pelo jornal, Cecy Carvalho conseguiu virar a partida a partir dos seus ataques precisos:

...em partida final pelo título máximo do tênis feminino de São Paulo, **lutou** com a jovem e promissora Maria Esther Bueno. Esta a despeito de seus brilhantes feitos em quadras brasileiras, não conseguiu abater o entusiasmo de Cecy. Ganhando a primeira série por 6-2, pensou, talvez, que o jogo fosse fácil, poupando-se assim um pouco, do que se prevaleceu Cecy para **atacar com muita decisão** e transformar uma derrota quase certa numa magnífica vitória, que lhe deu o título de campeã paulista (ESTADAO, 31 de agosto de 1954, p. 13, grifos meu).

Essas duas últimas notícias demonstram os termos utilizados para caracterizar as partidas e as jogadoras com um viés esportivo, competitivo e viril.

A partir desses exemplos e diálogos, evidenciamos uma prática esportiva vivenciada por mulheres na década de 1950 marcada pela *performance* esportiva, pela competitividade e por uma nova virilidade protagonizada por elas. Foi possível perceber a construção de uma maneira de jogar caracterizada pelo gesto eficiente e pelo jogo potente. Elementos inovadores para as mulheres do período.

4. Patrocínio e eficiência esportiva: elementos de Maria Esther Bueno

O objetivo desse capítulo será apresentar os elementos chave para que Maria Esther Bueno se consolidasse como a melhor tenista do mundo, evidenciados pelo patrocínio oferecido pelo jornal “O Estado de São Paulo” e pela sua eficiência esportiva.

4.1 “Saques e voleios de Estherzinha levaram-na às manchetes”

O Estado de S. Paulo patrocinou as temporadas de Maria Esther Bueno no exterior, que, em Wimbledon, deu ao Brasil o seu primeiro título mundial de tênis. Todas as partidas de Estherzinha foram amplamente noticiadas por “O Estado”. E o foram exclusivamente porque a tenista brasileira se revelara uma das maiores expressões do esporte, para cujos diferentes gêneros “O Estado” dá uma cobertura de caráter excepcional (ESTADAO, 11 de outubro de 1960, p. 3).

Esse trecho foi publicado no jornal através de uma propaganda, evidenciando o patrocínio (palavra usada pelo jornal ao auxílio dado à tenista) que “O Estado de São Paulo” ofereceu à Maria Esther Bueno durante os anos que ela participou dos campeonatos internacionais.

Não foram explicitadas as formas desse patrocínio, se era uma quantia em dinheiro, passagem aérea, hospedagem, apenas noticiava-se que o jornal a auxiliava. Por isso, notícias recorrentes eram publicadas no jornal durante esses anos, as datas das suas viagens, os resultados dos jogos, eram divulgados com afincamento pelo jornal.

O patrocínio oferecido pelo jornal repercutiu na quantidade de incidência da tenista, isso pode ser demonstrado pelas 986 incidências que encontramos com a palavra-chave “Maria Esther Bueno” no jornal “O Estado de São Paulo”, enquanto que no “O Globo” encontramos apenas 27 no mesmo período de 20 anos. O jornal que a patrocinava se dedicava mais a divulgar as notícias em relação às suas temporadas nacionais e internacionais, os resultados dos jogos, as informações das viagens e principalmente a informação que o jornal estava auxiliando.

A justificativa para que ocorresse pela primeira vez, em 1957, o patrocínio foram os méritos esportivos obtidos até então:

Em homenagem aos méritos esportivos de Maria Esther Bueno, o “Estado” resolveu patrocinar sua viagem, devendo a tenista partir amanhã as 16 horas, no “Super-Constellation” da VARIG com destino a Nova York, de onde rumará para Miami (ESTADAO, 20 de dezembro de 1957, p.20).

O patrocínio era divulgado nas reportagens a partir de diferentes perspectivas. Em notícias informativas sobre os resultados que a tenista estava obtendo nos campeonatos internacionais:

“A jovem de 18 anos de idade, cuja viagem foi patrocinada pelo “Estado” venceu a norte-americana Lou Kunnen, na rodada do torneio anual do sul, por 6/4 e 6/1” (ESTADAO, 07 de janeiro de 1958, p. 18).

“A extraordinária raquetista brasileira Maria Esther Bueno, cuja excursão aos Estados Unidos foi patrocinada pelo “O Estado”, acaba de obter mais um expressivo triunfo” (ESTADAO, 02 de fevereiro de 1958, p. 28).

Antes e depois das viagens Maria Esther fazia visitas à diretoria do jornal para agradecer a ajuda:

Estiveram em visita a esta redação a eximia raquetista brasileira, senhorita Maria Esther Bueno e os srs Pedro Bueno, seu pai; José Vicente e José Conceição Esteves, diretores da Secção de Tênis do Clube de Regatas Tietê.

O sr. Pedro Bueno e sua filha, uma das grandes esperanças do nosso tênis, vieram agradecer a colaboração deste jornal para o maior êxito da recente excursão da jovem campeã ao Exterior, onde fez figura de muito relevo (ESTADAO, 19 de abril de 1957, p. 13).

A menção ao pai nesta matéria é recorrente também em outras reportagens. A mãe foi mencionada em apenas uma, a qual trazia o relato dela assistindo ao jogo da filha na companhia do marido (ESTADAO, 5 de julho de 1959). Essa participação contrastava com a atuação ativa do pai. Ele aparece como uma pessoa presente e influente na sua trajetória como tenista, na sua introdução ao esporte, na busca de apoio institucional - como do jornal ou do clube – e nos momentos de destaque e reconhecimento de suas conquistas. Seu pai aparece como elemento facilitador, legitimando e ampliando sua inserção no ambiente esportivo. Enquanto suas viagens internacionais eram realizadas sozinha, no Brasil, as visitas ao jornal para entrevistas e agradecimentos, eram acompanhadas por ele. Esse aparecimento público enquanto atleta se dava na companhia de um homem, evidenciando tanto um marcador de gênero nas relações sociais e esportivas, quanto certa infantilização da atleta, que aparecia na companhia de seu pai. Tais fatos indicam um processo de transição na inserção das mulheres na vida pública e de busca de autonomia e independência.

O jornal recebia homenagens, cartas de agradecimentos, de outras instituições por proporcionar essas viagens à tenista. O Clube Regatas Tietê, em que Maria Esther Bueno treinava, enviou cartas de agradecimento e fazia cerimônias para o diretor do jornal como forma de reconhecimento ao auxílio:

O Tietê agradece a “O Estado:

Tendo esta folha patrocinado a viagem da tenista Maria Esther Bueno aos Estados Unidos que se dará esta tarde, recebemos da direção do Clube de Regatas Tietê, agremiação a que pertence a destacada raquetista, carta do seguinte teor:

Tendo chegado, ao nosso conhecimento a informação de que esse prestigioso jornal, através de sua digna direção, prontificou-se a custear a viagem da valorosa tenista Maria Esther Bueno para os Estados Unidos da América do Norte, a diretoria deste clube se congratula com v. sa. por esse significativo empreendimento.

A atitude desse vibrante jornal – tradicional órgão da imprensa paulistana – evidencia o seu grande interesse pelo desenvolvimento e prestígio do nosso esporte.

Cumprimentando a “O Estado de S. Paulo” por essa atitude louvável, colhemos o ensejo para apresentar a v. sa. os protestos de nossa mais alta estima e distinta consideração, firmando-nos mui cordialmente” (ESTADAO, 21 de dezembro de 1957, p. 14).

Em uma das homenagens o diretor do jornal fez uma fala demonstrando a importância que ele dava ao esporte e a satisfação de “dever cumprido” por ter auxiliado as vitórias da tenista, sendo isso um incentivo a formação de novos campeões no país:

Homenagem do Tietê ao diretor do “Estado”

Em sua oração de agradecimento o diretor dessa folha falou sobre a atividade do jornal na vida do país e salientou os sacrifícios da imprensa, na sua tarefa de criar uma nação com foros de genuína nacionalidade. Disse ele: “o esporte é uma das principais características da civilização. Nele, um povo e uma raça se revelam. Agora – acrescentou – podemos com a consciência de dever cumprido e respirando um ar de sadia liberdade projetar e fazer campeões no esporte, pois vemos, em Esther Bueno e Abílio Couto, esse esforço tão admiravelmente bem sucedido”, recebeu uma miniatura que representava a estátua de Esther Bueno, que se erguia à entrada do clube (ESTADAO, 13 de janeiro de 1961, p. 14).

Além do clube, instituições religiosas, a Associação atlética acadêmica da Faculdade de Filosofia, o prefeito de Santos, a Federação Paulista de Lutas, a cidade de Porto Alegre, foram alguns exemplos de pessoas e instituições que enviaram agradecimentos ao jornal pelo patrocínio oferecido à tenista por meio de cartas, fax, telegramas entre outros:

Homenagem ao “Estado”

“Da Congregação Mariana Nossa Senhora da Aparecida e São José da Paroquia do Brás, o dr. Julio de Mesquita Filho recebeu a seguinte carta:

“O Departamento Social Esportivo deste Sodalicio Mariano apresenta a v. excelência e redatores do conceituado jornal “O Estado de São Paulo”, as mais expressivas congratulações pela brilhante conquista no torneio de tênis de Wimbledon, Inglaterra, pela senhorita Maria Esther Bueno, a qual muito honrou com suas atuações o esporte do Brasil, sob o patrocínio desse tradicional jornal.

Sem mais, subscrevemo-nos com a mais alta estima e distinto apreço” (ESTADAO, 23 de julho de 1958, p. 19).

Congratulações a “O Estado”

“O Estado de S. Paulo recebeu numerosas mensagens de congratulações pelo patrocínio que concedeu a Maria Esther Bueno, concorrendo assim para que a jovem tenista conquistasse o troféu de Wimbledon. Eis algumas delas: Associação atlética acadêmica da Faculdade de Filosofia, prefeito de Santos, Federação Paulista de Lutas, Porto Alegre, sr. Mario da Cunha Bueno, sr. Clemente de Almeida Neto” (ESTADAO, 07 de julho de 1959, p. 21).

A tenista em entrevistas agradecia o patrocínio, enfatizando a necessidade para que ela pudesse realizar as viagens e alcançar os títulos que obteve:

Após os cumprimentos de praxe, Maria Esther Bueno foi requisitada por uma verdadeira legião de jornalistas e radialistas, pois todos queriam ouvir as declarações da nossa grande tenista.

Em palestra com o representante desta folha, a jovem raquetista agradeceu inicialmente a direção de “O Estado de São Paulo” por haver patrocinado sua viagem aos Estados Unidos, sem a qual, segundo suas próprias palavras, não lhe teria sido possível conquistar seus inúmeros triunfos, culminando com a obtenção do campeonato de Wimbledon (ESTADAO, 4 de outubro de 1958, p. 16).

Também era homenageada pelo próprio jornal após suas conquistas, por páginas inteiras informativas sobre seus jogos, sua trajetória e por prêmios. Estes também representam uma ajuda financeira, pois tinham além de um valor simbólico, econômico, como objetos de ouro:

Maria Esther Bueno, campeã de Wimbledon, recebeu ontem à noite, no salão nobre desta folha, o Saci de ouro, que lhe ofereceu a direção do “Estado”... A estatueta foi entre a Maria Esther por dona Alice Vieira de Carvalho Mesquita e, das mãos de d. Marina Vieira de Carvalho Mesquita a campeã recebeu uma placa de ouro, que lhe ofereceu a Radio Eldorado de S. Paulo.

Pessoas da família da campeã declararam, ao encerrar-se a solenidade, que o Saci de ouro seria ainda ontem depositado no cofre de um banco desta Capital, por seu alto valor (ESTADAO, 13 de maio de 1960, p. 13).

A visibilidade que ela alcançou no jornal “O Estado de São Paulo” pode ser justificada pelo patrocínio que eles ofereceram a ela, pois no jornal “O Globo” a quantidade de notícias foi menor e até mesmo foi publicado uma nota indicando que a tenista se queixava na Europa pelas suas conquistas serem pouco divulgadas no Brasil:

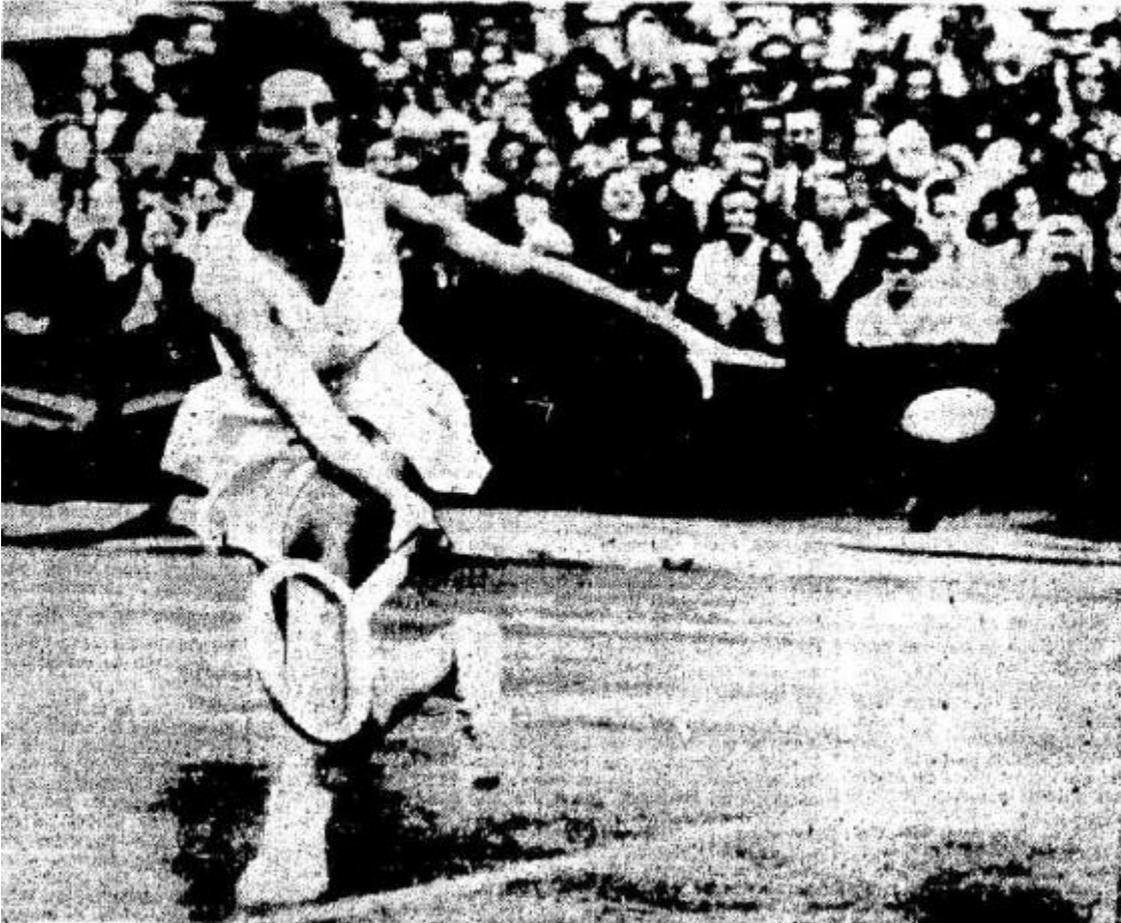
Uma queixa justa

A tenista brasileira Maria Esther Bueno tem toda razão quando se queixa, na Europa, de que seus feitos esportivos são pouco valorizados no Brasil. Já era tempo de percebermos que suas vitórias representam para o prestígio de nosso país no mundo esportivo quase tanto ou o mesmo que a mestria de Pelé num campo de futebol. Aqui, os jornais fazem alguns comentários elogiosos, depois que Maria Esther ganha um torneio importante, e logo se calam. No entanto, os jornais europeus dedicam-lhe, permanentemente, páginas e páginas, dão-lhe manchetes e demonstram considera-la a maior esportista de nosso tempo (O GLOBO, 1964).

Fazendo-nos pensar que o jornal “O Estado de São Paulo” foi um diferenciador na visibilidade da tenista no Brasil, além de ajudá-la com a questão do patrocínio, a visibilizou com as recorrentes notícias, até como forma de demonstrar o auxílio que estava sendo oferecido.

Esse patrocínio foi algo inovador no período. Ainda era um momento de ascensão das mulheres nos esportes no Brasil, elas ainda precisavam romper barreiras para participar. Quando participavam, também não era garantida a presença em campeonatos. E aqui demonstramos que Maria Esther conseguiu praticar, competir e obter auxílio financeiro de uma empresa privada para participar dos campeonatos internacionais. Esse patrocínio foi um aspecto primordial para que ela conseguisse trilhar essa carreira e para nos dar material empírico para visibilizarmos seus atos.

4.2 Eficiência esportiva, treinamento corporal



(ESTADAO, 11 de julho de 1965, p. 39).



de 1962, p. 14)

(ESTADAO, 28 de junho

A eficiência esportiva, o treinamento corporal, as lesões e as roupas serão os aspectos trabalhados nesse subitem. Para, após demonstrarmos o patrocínio que o jornal “O Estado de São Paulo” ofereceu, proporcionando as viagens internacionais à tenista, encerramos o trabalho dialogando com os principais fatores esportivos que a tornaram referência mundial no tênis e a diferiu de outras mulheres praticantes que ainda não havia feito rupturas na prática conservadora da modalidade.

Foi somente depois de se reconhecer e admitir a evolução do tênis que o Brasil conseguiu produzir algo de projeção internacional. Foi somente com o jogo moderno de Esther que chegamos a um título mundial. E esse título, além da importância puramente afetiva que tem para nós, constitui efeito benéfico para difusão do esporte aqui. As vitórias de Esther provavelmente estimularam o cultivo do tênis como nenhum outro fato anterior. E se despertou em outras pessoas o interesse pelo jogo, foi justamente em decorrência de suas características espetaculares. Contra a opinião de que a técnica de violência de agora afugenta o público há a resposta do próprio público, que lotava a quadra coberta do Pacaembu durante a última temporada internacional. E isso é um fato, não uma opinião” (ESTADAO, 13 de novembro de 1960, p. 31).

O jogo de Maria Esther Bueno tornou-se performático e visível nas mídias, como nos jornais aqui estudados é possível perceber. Isso caracteriza uma das respostas à questão que Bourdieu (1983) formulou em relação ao consumo de produtos esportivos produzidos em determinado momento. Os jornais foram um dos meios de comunicação que facilitou o consumo de notícias sobre o tênis, através de um jogo eficiente, que provocou disseminação e incentivo da modalidade no país.

O jogo moderno de Esther Bueno, além de inovador, provocou a renovação do tênis brasileiro. Foi a partir dele que ela pode alcançar os maiores títulos do tênis amador do período. Seu jogo era caracterizado como violento e eficiente, era comparado ao dos homens e contraposto ao seu estado emocional, por muitas vezes ter sido derrotada com a justificativa da falta de controle do nervosismo. Como hipótese negativa, esse estilo de jogo vigoroso associado a possível falta de especificação dos treinos, era o que gerava lesões frequentes na tenista.

Todos sabem que uma das principais características de Maria Esther Bueno é o seu jogo violento, agressivo mesmo e isso a coloca entre as maiores do mundo. Sobre esse sistema de jogo a tenista patricia disse que nos Estados Unidos e na Austrália isso já vem sendo empregado desde alguns anos. Apenas na Europa as tenistas teimam em manter aquele sistema de jogo defensivo. Desde os tempos remotos estabeleceu-se que a mulher sendo mais frágil deveria adaptar-se melhor ao método defensivo. Tendo por companheiro, quando treinava aqui no Brasil, seu irmão Pedro Bueno, Maria Esther adquiriu um saque violentíssimo, causando admiração nos principais centros do mundo. Esse método, chamado “Big-Game”, talvez não produza jogadas vistosas, mas é o mais positivo e pode resolver rapidamente qualquer partida (ESTADAO, 08 de outubro de 1958, p. 17).

O estilo de jogo adotado pela brasileira rompia com o tradicionalismo ainda jogado na Europa, quando comentado nos jornais era associado às palavras “violento” e “agressivo”, concorrendo às questões da fragilidade das mulheres. Para justificar o ganho dessa habilidade o irmão de Maria Esther Bueno entrava em cena, como sua principal influência para ter adquirido essa habilidade, através dos treinos contínuos.

Dotada de uma fibra extraordinária e de personalidade marcante, Maria Esther Bueno adotou um sistema quase masculino de jogo. Desde o aparecimento do famoso “Big-Game”, jogo excessivamente violento, praticado atualmente pelos maiores jogadores de tênis, especialmente pelos profissionais, como Pancho Gonzalez e Lew Hoad. Esther Bueno vislumbrou a possibilidade de um dia transformar-se na maior raquetista no mundo. Pacientemente foi assimilando conhecimentos nesse sentido. Acontece que esse sistema de jogo, ou seja o de atuar sempre na ofensiva, produz grande efeito em quadras de grama, onde o jogo é muito rápido. Em quadras de terra batida, saibro, etc, não produz o mesmo efeito. Nem por isso Esther Bueno desanimou. Continuou treinando para aprimorar e dar a maior violência possível ao seu saque. Aliás, desde o ano passado ela vinha sendo conhecida como a possuidora do mais violento serviço feminino do mundo” (ESTADAO, 05 de maio de 1959, p. 3).

“A respeito de sua maneira de atuar, com jogadas violentas, quase masculinas, o que tem sido largamente comentado pela crônica especializada da Europa, Esther Bueno declarou que esse estilo ela o adquirira, possivelmente, pelo treinamento contínuo que praticava com seu irmão, Pedro Bueno, que aliás já representou o Brasil na Taça “Davis”, devendo em grande parte tais qualidades também a Armando Vieira, com quem treinava diariamente, antes da presente excursão” (ESTADAO, 06 de julho de 1958, p. 27).

O estilo denominado “Big-Game” consistia em um saque potente e correr a rede para tentar finalizar o ponto no voleio, também é conhecido como saque-voleio. Como a intenção é definir o ponto no voleio, é preciso ter um saque eficiente que a adversária o responda com dificuldade, devolvendo uma bola de fácil voleio e finalização do ponto. Assim, a pretensão de Maria Esther era aprimorar o seu saque e refinar os seus voleios, com essas habilidades pode vencer partidas rapidamente e se destacar pela eficiência do seu jogo. Para adquirir e aprimorar essas habilidades o treinamento, mesmo que ainda em processo de construção e sistematização, era o mecanismo utilizado e enfatizado como o método que Maria Esther apoiava-se para se desenvolver como a melhor tenista do momento.

Seu jogo ofensivo, suas rebatidas variadas e firmes, suas bolas altas de execução perfeita, já despertaram numerosos aplausos e lhe permitem esperar, nas disputas de simples, excelentes resultados (ESTADAO, 26 de maio de 1959, p. 21).

Atuando de forma eficiente, com jogo variado de bolas curtas e longas, Maria Esther Bueno não teve dificuldade em vencer por 6/3 e 6/2... (ESTADAO, 20 de dezembro de 1953, p. 27).

Esther Bueno demonstrou uma grande variedade de jogo. Seus ótimos serviços e potentes tiros desconcertaram a australiana (ESTADAO, 10 de agosto de 1958, p. 25).

A potencialidade do seu serviço e a segurança de seus golpes não deixaram dúvidas, contudo, da autenticidade do prestígio com que veio precedida da Europa para competir pela primeira vez neste torneio nacional norte-americano, que até agora somente foi ganho por uma latino-americana, a chilena Anita Lizana (ESTADAO, 02 de setembro de 1958, p. 21).

Seu jogo ofensivo, suas rebatidas variadas e firmes, suas bolas altas de execução perfeita, já despertaram numerosos aplausos e lhe permitem esperar, nas disputas de simples, excelentes resultados (ESTADAO, 26 de maio de 1959, p. 21).

Com excessão de seu serviço, Esther Bueno distinguiu-se por seu excelente jogo de voleio, sempre preciso e bem apoiado e também pela maneira como variou o ritmo de seus golpes, induzindo constantemente Darlene Hard ao erro (ESTADAO, 05 de julho de 1959, p. 3).

Suas jogadas eram divulgadas com entusiasmo, indicadas como perfeitas e eficientes. Os aplausos eram retratados para valorizá-las. A variedade que conseguia impor no jogo com bolas curtas e longas, com quebras de ritmos, com saques e voleios fortes eram elementos evidenciados que tornavam o seu jogo um espetáculo. Essa potência e eficiência evidenciadas pela tenista não eram aspectos esperados para uma mulher jogadora ainda, o que fazia com

que essas características fossem constantemente relacionadas aos homens, em relação à força e a adquirir essa habilidade pelo treinamento com eles.



(ESTADAO, 13 de setembro de 1959, p. 24)

“Maria Esther Bueno, que amanhã definirá a final de simples com a norte-americana Darlene Hard, foi a figura destacada do encontro, com os serviços e os “smashes” de potência quase masculina. Ademais, seus voleios foram devastadores” (ESTADAO, 04 de julho de 1959, p. 11).

Semelhante à Maria Esther Bueno, Suzanne Lenglen, tenista francesa que jogou nas décadas de 1910 e 1920 e possuía um jogo potente, teve o ganho do seu estilo relacionado ao treinamento com homens, assim como seus golpes também eram tidos como masculinos. A sexualidade da francesa era posta em questionamento por esses aspectos:

D'autres éléments, qui s'affirment progressivement à partir du début des années 1920, renforcent l'hypothèse d'une assimilation au masculin qui déterminerait la reconnaissance de la championne moins pour elle-même que pour ses postures viriles. Il y a d'abord la *doxa* affirmant que Lenglen vaudrait bien des champions et le fait même qu'elle s'entraîne communément avec des hommes, dont elle dit aimer à la fois la proximité et la concurrence. On peut évoquer les déclarations de ses amis joueurs jugeant qu'il faudrait avoir un homme pour partenaire pour la battre en mixte. Il y a encore la rumeur sur son homosexualité et ses amitiés souvent masculines. Assurément, son physique joue un rôle: pour coquette qu'elle soit, Lenglen n'en est pas moins desservie par un visage banal voire ingrat (pourrait-on le qualifier de

masculin?). Son tempérament entier l'amène à quelques provocations sur le court où elle profère parfois des grossièretés. Enfin, on ne saurait faire abstraction de ses piques contre les sportives françaises, qu'elle juge d'humeur casanière (TÉTART, 2005, p. 77).⁹

Esse tipo de questionamento em relação à sexualidade não foi encontrado de maneira direta nas notícias da brasileira, mas em entrevistas a tenista era questionada sobre possíveis namoros. Isso demonstra a fragilidade em lidar com a possibilidade de uma mulher possuir bons resultados no esporte, com um jogo ofensivo e de maneira independente. A tenista brasileira costumava não responder essas questões e dizia preferir falar sobre o tênis e seus jogos, como em uma entrevista após ser classificada para a final de Wimbledon em 1959:

Pergunta inoportuna. A jovem brasileira mostrou desagrado quando jornalista lhe perguntou se tinha namorado. “Este não é o momento de falar dessas coisas”, respondeu (ESTADAO, 03 de julho de 1959, p. 16).

Esses elementos mostram padrões de feminilidade sendo reconfigurados pelo esporte. Assim como a indisposição que a inserção das mulheres nesse ambiente gerava. Os esportes, o treinamento corporal, as competições, o tornar-se um campeão, ainda eram territórios considerados masculinos e as mulheres que os habitavam, como Maria Esther, contribuíam para as mudanças dos padrões estereotipados de feminilidade e masculinidade, como explicita Liotard e Terret (2005, p. 11):

Par ailleurs, l'excellence sportive féminine résulte d'une conquête symbolique: celle des limites du corps qui doit composer à la fois avec les conventions sociales et avec les valeurs de la performance sportive. Car la figure de la championne se construit dans la référence constante à l'étalon des stades: mâle et adulte. Construire une nouvelle excellence corporelle revient à investir un territoire et à y reconfigurer les hiérarchies établies. Le "devenir championne" met en tension le masculin et le féminin et élabore une nouvelle figure de l'excellence, associée à de nouveaux modèles de féminité. Il en résulte un renouvellement des représentations portant sur les femmes qui met en question leurs faiblesses supposées, et engendre la reconnaissance de compétences insoupçonnées¹⁰.

⁹ Outros elementos, que se afirmam progressivamente a partir do início dos anos 1920, reforçam a hipótese de uma assimilação do masculino que determinaria o reconhecimento da campeã menos por si mesma do que por suas posturas viris. Tem em primeiro “*la doxa*” afirmando que Lenglen seria muito melhor que campeões, pelo fato dela treinar comumente com homens, diz ela gostar ao mesmo tempo da proximidade e da concorrência. Podemos evocar as declarações de seus amigos jogadores julgando que precisaria ter um homem como parceiro para vencê-la em duplas mistas. Há ainda o rumor sobre sua homossexualidade e suas amizades frequentemente masculinas. Sem dúvida, seu físico faz um papel: por mais vaidosa que ela seja, Lenglen tem um rosto banal ou mesmo ingrato (poderíamos a qualificar como masculina?). Seu temperamento faz com que sob quaisquer provocações na quadra ela profira, às vezes, grosserias. Enfim, não se pode fazer abstração de suas observações contra as esportistas francesas, que ela julga de humor caseiro (TÉTART, 2005, p. 77, tradução nossa).

¹⁰ Além do mais, a excelência esportiva feminina resulta de uma conquista simbólica: a dos limites do corpo que deve lidar ao mesmo tempo com as convenções sociais e com os valores da *performance* esportiva. Já que a figura da campeã se constrói na referência constante do garanhão dos estádios: macho e adulto. Construir uma nova excelência corporal equivale a investir em um território e a reconfigurar as hierarquias estabelecidas nele.

Suzanne Lenglen nas décadas de 1920 e 1930 – e Maria Esther Bueno, nas décadas de 1950 e 1960, têm em comum a eficiência do seu jogo. Os jornais demonstravam seus elementos técnicos, mas ainda relacionando-os ao jogo dos homens, a algo viril. Por outro lado, também abordavam assuntos como as roupas, o nervosismo, os namoros e a delicadeza, os quais eram relacionados ao universo das mulheres. Fazendo com que essas mulheres ativas no esporte pudessem até ocupar um equilíbrio entre os gêneros:

Pour autant, cette reconnaissance ne saurait se faire sans que sa féminité joue un rôle de contrebalance. Lenglen doit donc être femme, d'autant plus sans doute qu'elle ne dispose pas, naturellement, de cette beauté. Ses atours lui permettent alors d'être célébrée comme telle et de compenser (et permettre à la fois?) sa masculinisation en créant un équilibre inter-genres (TÉTART, 2005, p. 87).¹¹

Esses elementos técnicos caracterizados como pertencentes ao mundo dos homens eram também enfatizados na mídia internacional:

A potência de seu golpe é comparável a de um homem” escreveu Lance Tingy no “Daily Telegraph” e Frank Roston “um tipo de tênis de potência inigualável desde a época em que Louise Brough estava no apogeu (ESTADA, 7 de maio de 1958, p. 18).

Ainda Lance Tingy “O bom serviço, por si só não faz com que uma jogadora seja completa, mas tenho a certeza de que Esther Bueno é a jogadora de rebatida mais forte já vista nos campeonatos femininos, desde os dias de Alice Marble” (ESTADAO, 10 de maio de 1958, p. 14).

A jogadora brasileira atuou com a violência de um homem, exibindo um saque formidável e poderosos “drives” e “smashes” (ESTADAO, 27 de maio de 1958, p. 21).

Com um serviço de potência incrível em uma mulher, a senhorita Maria Esther Bueno, dominou sua rival à base de tiros longos e reverses cruzados que geralmente culminavam com impressionantes remates (ESTADAO, 28 de maio de 1958, p. 16).

Os especialistas em tênis, depois da partida semifinal de hoje entre a norte-americana Sally Moore e a brasileira Maria Esther Bueno, acentuavam, em seus comentários, a firmeza e elegância do jogo da sul-americana, particularmente os seus voleios... foi unanimemente reconhecida a superioridade do jogo da brasileira que disputará sábado a partida final (ESTADAO, 03 de julho de 1959, p. 16).

“As suas reações rápidas, a sua antecipação e velocidade nos lançamentos são tão imprevistos, que será muito difícil mantê-la longe da rede... A famosa tenista do Brasil, campeã por duas vezes do maior certame do mundo, venceu facilmente o torneio da Itália, patentizando um estilo que, indubitavelmente, é a afirmação da melhor tenista mundial da atualidade. Com a sua precisão nos lançamentos, com o

O “tornar-se campeã” tenciona o masculino e o feminino e elabora uma nova figura de excelência, associada a novos modelos de feminilidade. Sendo o resultado, uma renovação nas representações sobre as mulheres que questionam suas fraquezas e geram reconhecimento através de competências inesperadas (LIOTARD e TÉTART, 2005, p. 11, tradução nossa).

¹¹ Por tudo isso, esse reconhecimento não poderia acontecer sem que sua feminilidade faça um papel de contrabalança. Lenglen deve ser uma mulher, mesmo que, sem dúvida, ela não tenha, naturalmente, a beleza feminina. Sua elegância permite que ela seja celebrada como tal e compense (ou permita de uma vez?) sua masculinização, criando um equilíbrio entre os gêneros (TÉTART, 2005, p. 87, tradução nossa).

vigor do seu saque e de suas batidas, chega a causar inveja aos melhores tenistas da Inglaterra” Frank Rostron, London Daily Express (ESTADAO, 17 de maio de 1961, p. 20).

O que demonstra que não só no Brasil, mas nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, mesmo sendo países com maior participação e êxito de jogadoras de tênis, o saque e o voleio potentes, os golpes firmes, a variação entre bolas curtas e longas, eram elementos ainda pertencentes ao jogo dos homens. As mulheres estavam inseridas nas competições, mas adquirir gestos eficientes do jogo era um elemento novo para o período, que colocava em prova as características de cada gênero. Dualizar homem como forte e mulher como frágil não era mais possível e essas mulheres pioneiras colocavam a prova esse binarismo.

As descrições dos movimentos, dos gestos, caracterizando-os como violento, eficiente, forte e relacionando-os ao sucesso do jogo, ao predomínio de vitórias da tenista brasileira, associam-se ao que Vigarello (2011) expôs em relação ao fascínio de escrever, noticiar, o esporte a partir da “tecnicidade dos gestos”:

O fascínio vai também se voltar para a própria tecnicidade dos gestos, os textos de esporte acumulam, no começo do século XX, os inventários minuciosos, os dispositivos calculados. As descrições das “pegadas e golpes” em luta, por exemplo, no primeiro Larousse consagrado ao esporte em 1905, demoram-se sobre uma variedade infinita de “giros de quadris”, de “braços enrolados”, de “pegadas simples” e “duplas”, de “cinturas para frente”, “atrás”, “de lado”, “com flexibilidade”, “para trás” (VIGARELLO, 2011, p. 208).

A eficiência era concomitante às questões emocionais da tenista brasileira. Em alguns jogos a justificativa para suas derrotas era noticiada como a sua perda de controle do nervosismo, isso é, a instabilidade entre os pontos ganhos e perdidos. Quando ela conseguia controlá-los ou revertê-los durante a partida também era comentado:

Em verdade, suas possibilidades se equivalem, embora se julgue que Maria Esther Bueno tem recursos técnicos mais aprimorados. É possível. Leva, porém, a desvantagem de não ter podido ainda dominar seus nervos, ao passo que Ingrid atua sempre com calma (ESTADAO, 07 de setembro de 1957, p. 15).

Ingrid atuou com muita inteligência e perfeitamente senhora de seus nervos, dando-se o oposto com sua antagonista (Maria Esther Bueno), que atuou presa de exagerado nervosismo (ESTADAO, 19 de novembro de 1957, p. 19).

Esther Bueno, incontestavelmente a tenista mais completa do Torneio, mas tem extraordinárias passagens fracas... Esther Bueno teve outra vez uma passagem fraca após o primeiro jogo da segunda série e conseguiu apenas ganhar dois pontos em três jogos. Felizmente, a brasileira se refez bruscamente, e a partir desse momento, dominou totalmente sua adversária (ESTADAO, 27 de junho de 1959, p. 10).

Perfeita a técnica de Esther. A técnica perfeita e a potência de seus saques, aliados a uma tática impressionante, constituíram-se em fatores decisivos em todas as partidas que Esther Bueno apareceu. Com tantos predicados, a tenista brasileira pode, mesmo

em situações adversas, ou quando o nervosismo a prejudicava, levar de vencida adversárias valorosas (ESTADAO, 13 de setembro de 1959, p. 22).

Confirmando o prestígio com que chegou da Europa para tentar a sorte pela primeira vez em Forest Hills, a senhorita Esther Bueno não acusou tensão nervosa ao apresentar-se na quadra central – que com frequência afeta os nervos dos jogadores jovens e começou serenamente a dar conta da senhorita Arnold com tiros potentes e bem colocados, vencendo a primeira série com facilidade (ESTADAO, 31 de agosto de 1958, p. 30).

O nervosismo e impaciência de Esther, contudo, foram-lhe adversos... A brasileira acalmou-se e anulou, por sua vez, o serviço da adversária com facilidade...No oitavo jogo, a impaciência de Esther Bueno quase lhe foi fatal novamente... A um ponto da vitória, a brasileira serviu com tremenda potência. A devolução de sua adversária deu na rede, e tudo terminou (ESTADAO, 13 de setembro de 1959, p. 22).

A questão emocional estava presente nas descrições dos jogos e diferentemente da eficiência técnica e tática ela não foi relacionada ao universo dos homens, isso é, não foi comparada ao nervosismo presente nos jogos dos homens. Demonstrando a instabilidade ao representar uma mulher a partir de elementos considerados femininos (emocionais) e masculinos (técnicos).

Outro aspecto marcado pelo gênero, além da questão emocional, são as roupas. Nos anos de 1920 as roupas de tênis já passavam por transformações, segundo Soares (2011, p. 65):

No que diz respeito às roupas em geral e às roupas esportivas em particular, os anos de 1920 introduzem, também, o item conforto. Assim, por exemplo, se pensarmos na prática do tênis, veremos que esse esporte acompanhou uma certa moda das roupas em geral, e se as saias eram longas na vida cotidiana, assim permaneciam nos uniformes. Contudo, a partir do momento em que elas são encurtadas especificamente para a prática do tênis, ou seja, exatamente nos anos de 1920, elas nunca mais voltaram a ser compridas, permanecendo conforme outra lógica de movimentos. Mesmo mais longas na vida cotidiana, nas quadras elas permanecem curtas.

As roupas não são mais transpostas do cotidiano para a prática esportiva e sim formuladas especificamente para o exercício, “atestando, assim, a especialização de funções, mas sublinhando sempre, para as mulheres, aspectos relativos à beleza e elegância” (SOARES, 2011, p. 65).

A tenista brasileira foi uma das representantes em evidenciar a roupa esportiva específica para o tênis. Um costureiro chamado Teddy Tingling formulava modelos diferentes a cada campeonato para ela.

Astros do tênis internacional apresentaram os modelos criados para a temporada de 1968, em Wimbledon, baseados na era espacial e na tecnologia dos computadores. Na foto Keystone – O Globo, aparecem Maria Esther Bueno, do Brasil, ao lado de Teddy Tingling, criador do novo estilo,... (O GLOBO, 1968).

O uso dessas roupas demonstrava uma “moda esportiva” que resultou de uma educação corporal especializada ao esporte, conforme afirma Soares (2011, p. 69):

Vestir-se para exercitar o corpo em práticas distintas, portanto, é parte de uma nova sensibilidade, de um novo modo de vida, resultado de uma educação especializada e dirigida ao corpo, da inserção num mundo regido por padrões, comportamentos, atitudes, hábitos novos.

Maria Esther utilizou as roupas como artifício de melhora de *performance*, pelos modelos serem pensados especificamente de acordo com os movimentos da modalidade:

Maria Esther usava um belo costume, desenhado por Teddie Tingling, cognominado “o deus das quadras de tênis”. O próprio criador disse ter admirado a forma como o vestido acompanhava as linhas do corpo sem dificultar os movimentos, apesar de sua gola redonda e de 200 botõezinhos dourados (ESTADAO, 23 de junho de 1965, p. 17).

Eram roupas específicas para a modalidade e para a tenista, acompanhavam as mudanças no corpo dela, sendo necessárias mensurações de peso, altura, composição corporal de maneira geral. Assim como o treinamento começou a ser pautado em parâmetros mensuráveis, as roupas também utilizavam métodos sistematizados para produzir conforto e eficiência.

Contudo não esconde sua preocupação com o excesso de peso, pois seu costureiro, Teddy Tingling, ficou surpreendido ao retomar as medidas para confeccionar seu guarda-roupa para o torneio de Wimbledon. Afirmou Tinning que Maria Esther aumentou quatro quilos a mais nos últimos doze meses. E, na verdade, a tenista parecia mais gorda durante a exibição de hoje, embora esse fato não lhe tenha prejudicado os movimentos (ESTADAO, 24 de junho de 1964, p. 18).

Além da eficiência, as questões estéticas, reforçando uma questão de gênero, também era presente. Os detalhes costurados, as cores, o modelo, chamavam a atenção e eram evidenciados. A beleza e a elegância permaneciam juntos com a especificidade para o esporte.

Usando um traje esportivo tipo “saco”, enfeitado com palmeiras, a tenista brasileira Maria Esther Bueno aparece na foto tirada quando venceu a australiana Thelma Long, no dia 30 último, pelo Torneio de Wimbledon (ESTADAO, 03 de julho de 1958, p. 17).

Decepcionada com a proibição de usar roupas coloridas, Esther apresentou-se com indumentária branca. Pelo fato de a tenista brasileira apresentar-se com trajes coloridos em 1962, foi determinada a atual proibição (ESTADAO, 24 de junho de 1964, p. 18).

A moda esportiva extravasava o entorno das quadras de tênis, a própria tenista brasileira participou de um desfile de moda com traje esportivo:

Maria Esther desfila moda

A campeã brasileira Maria Esther Bueno apresentou anteontem em Londres, durante um desfile de modelos, um traje revolucionário de prática de tênis: parcialmente transparente e ultracurto.

As partes não transparentes são o talhe e o regaço. O conjunto é tão curto que as minissaias, a seu lado, parecem de pudor extremo.

Maria Esther Bueno esclareceu que talvez não apareça nas quadras com o modelo. Com efeito, as partes transparentes são de plástico, “material quente, como todo mundo sabe”, explicou a esportista.

Há quatro anos, a própria Maria Esther Bueno exibiu nas quadras de Wimbledon uma roupa interior de cor e formato tão audaz que os espectadores se inclinaram a seu favor. Consequência: no ano seguinte, exigiu-se que as participantes usassem a côr branca em sua roupa fina (ESTADAO, 19 de junho de 1966, p. 30).



Essa dualidade entre a roupa especializada e a elegância como um marcador de gênero foi explorada por Jamain (2005, p. 38):

En s'inscrivant dans une logique de performance au même titre que les hommes, la plupart des sportives ne répondent pas aux prescriptions vestimentaires qui leur sont adressées. Tantôt masculines, et donc en transgression avec le genre féminin, tantôt sportives, ces femmes sont systématiquement soumises et confrontées à deux types

de modèles: celui définissant les règles du genre et celui de la performance. Ainsi, les vêtements sportifs sont amenés à jongler entre les prescriptions du genre d'un côté et de l'autre une logique sportive. Ce qui tendrait à montrer que le modèle de performance s'exprime, sur le plan vestimentaire, différemment selon la définition de la féminité du moment¹².

A autora expõe uma aproximação a partir do fim dos anos 1950 entre as roupas esportivas dos homens e das mulheres, indicando o tênis como uma das modalidades em que as vestimentas não sofreram tantas alterações e continuaram marcadas por aspectos da feminilidade. Jamain (2005, p. 47) concluiu com isso que essas mudanças nas roupas poderiam ter aproximado os gêneros de um neutro, uma vez que não mais se distinguem por elementos da masculinidade ou feminilidade:

Une ère nouvelle se profile pour les sportives et leurs vêtements à la fin de années 1950...L'interêt se porte désormais sur les performances de athlètes féminines, au même titre que leurs homologues masculins. Tout semble indiquer que la recherche de performance et la loi sportive prennent le dessus sur les prescriptions du genre. Sur le plan vestimentaire, les signes d'appartenance au genre féminin s'estompent au profit de indifférenciation sexuelle. Aux impératifs d'esthétisme succèdent des soucis de rationalité pratique et de confort, indispensables à la performance. Difficile de faire la différence entre un vestiaire d'hommes ou de femmes. Seules quelques activités semblent résister à cette évolution vestimentaire et se maintiennent dans des "bastions de féminité". C'est le cas du hockey sur gazon ou du tennis... Ainsi, le vêtement sportif est à l'origine d'un nouveau genre: ni masculin, ni féminin, un "neutre sportif"...¹³.

O aspecto da diferenciação entre as roupas masculinas e femininas não foi semelhante ao que pudemos observar das roupas utilizadas por Maria Esther Bueno, comprovando a constatação da autora ao indicar o tênis como uma das modalidades que manteve diferenciações de gênero nas suas vestimentas. Elas eram relacionadas ao conforto e ao rendimento esportivo, porém possuíam aspectos de elegância e beleza, com detalhes nos cortes e nas próprias peças, por serem saias e vestidos.

¹² Se inserindo em uma lógica de rendimento da mesma dimensão dos homens, a maioria das esportistas não respondem às prescrições de vestuários que lhes são endereçadas. Ora masculinas e, portanto em transgressão com o gênero feminino, ora esportistas, essas mulheres são sistematicamente submetidas e confrontadas a dois tipos de modelos: aquele definindo pelas regras do gênero e aquele pelo rendimento. Assim, os vestuários esportivos são levados a fazer malabarismos entre as prescrições, de um lado, do gênero e do outro, de uma lógica esportiva. O que indica que o modelo de *performance* se expressa, no plano de vestuário, de maneira diferente da definição de feminilidade do momento (JAMAIN, 2005, p. 38, tradução nossa).

¹³ Uma nova era se aproxima para os esportistas e seus vestuários no final dos anos 1950... O interesse centra-se agora na *performance* das atletas femininas, assemelhando-as dos seus homólogos masculinos. Tudo parece indicar que a busca do rendimento e a lei esportiva prevalece sobre as prescrições de gênero. No plano vestuário, os signos característicos de pertencer ao gênero feminino desaparecem em proveito da indiferenciação sexual. Aos imperativos da estética sucedem as preocupações de prática e conforto, indispensáveis ao rendimento. Difícil indicar a diferença entre um vestuário de homem ou de mulher. Somente algumas atividades parecem resistir a essa evolução do vestuário e se mantiveram nos "padrões de feminilidade". Foi o caso do hóquei na grama e do tênis... Assim, o vestuário esportivo da origem a um novo gênero: nem masculino, nem feminino, um neutro... (JAMAIN, 2005, p. 47, tradução nossa).

Aspecto esse que vai de encontro com o conceito neutro de gênero, a neutralidade não era por não haver parâmetros masculinos ou femininos e sim por eles estarem em uma tentativa de equilíbrio. As roupas mudaram, tornaram-se melhores para o movimento ao mesmo tempo em que possuíam indicadores de feminilidade, com suas cores e cortes.

Assim, as roupas e o treinamento corporal foram dois elementos que sofreram mudanças, exercendo influência um sobre o outro. Na carreira de Maria Esther Bueno, o seu treinamento, seu estilo de jogo - performático, eficiente - a tornou a melhor jogadora de tênis do seu período, concomitante às roupas por ela utilizadas já adaptadas à prática esportiva. O conjunto desses aspectos favoreceu a execução de seus movimentos ofensivos no jogo, sem deixar de representar elegância e beleza. Esses atributos balanceavam as características viris do seu jogo ofensivo, fazendo com que questões como sua sexualidade, não fossem colocadas à prova.

A constituição do treinamento sistematizado no período estava em construção, pouco era comentado nos jornais em relação a isso, o que permite a hipótese de que a falta de rigor acarretasse em lesões frequentes.

O treinamento corporal sistematizado ganhou espaço junto com o aumento da prática dos esportes. Ele é relacionado ao desenvolvimento metódico das capacidades físicas, tornando-se uma ferramenta para as transformações corporais. Além de tornar-se um espaço de conhecimento de si próprio, um domínio dessa esfera. O corpo tornou-se maleável, disposto a mudanças indefinidas e até perigosas pelas aproximações com o limite, com levá-lo através do treinamento ao extremo e transformá-lo a partir disso, acoplando essa transformação às questões da identidade (VIGARELLO, 2011, p. 197-198).

Pierre de Coubertin em suas propostas esportivas as relacionava com aspectos corporais e do treinamento, segundo Vigarello (2011, p. 199):

Pierre de Coubertin, que privilegia as técnicas dos esportes e das competições para prometer uma total “perfeição corporal”. Oposições dispersas sem dúvida, querelas pessoais também, mas que revelam um triunfo definitivo do exercício “construído”, o de movimentos sistematizados, mecânicos e preciosos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos: neles, o corpo seria educado de acordo com um código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte.

O treinamento passou por mudanças no início do século XX, relacionando-se mais aos gestos e seus efeitos. Poucas informações foram divulgadas sobre os treinamentos da tenista. Sabe-se que enquanto estava no Brasil treinava com o seu irmão e a partir de 1959 ela

começou a treinar com um técnico australiano. Porém, como se constituíam esses treinamentos, quais elementos, periodicidade, não foi divulgado.

(...)Maria Esther Bueno vem exercitando-se a fim de manter sua forma técnica e física. Preferimos manter em sigilo o local de seus treinos, uma vez que a grande tenista patricia não deseja ser molestada durante esse período. Ainda ontem, Maria Esther Bueno exercitou-se durante duas horas e meia e demonstrou cabalmente a razão pela qual conseguiu o título mundial de tênis. Sua principal característica, ou seja o jogo violento, continua sendo sua principal arma. Impressionou extraordinariamente a todos aqueles que tiveram oportunidade de presenciar seu treino (ESTADAO, 23 de outubro de 1958, p. 16).

Um fato interessante ocorreu em Paris, no começo da temporada. Harry Hauptman, que foi um dos grandes jogadores australianos, observou o jogo da campeã brasileira. Finda a temporada em Paris, Hauptman procurou Maria Esther, oferecendo-se para orientá-la em Wimbledon. Maria Esther, na Inglaterra começou a treinar diariamente com o australiano, inclusive na véspera e mesmo no dia das partidas.

Comentando-se o fato em carta a seus pais, Maria Esther explica os pormenores dos treinos especiais. Hauptman exigia da campeã treinos de corrida, e posteriormente, Esther exercitava-se contra uma dupla masculina, composta na maioria das vezes, por Frazer e pelo próprio treinador. Esse duro exercício, no qual Maria Esther enfrentava dois grandes tenistas masculinos, simultaneamente, de acordo com o relato da campeã, aprimorou muito seu estado físico e técnico (ESTADAO, 05 de julho de 1959, p. 23).

A jogadora paulista revelou a imprensa que tinha treinado diariamente durante três semanas, tendo em vista o torneio de Wimbledon... (ESTADAO, 03 de julho de 1964, p. 18).

O treinamento estava passando por mudanças no período, transformando-se em método científico, elaborando elementos específicos, as modalidades se encontravam em diferentes momentos de utilização desse método. Os países também adotavam formas distintas de treinamento, conforme já mencionado, no que se refere ao estilo de jogo, defensivo entre as tenistas da Europa, enquanto as norte-americanas e australianas adotavam um jogo mais ofensivo.

Adicionado ao fato de não constarem informações sobre o treinamento da atleta, suas viagens eram feitas sozinha, sem uma comissão técnica, sem profissionais como treinadores, médicos e fisioterapeutas. Tais aspectos são indícios de um treinamento esportivo ainda frágil e pouco sistematizado, aumentando a incidência de lesões durante a sua carreira. As lesões, mais do que o treinamento, eram destaque nos jornais, enfatizando também o esforço da atleta em superá-las e continuar competindo.

Como se não fossem poucos os problemas da nossa campeã, Maria Esther Bueno várias vezes teve que interromper suas campanhas, por lesões musculares. Durante dois anos lutou contra uma luxação no ombro direito. Sarada essa lesão, Maria Esther Bueno há poucos dias sofreu uma torsão, desta vez nas costas motivada pelo

seu grande esforço ao executar o saque. Aliás, diga-se de passagem, o saque feminino mais violento do mundo (ESTADAO, 09 de outubro de 1959, p. 13).

Já na capital, disse Maria Esther que sua maior preocupação no momento são as dores provocadas pelas câibras e o joelho esquerdo que está ligeiramente inchado. Deverá seguir tratamento com seu médico particular. Acredita a tenista que se recuperará em pouco tempo, podendo logo reiniciar os treinos para, dentro de aproximadamente dois meses, seguir novamente para a Europa... (ESTADAO, 25 de fevereiro de 1965, p. 22).

Treinos controlados e tratamento médico intenso permitiram a Maria Esther Bueno recuperar quase completamente seu melhor estado físico... Maria Esther exercita-se três vezes por semana nas quadras do Morumbi, sempre observada pelo médico. Até amanhã fará treinos leves, sem emprenhar-se com mais rigor, porém a partir da próxima terça-feira passará a realizar “sets” com seu “sparing” Zuchetto. A realização de “sets” dará a Maria Esther Bueno maior agilidade e os exercícios de natação, corridas, piques e saídas farão com que atinja a forma física e técnica ideal... Após todos os treinos que faz no Morumbi, Esther comparece ao Departamento Médico são-paulino, onde Flavio aplica massagens e duchas na perna da tenista, cuja musculatura apresentava acentuados sintomas de fadiga (ESTADAO, 02 de abril de 1965, p. 18).

O treinamento, mesmo não muito detalhado, foi um fator determinante para o jogo de Maria Esther Bueno, concomitante à absorção dessa nova forma sistematizada de praticar um esporte que teve a sua expansão um pouco antes do período em que a tenista jogou. O desenvolvimento do treinamento foi concomitante a uma nova disciplina dos corpos, iniciada no começo do século XX e presente nessa segunda metade. Assim, com algumas palavras de Vigarello (2011) ao definir rapidamente o treinar e o sucesso, pode-se dizer que a tenista brasileira soube aproveitar esses elementos para construir sua carreira e tornar-se a maior jogadora de tênis do mundo entre 1950 e 1970.

Treinar é dar a si mesmo os meios que “naturalmente” não se impõem; ter sucesso é inventar instrumentos, aplicar astúcias, desenvolver procedimentos, tanto uns como os outros pacientemente construídos e calculados (VIGARELLO, 2011, p. 249).

5. Considerações finais

Essa pesquisa explorou os fatores que influenciaram na carreira da tenista Maria Esther Bueno, com o objetivo de compreender a trajetória de uma brasileira que conseguiu se inserir de forma competitiva em um esporte, em um período que isso não era tão comum.

Maria Esther Bueno venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis, foi considerada a melhor jogadora do mundo no seu período, ganhou jogos através do seu jogo ofensivo inovador em tempos recordes e ousou nos modelos de suas roupas, inserindo-as em um novo momento das roupas esportivas, as eficientes para os movimentos e à modalidade.

O jornal “O Estado de São Paulo” foi uma instituição essencial para o seu êxito. A partir do patrocínio oferecido, permitiu que a tenista pudesse se dedicar exclusivamente ao tênis, podendo treinar e participar dos campeonatos internacionais. Foi um meio de comunicação importante para a divulgação da sua carreira, nos 20 anos aqui pesquisados, encontramos aproximadamente 1000 incidências da tenista no jornal, demonstrando a vontade de mostrá-la como retorno do patrocínio, mas também evidenciando a escolha que o jornal fez em patrocinar uma mulher tenista. Escolha inovadora para o período.

Com suas participações em competições, com seu jogo ofensivo, com sua independência para viajar ao exterior, com a obtenção de patrocínio, com sua apropriação de roupas esportivas especializadas para a modalidade, Maria Esther rompeu com padrões estabelecidos e esperados às mulheres entre os anos de 1950 e 1960.

Ao noticiarem os acontecimentos da trajetória da tenista, os jornais apresentaram continuidades e rupturas nos padrões de gênero da época. Maria Esther e outras jogadoras possuíam espaço e visibilidade nas notícias. Seus jogos eram noticiados, as vezes até com entusiasmo, e valorizados pelos elementos técnicos e táticos presentes nas partidas. De modo concomitante, a elegância e a beleza de seus gestos e roupas ganhavam destaque. A inserção de mulheres nesse ambiente competitivo se dava pelo jogo propriamente dito, mas com toques de aspectos considerados femininos, legitimando assim essa prática entre elas.

A trajetória da tenista brasileira indicou que o Brasil possuía um circuito de campeonatos de tênis nacional, associado aos latino e norte americanos que já permitia que atletas brasileiros, homens e mulheres, obtivessem destaque e recebessem convites para jogar no exterior. As instituições organizadoras, como federações e confederações, associavam-se aos clubes para realizar os campeonatos, algumas vezes até com a presença de jogadores

estrangeiros. Essa estrutura possibilitou que um determinado segmento privilegiado de mulheres, frequentadoras de clubes privados, tivessem acesso à prática de um esporte de maneira competitiva.

Os dados encontrados trazem evidências de diferenças na inserção esportiva de mulheres no exterior em relação ao Brasil. Embora a delimitação dessa pesquisa não possibilite comprovar, os dados obtidos indicam que a carreira de Maria Esther parece ter sido tão bem sucedida justamente pela inserção internacional, em países em que a inserção das mulheres no esporte talvez estivesse mais consolidada.

Assim como nos campeonatos brasileiros, nos internacionais já havia presença de mulheres tenistas. Maria Esther não foi pioneira em participar deles, mas foi em sair sozinha do país para jogar, sem uma comissão técnica especializada, organizando suas próprias viagens e apresentando um jogo ofensivo inovador. Partiu de um país com pouco estímulo à prática esportiva para mulheres, a qual estava restrita a quem pudesse frequentar os clubes privados, vencendo de forma inédita, dando destaque ao Brasil e à América do Sul no circuito de tênis internacional.

Seu jogo potente, seus saques e voleios certos, a colocaram entre as melhores jogadoras do mundo no período. Começou a jogar tênis com seu irmão e depois treinou com o australiano Harry Hauptman. Constituiu-se como tenista na companhia de homens, adquirindo força, potência e eficiência nos gestos. Por outro lado, tais características eram constantemente relacionadas à leveza e sutileza de movimentos, indicando uma dualidade ao narrar o seu jogo, de modo que fosse aceito mesmo sendo executado por uma mulher.

Os princípios do treinamento estavam sendo formulados, sem ser possível indicar particularidades de como a Maria Esther praticava o tênis. No entanto, quando ia para temporadas no exterior, participava de uma extensa sequência de jogos, apresentando um jogo potente e provavelmente sem exercícios de força adequados. Tais fatos, ao lado da falta de especificidade e adequação do treinamento à modalidade, à idade e ao gênero parecem estar relacionados às muitas lesões ao longo da sua carreira.

Além do treinamento, as roupas esportivas passavam por um processo de especialização. Elas não mais eram formuladas a partir das roupas do dia-a-dia, passando a ser pensadas com exclusividade para cada modalidade, para que os movimentos e gestos não ficassem limitados pelas vestimentas. Eram inovadoras pela especificidade esportiva, ao

mesmo tempo em que mantinham elementos pertencentes aos padrões da feminilidade, com as cores, bordados e estampas.

Essa dualidade entre a inserção e apropriação das mulheres ao ambiente esportivo - seus golpes potentes, suas roupas especializadas, a participação nos maiores campeonatos, a visibilidade em jornais de grande circulação - apontam as rupturas que Maria Esther Bueno executou. Sua atuação colocava em cheque dimensões conservadoras sobre o lugar social das mulheres, como pertencentes ao ambiente doméstico, às atividades ligadas à família e à maternidade. O esporte proporcionou uma inserção no ambiente social, permitindo a circulação por diferentes países, de forma independente sem uma tutela masculina.

A partir de Vigarello (2011), Tetart (2005), Jamain (2005), podemos afirmar que os esportes são palco de mistura entre elementos de feminilidade e masculinidade e Maria Esther Bueno estabeleceu bem o diálogo e a interseção entre campos, naquela época, bastante dualizados. Suas roupas primavam pelo conforto e eficiência esportiva, indispensável para a *performance*, ao mesmo tempo que traziam marcas de beleza e elegância. Seu modo de vestir, especialmente projetado por um estilista, permitiam agilidade e garantiam certo ar de leveza aos seus gestos potentes, favorecendo sua eficiência, sem ter aspectos de sua feminilidade questionados. Podemos pensar no surgimento de um gênero esportivo, que intersecciona aspectos considerados masculinos e femininos. Embora não deixem de existir, suas fronteiras tornam-se menos rígidas e intercambiáveis. Além da sua eficiência esportiva, esta também parece ter sido indispensável para a consagração desta atleta, obtenção de patrocínio e grande visibilidade na imprensa.

Esse gênero esportivo pode ser encontrado nas notícias referentes aos jogos de Maria Esther Bueno e de outras tenistas. A mudança de uma prática esportiva descompromissada para uma competitiva, bem como a adoção das mesmas regras e objetivos permitiram que as mulheres conquistassem esse espaço. O destaque era dado à eficiência dos seus jogos e às suas capacidades físicas. Simultaneamente, a ênfase na delicadeza e beleza dos gestos aparecia como elemento para balancear os anteriores, abrindo espaço e legitimando a presença de mulheres no esporte.

Esse gênero esportivo e essa maneira de retratar mulheres atletas, foi relevante para a transição entre uma prática não institucionalizada para uma prática esportiva competitiva no tênis, despertando interesse da mídia impressa pelas partidas de mulheres. Às mulheres com acesso a clubes privados começa a ser oportunizado um novo jeito de jogar, uma nova

inserção na vida pública. A experiência no esporte possibilitava ocupar esse lugar de confronto e balanceamento entre preceitos tradicionais e inovadores, gestando novas possibilidades de constituir-se mulher na sociedade brasileira.

A inserção de Maria Esther Bueno no esporte não foi uma prática totalmente transgressora, ao contrário, esteve carregada de elementos conciliadores, os quais não impediram rupturas importantes. Havia uma fluidez entre elementos femininos e masculinos na transmissão das informações sobre seu jogo. Se sua potência e eficiência esportiva eram destaque, elementos femininos também se faziam presentes, fornecendo equilíbrio para sua legitimação como atleta.

Ao contrário do que a imprensa por vezes noticiou sobre ser levada pela emoção em jogos decisivos, Maria Esther Bueno tomou decisões assertivas sobre sua carreira e sobre a construção da sua imagem como mulher atleta. Ao invés de desequilíbrio, havia um equilíbrio potente entre elementos de feminilidade e os atributos e qualidades necessárias ao bom desempenho esportivo.

Pesquisar a carreira de Maria Esther Bueno nos mostrou os elementos que ela propagou através das suas conquistas, com a inovação do seu jogo potente e das suas roupas especializadas e nos trouxe a reflexão entre os elementos conservadores e inovadores ao representar uma mulher em um ambiente competitivo.

Referências bibliográficas

- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”. **Revista Estudos Feministas**. v.19, n.2, p. 491-501, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X20011000200012>.
- ALVES, J. A. B., PIERANTI, O. P. O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE – eletrônica**, v. 6, n. 1, janeiro-julho, 2007.
- ANTUNES, F. M. R. F. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BAHIA, L. M. dos S., SILVA, M. C. de P. Histórias e memórias das mulheres na travessia a nado Mar Grande – Salvador: ousadias no mar aberto. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 14-25, 2018.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 560p, 2015.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, janeiro-junho, p. 249-274, 2014.
- CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- CARTA, Gianni; MARCHER, Roberto. **O tênis no Brasil: de Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten**. São Paulo: Códex, 2004.
- CORTELA, C. C., GONÇALVES, G. H. T., KLERING, R. T., BALBINOTTI, C. A. A. O “estado da arte” nas publicações sobre tênis em periódicos nacionais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 15, n. 2, 2016.
- CRUZ, A. C. C. Mulheres nas pranchas: trajetória das primeiras competidoras do surfe carioca. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH**. São Paulo, julho 2011.
- DUNNING, E. **Esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.
- DUTHEIL, F., FORTUNE, Y., LEMONNIER, J-M. La construction laborieuse d’un tennis open: actions et positionnements des instances fédérales françaises sur la question de l’amateurisme et du professionnalisme (1958-1968), **Sport History Review**, v. 48, p. 37-56, 2017.
- FARIAS, Cláudia Maria de. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 43, vol. 22, janeiro-junho, 2009.

FARIAS, Cláudia Maria de. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, vol. 3, setembro-dezembro, 2011.

FARIAS, Cláudia Maria de. **Sonhos, lutas e conquistas**: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979. 2012. 246f. Tese (Doutorado em História Social)- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, v. 17/18, 2001/02. p. 9-79.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**- nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8, n. 1, 2006.

GOELLNER, Silvana V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/agosto 2007.

GOELLNER, Silvana V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, p. 45-52, jan/jun 2013.

JAMAIN, S. Le vêtement sportif des femmes des “années folles” aux années 1960. De la transgression à la “neutralisation” du genre. In: SAINT-MARTIN, J., TERRET, T. **Sport et genre**, vol 3, 2005, p. 35-48.

JEFFERYS, K. The triumph of professionalism in world tennis: the road to 1968. **The International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 15, p. 2254-2269, 2009.

LAKE, R. Discourses of social exclusion in British Tennis: historical changes and continuities. **The International Journal of Sport and Society**, v. 4, p. 1-11, 2014.

LAPUENTE, R. S. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Bilros**, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.-jun., 2016.

LIOTARD, P., TERRET, T. Féminités et masculinités sportives. In: LIOTARD, P., TERRET, T. **Sport et genre**, vol. 2, 2005, p. 9-12.

LOPEZ, A., MOTA, C. G. **História do Brasil**: uma interpretação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

LUCA, T. R. de. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, C. B. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-155.

MACEDO, C. G., GOELLNER, S. V. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em História da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência do Movimento**, v. 21, p. 157-165, 2013.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 2, maio-agosto 2008.

MATHIAS, M. B.; RUBIO, K. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 277-86, abr/jun 2010.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.

MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M. P. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 263-75, abr/jun 2011.

MOREIRA, J. F. A. D. A., A especialização do Conselho Nacional de Desporto e o Plano Nacional de Educação Física e Desporto. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio**, 2016.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. **Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras**. 2012. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v. 8 (2), 2000.

PINSKY, C. B. **Mulheres nos anos dourados**. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de; SZWAKO, J. E. (orgs). **Diferenças, igualdade**, São Paulo: Berlendis & Vertecchia, p. 118-152, 2009.

ROMARIZ, Sandra Bellas; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 207-216, dez. 2007.

SCHPUN, M. R. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. (org.). **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez, 1995.

SILVA, C. L. da, COSTA, I. P., SILVA, M. M. e, CAREGNATO, A. F., CAVICHIOLLI, F. R. A configuração do tênis de campo infante juvenil brasileiro: primeiras descrições. **Pensar em movimento**: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud, v. 15, n. 1, 2017.

SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

TÉTART, Phillippe. Quel genre pour la championne? Sur la représentation de Suzanne Lenglen (1914-1921). In: LIOTARD, P., TERRET, T. **Sport et genre**, vol. 2, 2005, p. 73-90.

TITSKI, A. C. K., QUEIROZ, K. F. da S., ZANLORENZI, T. D., AZEVEDO, P. C. S., SOUZA, E. C. A de, COSTA, F. S. da, CAPRARO, A. A mulher nadadora na perspectiva da revista Educação Physica (1932-1945): da estratégia publicitária à atleta potencial. In: **1º Encontro da Alesde** “Esporte da América Latina: atualidade e perspectivas”, 2008.

TRINDADE, Nadyne Venturini; LERINA, Diego Boeira. Atletismo feminino nos jogos olímpicos: a participação das brasileiras nas provas de maratona. **FIEP BULLETIN**, v. 83, special edition, 2013. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net>. Acesso em: 08 junho 2016.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 3.

VIGARELLO, G., Treinar. p. 197-250. In: CORBIN, A., COURTINE, J.-J., VIGARELLO, G. **História do corpo, As mutações do olhar, O século XX**, Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2011.